

Eneida de Goes Leal

ELISÃO SILÁBICA E HAPLOLOGIA: ASPECTOS FONOLÓGICOS DO FALAR DA CIDADE PAULISTA DE CAPIVARI

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Letras, área de Semiótica e Linguística Geral.

Orientadora: Prof^a Dr^a Raquel Santana Santos

São Paulo
2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Raquel Santana Santos

Profª Drª Evani Carvalho Viotti

Prof. Dr. Plínio Almeida Barbosa

A Nim, Glória e Belinda, que são a minha vida.

...a semeadura é opcional; a colheita é obrigatória. Não é possível que o semeador não esteja, de alguma forma, vendo sua colheita...

Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro...

Machado de Assis

Meus Agradecimentos:

Bê, irmã de sangue e coração, Nim e Gló, meus primeiros “orientadores”: é inefável agradecer todo conhecimento, ajuda, atenção a mim dedicados hoje e sempre. Agradeço por vocês existirem na minha vida.

Aline Cruz, André Nogueira Xavier, Camile, Cristiane Conceição Silva, Fernanda Consoni, Maria de Fátima de Almeida Baia, Milca Veloso Nogueira, Renata Lúcia Moreira e Walter Tsuyoshi Sano: por todas as elucidações acadêmicas e pelos desestressamentos tão necessários. Milca e Renata, por sempre estarem por perto nos momentos de aperto e pela grande amizade que nessas meninhas-sábias encontrei.

A todo mundo da Ca de Madeira, especialmente a Bri (pela valiosíssima contribuição como informante), Daniel (pelas ajudas com a informática), Julinho (pelas ondas) e Pole (pela contribuição como informante).

Di e Bi, minhas irmãs de coração, a quem sou eternamente grata por fazerem parte do que sou. Sem vocês, não haveria nem graduação...

Everardo, por tudo que me ensinou e ensina. Por ser, para mim, um pai.

Gade, por todas as discussões psico-filosóficas...

Ao Julian, por estar sempre disposto a revisar o meu texto.

Prof. Dr. Paulo Chagas de Souza e Prof. Dr. Leo Wetzels pelos comentários relativos à análise prosódica.

Prof. Dr. Plínio Barbosa, por todos os ensinamentos sobre fonética e pela valiosíssimas contribuições como parte da banca na minha defesa de mestrado.

Prof^a Dr^a Ana Paula Scher, além de ter sido minha orientadora na iniciação científica, agradeço por ter sido a chave que me pôs no caminho certo para o mestrado.

Prof^a Dr^a Anne Breitbarth, pelos diversos auxílios à distância.

Prof^a Dr^a Evani Viotti, pelas discussões sobre o meu trabalho e também por me preparar para a obtenção da bolsa, quando da viagem de pós-doutoramento de minha orientadora. Agradeço também pela contribuição como parte da banca na minha qualificação e defesa de mestrado.

Profª Drª Luciani Tenani (Unesp), pelas discussões a respeito de haploglogia, no 53º GEL, realizado em julho de 2005.

Prof. Dr. Jairo Nunes, pelos grandes esclarecimentos nas pequenas reuniões sintáticas.

Profª Drª Paula Fikkert, pelas reuniões e pela companhia.

Profª Drª Beatriz Raposo, pelas discussões na qualificação.

Funcionários do Departamento de Linguística – especialmente à Érica, competência personificada – agradeço, além dos burocráticas, as divertidas horas.

Eduardo, um impulso para a escrita desta dissertação e um exemplo de seriedade e dedicação a ser seguido. JTP.

CNPq, Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela bolsa concedida.

Profª. Drª. Raquel Santana Santos,

Agradeço por ensinar a ser não somente uma pesquisadora, mas uma Boa Pesquisadora: sempre foi um porto-seguro saber que meus olhos seriam olhados pelos seus. Fico grata pela extrema competência, dedicação, consistência, objetividade... com que me orientou por todo o mestrado.

Ad infinitum: brigada, Raquel!

Resumo

Esta dissertação trata da queda de sílaba em limite de palavra no falar da cidade paulista de Capivari, observando-se em quais contextos esse processo fonológico pode ocorrer e em quais nunca ocorre. Para realizar essa análise, são considerados três níveis fonológicos, quais sejam: segmental, prosódico e métrico.

A queda de sílaba é tratada como dois tipos distintos de redução fonológica: na elisão silábica, há dessemelhança entre as consoantes das sílabas envolvidas; com relação à haplologia, as consoantes das sílabas são iguais ou semelhantes – a diferença entre elas está apenas no traço [sonoridade].

Pôde-se constatar, pela análise de contextos segmentais, que tanto a elisão silábica quanto a haplologia são processos regidos pelas mesmas regras, uma vez que ambos os processos se dão no mesmo ponto de consoante para que possa haver efetiva queda de sílaba. E, da mesma forma, esses processos fonológicos podem ocorrer em qualquer nível da hierarquia prosódica. Isso evidencia que a elisão silábica e a haplologia são de fato o mesmo processo fonológico.

Finalmente, a análise métrica aponta as mesmas propriedades para a elisão silábica e para a haplologia no que diz respeito ao uso desses processos para otimizações rítmicas.

PALAVRAS-CHAVE: 1. Fonologia. 2. Redução. 3. Elisão silábica 4. Haplologia. 5. Análise Segmental. 6. Prosódia. 7. Análise Métrica.

Abstract

This work deals with syllable deletion in word boundary in Capivari speech, a city from the countryside of São Paulo state. It was checked in which contexts this phonological process can occur and in which it can never occur. To fulfill this analysis three phonological levels were considered: segmental, prosodic and metrical.

Syllable deletion is dealt as two distinct types of phonological reduction: in syllable drop, the syllable's consonants are distinct from each other; in haplology, the consonants are equal or alike – the difference between them is only the feature [sonority].

By the analysis of segmental contexts, it has been proved that both syllable drop and haplology are types of processes which are governed by the same rules, for both of them must have the same consonant place node, so that there can be in fact syllable deletion. In the same way, both the phonological processes may occur in any prosodic level from which it is evident that syllable drop and haplology are actually the same phonological process.

To verify if both the processes are rhythmically used in the same way it has been pointed out by metrical analysis that syllable drop and haplology present the same properties as regards to optimization.

KEYWORDS: 1. Phonology. 2. Reduction. 3. Syllable drop. 4. Haplology. 5. Segmental Analysis. 6. Prosody. 7. Metrical Analysis.

Índice

<u>INTRODUÇÃO</u>	12
<u>CAPÍTULO I: QUADRO TEÓRICO</u>	17
<u>1 Geometria de Traços</u>	17
<u>2 Teoria Prosódica</u>	24
<u>2.1 Palavra Fonológica ω</u>	28
<u>2.2 Grupo Clítico C</u>	29
<u>2.3 Frase Fonológica ϕ</u>	30
<u>2.4 Frase Entonacional I</u>	32
<u>3 Teoria Métrica</u>	33
<u>CAPÍTULO II: A QUEDA DE SÍLABA NA LITERATURA</u>	36
<u>4 Elisão silábica</u>	36
<u>4.1 Elisão silábica no Português Brasileiro</u>	36
<u>4.2 Elisão silábica em Outras Línguas</u>	38
<u>5 Haplogia</u>	44
<u>5.1 Haplogia no Português Brasileiro</u>	44
<u>5.2 Haplogia em Outras Línguas</u>	63
<u>5.2.1 Haplogia como Coalescência</u>	64
<u>5.2.2 Haplogia como Apagamento</u>	65
<u>5.2.3 Coalescência ou Apagamento?</u>	70
<u>CAPÍTULO III: O CORPUS DA PESQUISA</u>	72
<u>CAPÍTULO IV – ANÁLISE SEGMENTAL</u>	76
<u>6 O Ponto de C e os Processos Fonológicos</u>	76
<u>6.1 Os Testes de (A)Gramaticalidade</u>	77
<u>6.1.1 Haplogia</u>	78
<u>6.1.1.1 [labial]+[labial]</u>	78
<u>6.1.1.2 [coronal]+[coronal]</u>	78
<u>6.1.1.3 [dorsal]+[dorsal]</u>	79
<u>6.1.1.4 [laringal]+[laringal]</u>	80
<u>6.1.1.5 Sumário</u>	80

6.1.2	<u>Elisão silábica</u>	80
6.1.2.1	<u>[labial]+[labial]</u>	81
6.1.2.2	<u>[labial]+[coronal]</u>	81
6.1.2.3	<u>[labial]+[dorsal]</u>	82
6.1.2.4	<u>[labial]+[laringal]</u>	83
6.1.2.5	<u>[coronal]+[labial]</u>	84
6.1.2.6	<u>[coronal]+[coronal]</u>	85
6.1.2.7	<u>[coronal]+[dorsal]</u>	88
6.1.2.8	<u>[coronal]+[laringal]</u>	89
6.1.2.9	<u>[dorsal]+[labial]</u>	89
6.1.2.10	<u>[dorsal]+[coronal]</u>	90
6.1.2.11	<u>[dorsal]+[dorsal]</u>	91
6.1.2.12	<u>[dorsal]+[laringal]</u>	91
6.1.2.13	<u>[laringal]+[labial]</u>	91
6.1.2.14	<u>[laringal]+[coronal]</u>	92
6.1.2.15	<u>[laringal]+[dorsal]</u>	92
6.1.2.16	<u>Consoantes com o mesmo ponto de C mas com valor diferente para o traço contínuo</u>	93
6.1.3	<u>Análise dos testes</u>	93
6.2	<u>As Entrevistas</u>	98
6.2.1	<u>Haplologia</u>	98
6.2.1.1	<u>[labial] + [labial]</u>	98
6.2.1.2	<u>[coronal] + [coronal]</u>	99
6.2.1.3	<u>[dorsal] + [dorsal]</u>	102
6.2.1.4	<u>Sumário</u>	103
6.2.2	<u>Elisão silábica</u>	103
6.2.2.1	<u>[labial] + [labial]</u>	103
6.2.2.2	<u>[labial] + [dorsal]</u>	104
6.2.2.3	<u>[coronal] + [coronal]</u>	104
6.2.2.4	<u>[coronal] + [labial]</u>	106
6.2.2.5	<u>Caso Especial de Elisão silábica</u>	107
6.2.2.6	<u>Sumário</u>	108

6.2.3	Os Contra-exemplos	108
6.2.4	Análise acústica	120
7	O Ponto V e os Processos Fonológicos	126
7.1	Anterioridade/Posterioridade	126
7.1.1	[anterior] + [anterior]	127
7.1.2	[anterior] + [posterior]	128
7.1.3	[posterior] + [posterior]	129
7.1.4	[posterior] + [anterior]	131
7.2	Abertura	133
7.2.1	Média + Alta	133
7.2.2	Média + Média	134
7.2.3	Média + Baixa	136
7.2.4	Baixa + Alta	137
7.2.5	Baixa + Média	138
7.2.6	Baixa + Baixa	138
7.3	Sumário	139
	CAPÍTULO V: ANÁLISE PROSÓDICA	143
8	Elisão silábica	143
8.1	Dentro de ϕs Reestruturados	144
8.2	Entre ϕs (Dentro de I)	145
8.3	Entre Is	146
9	Haplologia	147
9.1	Dentro de ϕs Reestruturados	148
9.2	Entre ϕs (Dentro de I)	149
9.3	Entre Is	151
10	Sumário	152
	CAPÍTULO VI: ANÁLISE MÉTRICA	154
11	Ocorrência de Elisão silábica	154
11.1	Seqüência rítmica: X • X	155
11.2	Seqüência rítmica: X • • X	156
11.3	Seqüência rítmica: X X	156

<u>12</u>	<u>Ocorrência de Haplologia</u>	157
12.1	<u>Seqüência rítmica: X • X</u>	157
12.2	<u>Seqüência rítmica: X • • X</u>	158
12.3	<u>Seqüência rítmica: X X</u>	159
<u>13</u>	<u>Sumário</u>	159
	<u>CONCLUSÕES FINAIS</u>	161
	<u>BIBLIOGRAFIA</u>	163

INTRODUÇÃO

Redução fonológica é um termo genérico que abrange vários processos caracterizados pelo apagamento de um ou mais de um segmento. Há também outros tipos de redução que se caracterizam por modificações nos traços fonológicos, como no inglês: vogais desacentuadas são normalmente reduzidas para o *shwa* [±]: /aɪgeɪn/ > [±ɪgeɪn]. A redução fonológica também é um processo em que há, de alguma maneira, diminuição no tamanho do enunciado (*utterance*), ou seja, depois de ocorrerem processos fonológicos variados, o enunciado pode passar por uma reorganização segmental em termos de quantidade de sílabas fonéticas por enunciado (Engstrand & Krull, 2001), a depender da (re)silabificação¹.

É possível haver reduções de um segmento, de uma sílaba ou de mais de uma sílaba. A elisão, por exemplo, é um tipo de redução, já que há supressão de um segmento nesse processo fonológico (Bisol 2000, 2003). A queda ocorre, no português brasileiro, no primeiro segmento do contexto sujeito ao processo de redução, como no exemplo a seguir:²

1. Ela é uma balconista honesta > balconist(A) HOnesta [bawko ɛnɪsto ɛnEst+].
2. Ela é uma balconista honesta > *balconistA (HO)nesta *[bawko ɛnɪsta ɛnEst+].

Em 1, o contexto segmental sujeito à elisão é formado por uma vogal baixa /a/ seguida de uma vogal média posterior /o/ não acentuada, no qual ocorre elisão da primeira vogal, mas se mantém a consoante da sílaba; em 2, observa-se que a elisão da segunda vogal do contexto causa agramaticalidade na sentença. É necessário ressaltar que a elisão pode ser considerada um processo variável, pois depende, por exemplo, da taxa de elocução,³ da proeminência.⁴

¹ De acordo com Crystal 1985: 238, a silabificação “é o termo que se refere à divisão de uma palavra em sílabas”, ou seja, a divisão em sílabas tem como domínio a palavra (Nespor & Vogel 1986: 62); quanto à ressilabificação, a divisão em sílabas se aplica em níveis fonológicos pós-lexical, maiores que a palavra (Nespor & Vogel 1986: 68).

² Nos exemplos desta dissertação, os parênteses indicam queda de segmento(s); as transcrições fonéticas apresentadas seguem o Alfabeto Fonético Internacional (IPA); e as sílabas do contexto segmental sujeito a um processo fonológico estão destacadas em maiúsculo.

³ Há autores que traduzem *speech rate* por ‘velocidade de fala’. Atualmente, esse termo passou a ser traduzido, na fonética, por taxa de elocução, “pois a grandeza física geralmente usada para indicá-la, “sílabas por unidade de tempo”, não expressa a velocidade

Além do apagamento de vogal (ou da consoante, como, por exemplo, nos infinitivos verbais: *corre(r)*), também é possível encontrar reduções que atingem mais de um segmento, como a queda de total da sílaba. Na literatura sobre o assunto (cf. Capítulo IV a seguir), normalmente, distingue-se a queda de sílaba em dois tipos: a elisão silábica⁵ e a haplologia: esses processos diferem de acordo com o contexto consonantal das sílabas envolvidas. Se as sílabas do contexto que sofre a queda apresentarem consoantes diferentes, caracteriza-se a elisão silábica (cf. exemplo 3); no entanto, se o contexto segmental for idêntico ou semelhante (variando apenas na sonoridade), o processo fonológico caracterizado será a haplologia (cf. exemplo 4).

3. fui na ca(SA) DEla ontem.
4. ganhei um presen(TE) DE Fernanda.

Em 3, o contexto segmental /za+de/ é foneticamente diferente, caracterizando o que se conhece por contexto para a elisão silábica; já em 4, o contexto segmental /te+de/ é semelhante – a única diferença entre as consoantes é o traço [sonoridade] – e caracteriza o que se conhece como contexto para a ocorrência de haplologia.

A elisão silábica e a haplologia podem ser processos fonológicos de sândi externo, ocorrendo em níveis maiores do que o nível das palavras (como em 4 acima), ou de sândi interno⁶, ocorrendo no interior de palavras. Dados diacrônicos mostram formas usadas nas línguas hoje em dia resultantes de processos de haplologia, como no exemplo 5 abaixo, ilustrando a haplologia interna que ocorreu no português. De acordo com Tenani (2002:130), essa mudança ocorreu especialmente nos processos de derivação e composição:

5. ídoLO+{-LAtria} (português arcaico) > idolatria (português contemporâneo)⁷

real de deslocamento dos articuladores da fala (como a mandíbula), que é obtida pelo uso de técnicas modernas de registro do movimento de produção de fala” (Barbosa 2000: 388). Dessa forma, ‘taxa de elocução’ é a tradução para *speech rate* usada nesta dissertação.

⁴ Com relação à elisão vocálica, ver Nogueira (em prep.).

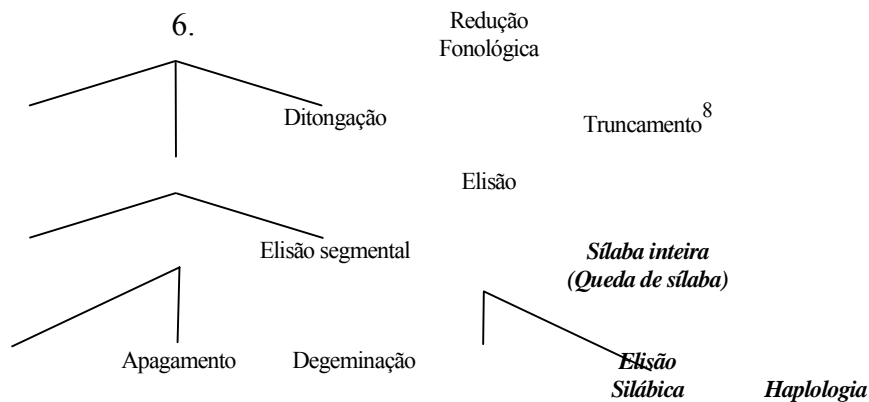
⁵ Na literatura (Alkmim & Gomes 1982, Engstrand & Krull 2001, Masilon & Ross 1996), usa-se a nomenclatura ‘redução’ para a queda de sílaba com contexto segmental foneticamente diferente. No presente trabalho, será usado o termo ‘elisão silábica’ para contemplar a especificidade deste tipo de redução, diferenciando-o daquele uso genérico do termo ‘redução’ que, como foi dito anteriormente, abarca vários tipos de processos fonológicos.

⁶ Segundo Trask (2004: 260), “no sândi interno, a modificação ocorre no interior de uma palavra, numa fronteira entre dois morfemas. (...) No sândi externo, a mudança acontece na divisa entre duas palavras consecutivas”.

⁷ No contexto segmental /lo+la/, as vogais são distintas, mas, como se verá no Capítulo II, esse contexto é de haplologia.

Em 5, há duas sílabas com consoantes iguais adjacentes /lo+la/, propiciando a queda silábica, mais especificamente a haplologia, no interior da palavra.

Resumidamente, pode-se dizer que, para os estudos fonológicos, a redução fonológica tem estatuto de hiperônimo, ou seja, trata-se de um termo que abrange diversos tipos de apagamento, agrupados conforme o esquema abaixo:



Conforme o esquema em 6, a redução fonológica pode ser a ditongação (um processo que mantém a quantidade de segmentos, mas reduz a quantidade de sílabas), a elisão (a queda de parte da sílaba pode ser a elisão – se os segmentos forem diferentes – ou a degeminação – se os segmentos forem iguais). Se houver queda total da sílaba, o processo pode ser a elisão silábica (se o contexto segmental possuir consoantes diferentes) ou a haplologia (se o contexto consonantal for igual ou semelhante).

Alkmim & Gomes (1982), analisando o português brasileiro, sustentam que a elisão silábica ocorre com itens lexicais verbais, definidos pelas autoras como proclíticos, como será visto na subseção 4.1 desta dissertação. Para a haplologia, as autoras afirmam que ocorre com consoantes /t/ e /d/ e com vogais que tenham o traço [+alto] (cf. subseção 5.1). Contudo, essas definições para os processos fonológicos não contemplam frases do falar de Capivari, tais como:

⁸ Um terceiro tipo de queda de sílaba (e também de apagamento de outros segmentos) analisada na literatura é o truncamento, processo que ocorre independentemente de contexto e pode ser encontrado isoladamente no léxico, como o exemplo de Gonçalves & Vazquez (2005): *professor* > *fessor*, *prejuízo* > *preju*. Em outras palavras, esses tipos de processos fonológicos se diferenciam da redução silábica – este processo necessita de um contexto segmental apropriado para que seja aplicado. O trabalho a ser realizado se restringe à queda de sílaba que deve necessariamente ser seguida de outra; em outras palavras, esta dissertação não compreenderá o truncamento.

7. Carrega o acen(TO) LExical.
8. Ele leva(VA) VÁrias horas para fazer isso.
9. Por ca(USA) DO quê?

A literatura (cf. Capítulo II) não prevê casos em que há queda de sílaba para um contexto segmental /to+le/ (como em 7) ou para um contexto segmental distinto de /t/ e /d/ (para a haplogia em 8) e ainda para queda de sílaba e elisão⁹ de outros segmentos (como em 9). Enfim, essas questões serão pormenorizadas no Capítulo II.

Capivari é uma cidade situada a cerca de 140 km de São Paulo, na região de Campinas, às margens do Rio Capivari, afluente do Rio Tietê. Atualmente, sua população é estimada em 46.000 habitantes. A economia da cidade é principalmente agrária, com as usinas de cana-de-açúcar, que tiveram seu início com a produção de aguardente e que, mais tarde, passou ao açúcar. Hoje em dia, possui indústrias usineiras, metalúrgicas, ramo de bebidas, têxtil, de fibra de vidro e diversos estabelecimentos comerciais.

Capivari foi estabelecida principalmente por colonos vindos de Porto Feliz e de Itu. Essa região foi ponto de partida, ainda no século XVII, de inúmeros bandeirantes, em busca das riquezas, e também de monções (expedições fluviais). Com a fome e lutas travadas, as caravanas se espalharam, formando acampamentos às margens dos rios. As monções seguiram pelos afluentes dos rios, subindo até um formoso salto, lugar em que os governadores das capitânicas degredavam os expedicionários que não serviam à coroa. Esses perseguidos políticos abriam as florestas, se estabeleciam em pontos onde a topografia, a água e o clima eram favoráveis, e lá passavam a residir. E dessa região se originou Capivari, fundada por perseguidos políticos. Havia nessa região grande quantidade de peixes e animais, principalmente capivaras – de onde provém, segundo a população, o nome da cidade, capivara-y: rio das capivaras.

Imigrantes alemães chegaram a Capivari em meados do século XIX, vindos de Itu, Sorocaba e Porto Feliz. Foram poucas famílias, mas importantes para o desenvolvimento da cidade. Todos se instalaram em Capivari com a finalidade de desenvolver atividades comerciais. Esses alemães se

⁹ A elisão de /u/ da palavra *causa* é um tipo específico de elisão, tratado no Capítulo IV desta dissertação.

integraram tanto à cultura capivariana que seus descendentes perderam completamente o conhecimento da língua alemã.

No entanto, a maioria dos imigrantes fixados em Capivari era de italianos e, apesar de já aparecerem antes de 1870 (data da abertura da linha ferroviária Capivari-São Paulo), sua chegada foi intensificada com a instalação da rede ferroviária.

Capivari recebeu outros povos, como árabes, franceses e belgas. Amaral (1920), em seu *O dialeto caipira*, afirma que o falar de Capivari está repleto da influência do português do século XVI, na fonética, na morfologia, na sintaxe. Para o autor, há também influência indígena, mesmo com a implantação de uma língua geral. Amaral (1920) cita exemplos de diversas línguas, como vocábulos caipiras provindos dos negros (*angu, batuque*).

Feita essa exposição inicial, vale lembrar que o propósito desta dissertação é discutir as características fonológicas da elisão silábica e da haplologia no falar de Capivari. Alkmim & Gomes (1982) fizeram um trabalho descritivo (segmental) sobre os dois processos, mas é necessário investigar se, dado o desenvolvimento da teoria fonológica atual, esses processos ainda são analisados separadamente ou se são um único processo, isto é, se são regidos pelas mesmas propriedades fonológicas.

Esta dissertação se organiza da seguinte maneira: no Capítulo I estão as teorias fonológicas para o acompanhamento tanto dos trabalhos existentes sobre o assunto quanto da análise desenvolvida nesta dissertação. No Capítulo II, estão resenhadas análises existentes sobre os dois processos. No Capítulo III, há uma apresentação do *corpus* e da metodologia desta pesquisa. No Capítulo IV, está apresentada a análise segmental do *corpus*, pois é no nível segmental que a elisão silábica e a haplologia são distinguidas na literatura. No Capítulo V, está apresentada a análise prosódica dos dados naturalísticos, com o intuito de observar se os processos têm as mesmas propriedades nesse nível fonológico ou se têm alguma diferença entre eles. Finalmente, no Capítulo VI, os dados do *corpus* foram submetidos a uma análise métrica para verificar se a elisão silábica e a haplologia são utilizadas da mesma forma pelos falantes.



CAPÍTULO I: QUADRO TEÓRICO

Neste capítulo, estão descritas as teorias fonológicas necessárias tanto para a discussão dos trabalhos já existentes sobre o assunto quanto para a análise desenvolvida nesta dissertação, quais sejam: Teoria Auto-Segmental, de Goldsmith 1976, 1990 e Geometria de Traços, de Clements & Hume 1995 e de Clements 2004; Teoria Prosódica, de Nespor & Vogel (1986); e Fonologia Métrica (Selkirk 1984 e Nespor & Vogel 1986). De cada uma dessas teorias, somente serão mencionadas as noções necessárias para a explicação dos processos fonológicos a serem tratados nesta dissertação.

1 GEOMETRIA DE TRAÇOS

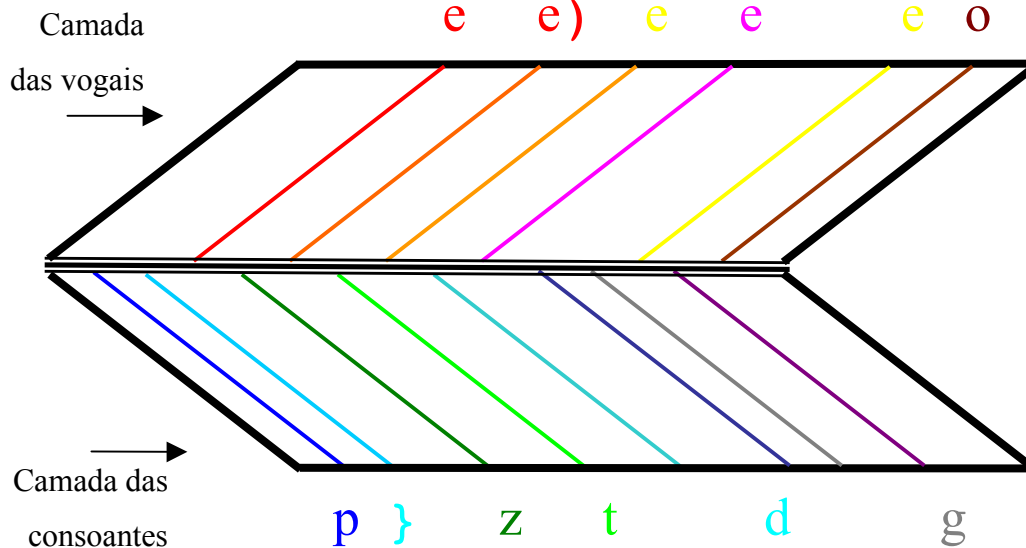
Foi a partir do modelo Auto-Segmental (cf. Goldsmith 1976, 1990) que se desenvolveu a teoria da Geometria de Traços (cf. Clements & Hume 1985) que, além de oferecer uma descrição segmental dos dados, foi utilizada nesta pesquisa para explicar por que há determinados contextos em que os processos estudados (elisão silábica e haplologia) não ocorrem de forma alguma.

A fonologia Auto-Segmental consiste numa representação com duas ou mais camadas (*tiers*) paralelas de segmentos fonológicos – cada camada corresponde a uma cadeia de segmentos que diferem quanto aos seus traços especificados. Além disso, uma representação auto-segmental possui também linhas de associação entre os segmentos nessas camadas; cada par de camadas é chamado de plano (*chart*), juntamente com o conjunto de linhas de associação relacionadas a ele.

Por exemplo, a representação das camadas das vogais e das consoantes do sintagma *presente de grego*, de acordo com a Teoria Auto-Segmental, é dada a seguir:

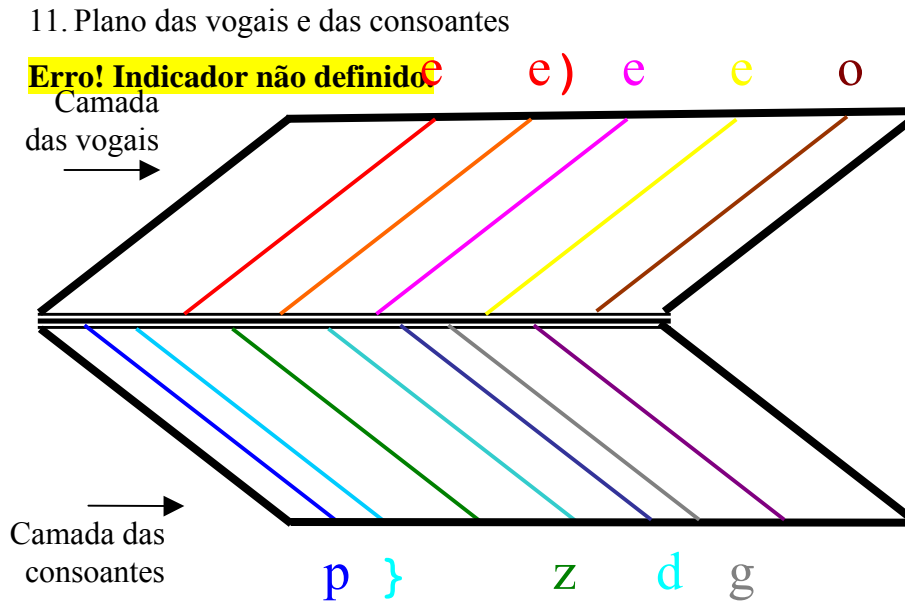
10. Plano das camadas de vogais e de consoantes

Erro! Indicador não definido.



A partir da representação em 10, pode-se notar que /t/ e /d/ das palavras *presente* e *de*, respectivamente, são adjacentes na camada das consoantes, apesar de haver uma vogal /e/ separando-as (na produção da fala). Assim, os elementos fonológicos são auto-segmentos que estão em camadas independentes, mas ligados por linhas de associação. Todos os processos fonológicos decorrem de adição ou de remoção de uma linha de associação, sendo que não pode haver cruzamento dessas linhas.

Essa adjacência de /t/ e /d/ na camada das consoantes possibilita a aplicação de queda de sílaba: a relação de adjacência entre duas consoantes faz com que uma delas seja apagada e apaga também a vogal que está entre essas duas consoantes – essa vogal está em outro plano, por isso não é “vista” para o processo (os detalhes segmentais desse processo fonológico serão vistos na seção 0). A representação auto-segmental do sintagma *presenTE DE grego* > *presen(TE) DE grego*, com ocorrência desse processo fonológico, é a seguinte:



De acordo com a representação em 11 acima, foi apagado um segmento da camada das consoantes /t/ e outro da camada das vogais /e/. Como se pode observar em 11, há uma camada que se constitui de unidades que representam consoantes (Cs) e vogais (Vs), a camada esqueletal – chamada também de camada CV (*CV-tier*) ou ainda camada temporal (*timing tier*). Os elementos da camada esqueletal são freqüentemente chamados de *slots* (*slots V* e *slots C*), aos quais vogais e consoantes devem se associar, se forem realizados.

Para a análise desta dissertação, utilizar a Fonologia Auto-Segmental não seria suficiente porque é necessário verificar como se dá a relação entre os traços, apresentada pela Geometria de Traços.

A partir da Fonologia Auto-Segmental, foi implementada a Geometria de Traços, uma das diferentes maneiras de se formalizar a hierarquia de traços, analisando a estrutura *interna* dos sons da fala, abordando também de que modo os sons interagem nos sistemas fonológicos. A Geometria de Traços, na sua forma mais simples, representa a estrutura de traços (interna ao segmento) na forma de uma árvore, em que cada nó representa uma classe de elementos e apenas os traços terminais representam apenas um elemento da classe. E cada regra fonológica que se aplica em um nó age concomitantemente sobre todos os elementos abaixo dele. Todo nó é monovalente (agindo sempre de forma positiva) e os valores negativos são excluídos: ficam sub-especificados¹⁰ porque são, de alguma

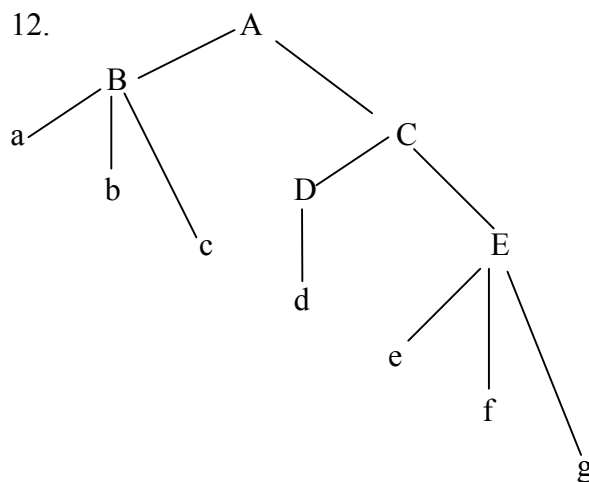
¹⁰ A sub-especificação de traços pode ser entendida como a previsibilidade que um traço tem de conter outro, dependendo do segmento. Por exemplo, se um segmento possui o traço [+nasal], ele terá, necessariamente, o traço [+sonoro], para o português brasileiro.

forma, previsíveis, deixando de ter uma especificação binária – cf. Chomsky & Halle 1968, em *The Sound Pattern of English* (SPE). Para Clements 1991, a mera referência ao traço é suficiente.

Clements & Hume 1995: 251 apresentam duas propriedades com relação à representação arbórea de traços:

- a) os valores de traços estão dispostos em camadas separadas, em que há relações não lineares entre si;
- b) Os traços são, ao mesmo tempo, organizados em disposições hierárquicas, em que cada constituinte pode funcionar como uma única unidade em regras fonológicas.¹¹

Pode-se observar a relação entre os traços no seguinte diagrama (Clements & Hume 1995: 249):



Todas as ramificações se originam a partir do *nó de raiz* (A), que domina todos os traços, expressando a coerência do segmento “melódico” como unidade fonológica. *Nós de classes* de nível mais baixo (B, C, D, E) designam agrupamentos de traços funcionais (os nós serão discutidos mais adiante). Os elementos são agrupados em constituintes, que funcionam em conjunto (como unidades inteiras) de regras fonológicas. Os constituintes imediatos desses agrupamentos são nós irmãos e também são filhos (dependentes) de C. Se D for (universalmente) dependente de C, a presença de D numa representação exigirá a presença de C. Essa abordagem da organização de traços faz com que

¹¹ a) *Feature values are arrayed on separate tiers, where they may enter into nonlinear (nonbijective) relations with one another; b) Features are at the same time organized into hierarchical arrays, in which each constituent may function as a single unit in phonological rules.*

seja possível impor restrições fortes na forma e no funcionamento de regras fonológicas, assumindo-se o seguinte princípio:

13.

Regras fonológicas executam uma única operação.

Esse princípio prevê, por exemplo, que uma regra fonológica pode afetar o conjunto de traços *d*, *e*, *f* e *g*, na representação em 12, ao executar uma única operação no constituinte *C*; entretanto, nenhuma regra pode afetar os nós *c*, *d* e *e* ao mesmo tempo – em uma única operação – porque não formam um constituinte. Em outras palavras, conjuntos de traços que unicamente formam constituintes podem funcionar juntos em regras fonológicas.

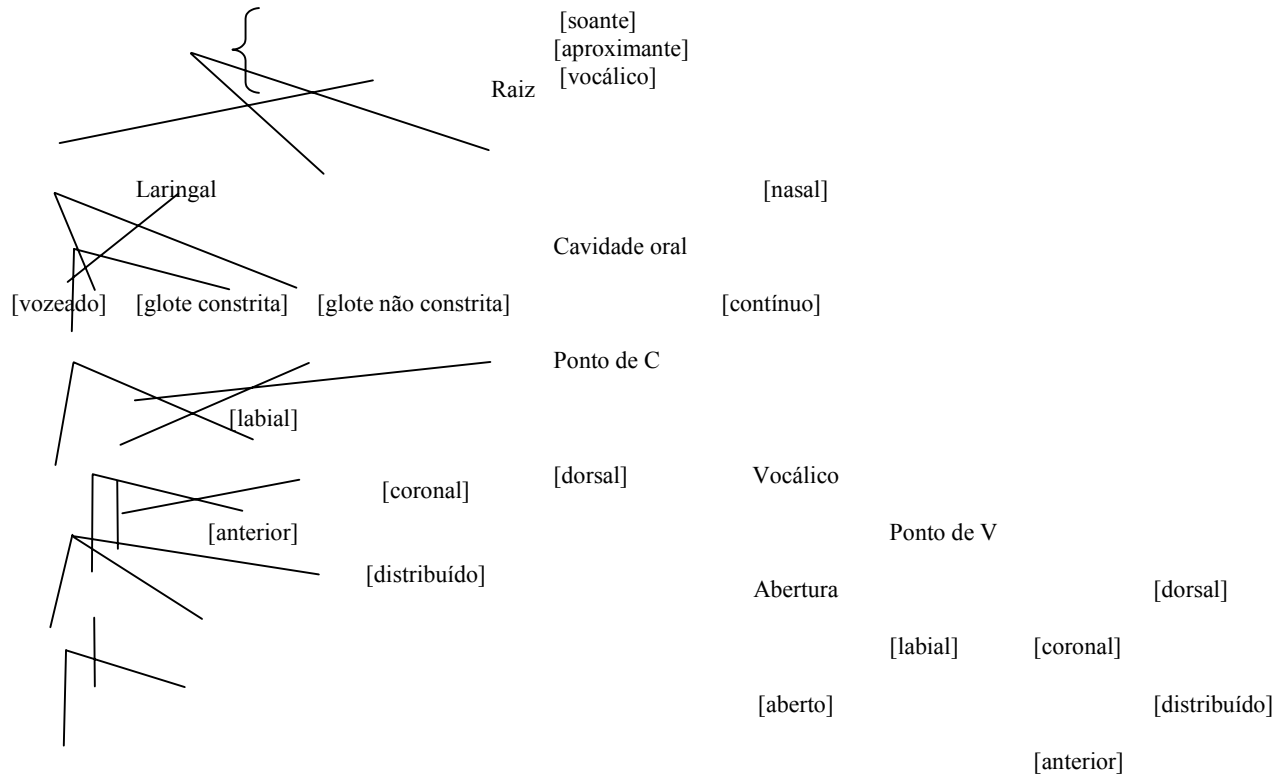
Um outro princípio é obrigatório para manter essa afirmação na sua forma mais geral:

14.

A organização de traços é universalmente determinada.

De acordo com 14, os valores de traços determinados em camadas e agrupados em constituinte maiores não variam de língua para língua.

15. Representação arbórea completa dos traços de segmentos:



Na representação da Geometria de Traços, o nó de raiz domina todos os traços. Os nós Laringal, Cavidade Oral e Ponto de Articulação (*Place node*) são nós de classe intermediária; aqueles que estão entre colchetes no diagrama em 15 são os traços propriamente ditos, que constituem os nós terminais da árvore. Cada nó (inclusive os traços) está disposto em uma linha separada, que representa uma camada auto-segmental independente. Traços em camadas diferentes não estão ordenados com relação a si mesmos: por exemplo, [labial] não precede e nem segue [dorsal].

As premissas básicas da Geometria de Traços podem ser postuladas da seguinte maneira, conforme Clements (2004):



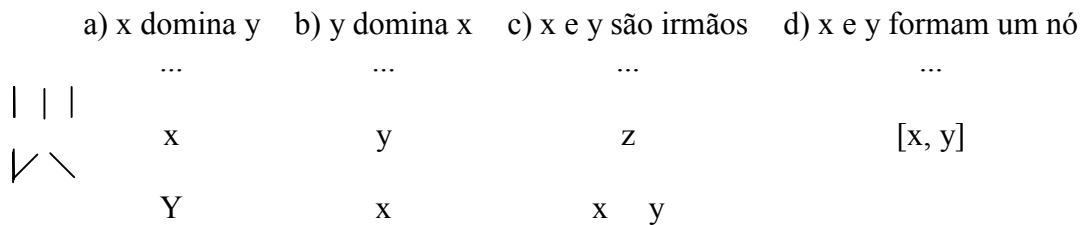
- os traços podem ser agrupados em classes de traços;
- as classes formam uma hierarquia estrita, que pode ser representada por uma árvore com raiz;
- essa hierarquia é universal;
- cada traço e classe de traço são representados por nós em camadas segmentais separadas; e

e) cada nó se liga aos elementos de somente uma camada de nível mais alto.¹²

Assim, o segmento passa a ser definido por sua geometria, formado por nós e traços terminais que o caracterizam.

Com relação à organização dos traços, sua mais importante evidência é a operação de regras fonológicas: se uma regra fonológica pode executar uma operação (espraiamento, desligamento, etc.) em um dado conjunto de traços à exclusão de outros, pode-se assumir que o conjunto forma um constituinte na hierarquia de traços. Dois traços x e y podem ser agrupados em constituintes de quatro maneiras, conforme 16 abaixo:

16.



A configuração em 16a representa uma operação em que x sempre afeta y , mas não vice-versa. Já 16b representa uma operação em que y sempre afeta x , mas não vice-versa, enquanto que a terceira configuração representa uma operação – 16c – em que x e y podem ser afetados independentemente, já que são independentemente ligados a um nó mais alto z . Finalmente, se uma operação em que um sempre afeta o outro, eles formam um único nó, como está apresentado em 16d.

Outro critério diz respeito à implicação do nó: se um nó x sempre é ligado sob um nó y na organização universal de traços, a presença de x (não flutuante) implica na presença de y . Por exemplo, considerando que [anterior] é universalmente ligado sob o nó [coronal], pode-se prever que todos os segmentos [±anterior] são coronais.

As classes de traços têm relação com padrões fonológicos (funcionais); no entanto, a hierarquia de traços é similar a uma imagem simplificada do trato vocálico, no qual cada classe representa um articulador funcionalmente independente ou um conjunto de articuladores.

¹² “a) Features may be grouped into feature classes; b) classes form a strict hierarchy which can be represented as a rooted tree; this hierarchy is universal (identical in all languages); each feature and each feature class is represented as a node on a

2 TEORIA PROSÓDICA

O emprego de uma teoria prosódica para analisar o *corpus* nesse nível gramatical é importante no sentido de verificar se a elisão silábica e a haplologia podem ocorrer em qualquer constituinte prosódico – nesta pesquisa, foi analisada a queda de sílaba em nível acima da palavra (sândi externo). A análise dos constituintes prosódicos de sentenças que têm contextos segmentais de elisão silábica e haplologia deste trabalho foi feita com base no modelo de Nespor & Vogel (1986).

Segundo as autoras, o componente fonológico da gramática é um conjunto de subsistemas regidos por princípios – teorias de grade métrica, fonologia lexical, fonologia auto-segmental e fonologia prosódica. Para Nespor & Vogel (1986: 06), a teoria prosódica organiza a cadeia da língua em uma série de constituintes fonológicos, organizados hierarquicamente; essas unidades prosódicas formam contextos em que as regras fonológicas se aplicam. As autoras afirmam que o mapeamento desses constituintes prosódicos com outros componentes da gramática (a sintaxe, a semântica, a morfologia) produz o domínio do componente fonológico, formado, assim, por noções gramaticais tanto fonológicas quanto não fonológicas (sem que haja necessariamente uma relação de isomorfia entre esses elementos fonológicos e não fonológicos). Nespor & Vogel (1986: 07) argumentam que os componentes fonológicos estão reunidos hierarquicamente, de acordo com os seguintes princípios:

17.

Princípio 1: uma determinada unidade não terminal da hierarquia prosódica, X^P , é composta de uma ou mais unidades da categoria imediatamente mais baixa, X^{P-1} .

Princípio 2: uma unidade de um determinado nível da hierarquia está exhaustivamente contida na unidade superordenada, da qual faz parte.

Princípio 3: as estruturas hierárquicas da fonologia prosódica têm ramificação n-ária.

Princípio 4: a relação de proeminência relativa definida para nós irmãos é feita de tal modo que seja atribuído a um nó o valor forte (s) (do inglês, *strong*) e a todos os outros nós sejam atribuídos o valor (w) (*weak*).¹³

separate autosegmental tier; and e) each such node links to elements of just one higher-level tier.”

¹³ *Principle 1: a given non-terminal unit of the prosodic hierarchy, X^P , is composed of one or more units of the immediately lower category, X^{P-1} . Principle 2: a unit of a given level of the hierarchy is exhaustively contained in the superordinate unit of which it is a part. Principle 3: the hierarchical structures of prosodic phonology are n-ary branching. Principle 4: the relative prominence relation defined for sister nodes is such that one node is assigned the value strong (s) and all the other nodes are assigned the value weak (w).*

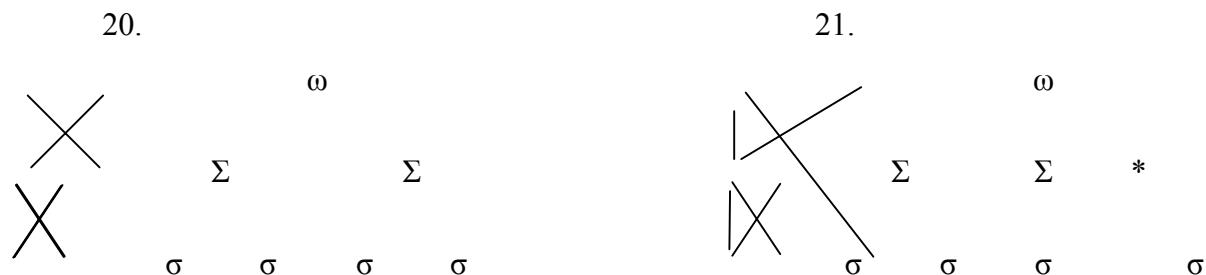
Os princípios 1 e 2 têm como correlato com a *Strict Layer Hypothesis*, formulada por Selkirk (1984): a proeminência (acentos primários e secundários) dos constituintes deve provir do nível (domínio) imediatamente inferior. Em outras palavras: assume-se que há três níveis ordenados ω , Σ e σ ; se houver acento em ω , por exemplo, necessariamente é porque há também acento no nível Σ (que é o nível imediatamente abaixo de ω).

Para exemplificar a *Strict Layer Hypothesis*, observem-se as grades a seguir:

18.	[x •] ω	19.	*[• x] ω
	[x •] Σ		[x •] Σ
	[x] [x] σ		[x] [x] σ

A representação em 18 está de acordo com a *Strict Layer Hypothesis*, já que as proeminências dos níveis prosódicos Σ e ω derivam do nível hierárquico imediatamente inferior (isto é, forte – representado por x na grade em 18 – deriva de outra sílaba forte x). Por outro lado, a representação em 19 é agramatical (a agramaticalidade aparece em vermelho na grade), visto que o acento x provém de uma unidade do pé não acentuada •.

A representação arbórea da *Strict Layer Hypothesis* é dada a seguir:



Na representação arbórea em 21, a agramaticalidade está representada em pelo símbolo *.

A configuração geométrica da estrutura interna de todos os constituintes prosódicos é a mesma, assim como suas regras de construção, a qual é formulada apenas uma vez na Gramática Universal:

22. Construção de um Constituinte Prosódico:

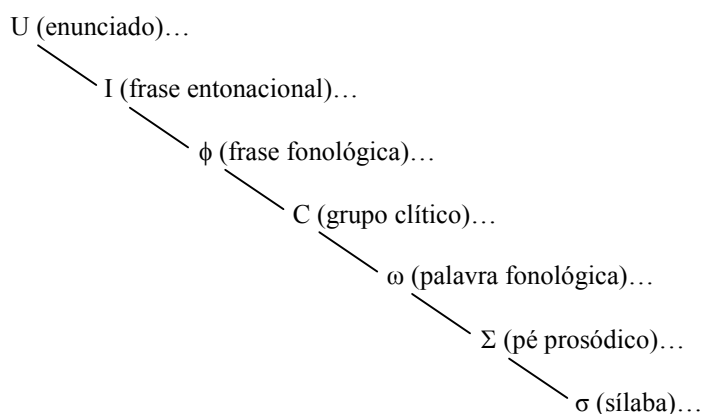
Junte a uma ramificação n -ária X^P todos os X^{P-1} incluídos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de X^P .¹⁴

De acordo com a proposição em 22, a construção de um constituinte prosódico X^{P-1} é dada pela junção entre esse constituinte e todos os outros constituintes X^{P-1} inclusos em uma cadeia delimitada pela definição do domínio de X^P .

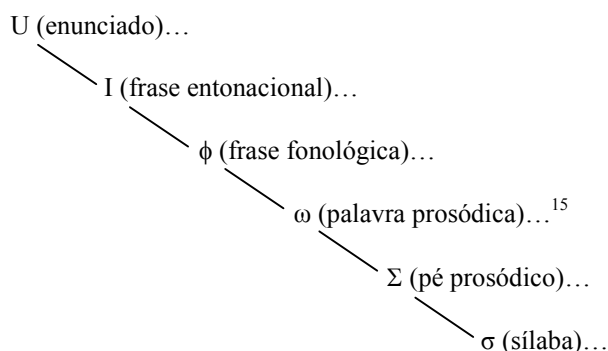
Para Selkirk (1984), há apenas cinco domínios prosódicos: sílaba, palavra prosódica, frase fonológica, frase entonacional e enunciado (cf. 24). Nespor & Vogel (1986) definem sete constituintes na hierarquia prosódica (ver 23):

¹⁴ *Prosodic Constituent Construction: Join into an n -ary branching X^P all X^{P-1} included in a string delimited by the definition of the domain of X^P .*

23.



24.



Há uma discussão na literatura sobre a diferença entre os níveis ω e C. Nespor & Vogel 1986 apresentam o nível da palavra fonológica que, para Selkirk 1984, não existe: o que a autora chama de palavra prosódica corresponde ao grupo clítico de Nespor & Vogel 1986. Muitos dos exemplos discutidos nesta dissertação são formados por clíticos fonológicos (como a preposição no caso de *leite de vaca*) e é necessário investigar se o contexto formado por eles ou apenas por palavras lexicais tem alguma influência na aplicação do processo. Para que esta análise seja feita, optou-se por diferenciar ω e C nesta dissertação.

Para a construção das grades métricas na análise (cf. Capítulo V), foram levados em conta os domínios prosódicos ω , C, ϕ e I, já que os processos foram analisados acima da palavra fonológica. A

¹⁵ O nível chamado de *palavra fonológica* por Selkirk 1984 corresponde ao *grupo fonológico* de Nespor & Vogel 1986.

definição de cada nível e as condições de reestruturação de ϕ , segundo Nespor & Vogel (1986), são dadas nas subseções a seguir.

2.1 PALAVRA FONOLÓGICA ω

O primeiro nível da hierarquia prosódica representado na análise do *corpus* é a palavra fonológica. A seguir, são dados a construção e o domínio deste constituinte:

25. Construção de ω :

Junte a uma ramificação n-ária ω todos os Σ s incluídos dentro de uma cadeia delimitada pela definição do domínio de ω .¹⁶

26. Domínio de ω :

A. O domínio de ω corresponde ao elemento terminal de uma árvore sintática.

Ou

B. I – O domínio de ω consiste de:

a. um radical;

b. qualquer elemento identificado por critérios fonológicos específicos e/ou morfológicos;

c. qualquer elemento marcado com o diacrítico [+W].

II – quaisquer elementos desvinculados dentro de Q faz parte da ω adjacente mais próxima do radical; se não houver tal ω , eles formam suas próprias ω s.¹⁷

Para a construção da palavra fonológica, é necessário unir, no nível prosódico ω , todos os pés incluídos em uma determinada cadeia, de acordo com a definição do domínio de ω . Um exemplo de uma sentença nesse nível prosódico é apresentado a seguir:

27. [Rodolfinho] ω [chegou] ω .

¹⁶ ω Construction: Join into an n-ary branching ω all Σ included within a string delimited by the definition of the domain of ω .

¹⁷ ω domain: A. The domain of ω is Q. Or: B. I – The domain of ω consists of: a) a stem; b) any element identified by specific phonological and/or morphological criteria; c) any element marked with the diacritic [+W]. II – Any unattached elements within Q form part of the adjacent ω closest to the stem; if no such ω exists, they form a ω of their own.

A relação da prosódia com os outros níveis lingüísticos (morfológicos, sintáticos, semânticos) não precisa ser isomórfica, ou seja, um constituinte prosódico não corresponde necessariamente a um outro constituinte gramatical. Por exemplo, *primeira-dama* é um único constituinte morfológico (é uma palavra morfológica); mas prosodicamente, as palavras *primeira* e *dama* formam dois elementos prosódicos (duas ω s), já que cada uma delas carrega um acento primário (/mei/ e /dã/). De modo inverso, *cafezinho* constitui uma palavra morfológica, mas são duas ω s: *café-* e *-zinho* (cf. Lee 1994): há um acento primário em /fE/ e outro em /zi/. O fato de não haver uma relação de um para um entre a prosódia e a morfologia, por exemplo, evidencia a existência do nível da palavra fonológica.

2.2 GRUPO CLÍTICO C

O grupo clítico é formado por palavras fonológicas, seguindo-se a hierarquia prosódica. A seguir, estão a construção e o domínio de C:

28. Construção de C

Em um C de ramificação n-ária, junte todos os ω s incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de C.¹⁸

29. Domínio de C

O domínio de C consiste de uma ω que contenha uma palavra independente (ou seja, não clítica) mais quaisquer ω s adjacentes que contenham:

- i) um clítico direcional (ou seja, que pode estar só à esquerda ou só à direita de uma ω); *ou*
- ii) um clítico propriamente dito (que pode estar ou à direita ou à esquerda de uma palavra fonológica), de tal forma que não haja nenhuma palavra independente (não clítica) possível, com o qual partilhe mais elementos de uma categoria.¹⁹

¹⁸ Join into an n-ary branching C all ω s included in a string delimited by the definition of the domain of C.

¹⁹ C domain: The domain of C consists of a ω containing an independent (i. e. nonclitic) word plus any adjacent ω s containing: a DCL, or a CL such that there is no possible host with which it shares more category memberships.

A construção de C define que seja formado por ω s, de acordo com o domínio de C, definido por Nespor & Vogel (1986) como uma palavra fonológica que contenha uma palavra independente e também palavras adjacentes que sejam clíticos fonológicos.²⁰ As autoras definem dois tipos de grupos clíticos: direcionais (DCL, do inglês, *directional clitics*), isto é, que se juntam a itens lexicais com os quais partilham mais características sintáticas ou semânticas (ou seja, seu núcleo), como o artigo *o* em *o menino*, que nunca pode ficar à direita da palavra independente (**menino o*). Há também os clíticos propriamente ditos, que sempre aparecem numa única posição: exemplo de um clítico direcional é o clítico *se* em *mostra-se*, que pode também estar à esquerda, em *se mostra*.

2.3 FRASE FONOLÓGICA ϕ

A frase fonológica é o próximo constituinte na hierarquia prosódica e está em interface com a sintaxe. Além disso, seu domínio (cf. 30 a seguir) depende do lado recursivo de cada língua, ou seja, o lado para o qual são introduzidas palavras para gerar novas sentenças – o lado recursivo do português é o direito. São dados a seguir o domínio e a construção de ϕ :

30. Domínio de ϕ

O domínio de ϕ consiste de um C que contenha um núcleo lexical (X) e todos os Cs de seu lado não recursivo até o C que contenha um outro núcleo fora da projeção máxima de X.

31. Construção de ϕ

Em todos os ϕ s n-ários, junte todos os Cs incluídos numa cadeia delimitada pelo domínio de ϕ .

32. Proeminência relativa de ϕ

²⁰ Um clítico fonológico é uma palavra que não possui acento.

Em línguas cujas árvores sintáticas tenham ramificação à direita, o nó mais à direita de ϕ é s ; em línguas cujas árvores sintáticas tenham ramificação à esquerda, o nó mais à esquerda de ϕ é s . Todos os nós irmãos são w .²¹

De acordo com a proposição em 30, o domínio de ϕ é um núcleo lexical X e todos os C s de seu lado não recursivo, até o C que contenha outro núcleo fora da projeção máxima²² de X . Para se construir um constituinte ϕ n -ário, deve-se juntar a ele todos os C s de uma cadeia em conformidade à definição do domínio de ϕ . Um exemplo de marcação de ϕ s é dado abaixo:

33. [Igor] $_{\phi}$ [está sentado] $_{\phi}$.

Quanto a proeminências (cf. 32), para o português (uma língua de ramificação à direita), o nó mais à direita é forte e todos os outros nós-irmãos são fracos.

Nespor & Vogel (1986) propõem que pode haver a reestruturação desse constituinte, cf. 34 abaixo:

34. Reestruturação de ϕ (opcional):

Um ϕ não ramificado que seja o primeiro complemento de X , em seu lado recursivo, deve se juntar ao ϕ que contenha X .²³

Em outros termos, um ϕ (cf. 34) somente é reestruturado se a ele se unir um ϕ não ramificado que seja o primeiro complemento de X de seu lado *recursivo*. A reestruturação de ϕ aumenta o tamanho do constituinte. A seguir, há um exemplo desse tipo de reestruturação:

²¹ *Phonological Phrase Formation: I. ϕ domain: The domain of ϕ consists of a C which contains a lexical head (X) and all C s on its nonrecursive side up to the C that contains another head outside of the maximal projection of X . II. ϕ construction: Join into an n -ary branching ϕ all C s included in a string delimited by the definition of the domain of ϕ . III. ϕ relative prominence: In languages whose syntactic trees are right branching, the rightmost node of ϕ is labeled s / in languages whose syntactic trees are left branching, the leftmost node of ϕ is labeled s . All sister nodes of s are labeled w .*

²² De acordo com Radford (1997: 269), uma projeção máxima é um constituinte sintático que não está contido em qualquer constituinte maior, com um mesmo núcleo. O autor exemplifica com a sentença *He is proud of you*, em que o sintagma adjetival *proud of you* é uma projeção máxima, já que é uma projeção do adjetivo *proud* e não está contido em nenhuma outra projeção maior do mesmo adjetivo *proud*.

²³ *A nonbranching ϕ which is the first complement of X on its recursive side is joined into the ϕ that contains X .*

35. $[[\text{Lívia}]_C]_\phi [[\text{viu}]_C]_\phi [[\text{o brinquedo}]_C]_\phi$
 $[\text{Lívia}]_\phi [\text{viu o brinquedo}]_\phi$ reestruturado

Conforme exemplificado em 35, $[\text{o brinquedo}]_\phi$ é um ϕ não ramificado (isto é, possui apenas um C $[\text{o brinquedo}]_C$) e também complemento de $[\text{viu}]_\phi$, e pode ocorrer a reestruturação entre os dois ϕ s. Em contrapartida, se o segundo ϕ for ramificado, a reestruturação não pode ocorrer:

36. $[[\text{Lívia}]_C]_\phi [[\text{viu}]_C]_\phi [[\text{este}]_C \text{brinquedo}]_C]_\phi$

Em 36, apesar de $[\text{este brinquedo}]_\phi$ ser complemento de $[\text{viu}]_\phi$ e estar no lado recursivo, não há reestruturação, uma vez que o constituinte $[[\text{este}]_C [\text{brinquedo}]_C]_\phi$ é formado por dois Contexto segmental (é um ϕ ramificado).

2.4 FRASE ENTONACIONAL I

A frase entonacional depende de informações semânticas, sintáticas e de *performance* (como a taxa de elocução, o tamanho da sentença, pausa, dentre outros). O domínio e a construção da frase entonacional são dados a seguir:

37. Domínio de I

- i) todos os ϕ s numa cadeia que não sejam estruturalmente ligados à árvore da sentença no nível da estrutura superficial; ou
- ii) qualquer seqüência que restar de ϕ s adjacentes numa sentença.

38. Construção de I

Em um I de ramificação n-ária, junte todos os ϕ s incluídos numa cadeia delimitada pela definição do domínio de I.²⁴

²⁴ *I Domain: An I domain may consist of: a. all the ϕ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree at the level of s-structure; or b. any remaining sequence of adjacent ϕ s in a root sentence. I construction: Join into an n-ary branching I all ϕ s included in a string delimited by the definition of domain of I.*

O domínio de I é formado por todos os ϕ s de uma cadeia que não esteja estruturalmente anexada a uma sentença-raiz no nível da estrutura superficial,²⁵ ou por qualquer seqüência remanescente de ϕ s adjacentes em uma sentença. Para a construção de I, é necessário unir a um I n-ário todos os ϕ s incluídos em uma cadeia delimitada pelo domínio de I. A seguir, há um exemplo desse constituinte fonológico:

39. [Quando Túlio saiu de casa]_I, [foi brincar no parque]_I.

A sentença em 39 pode ser realizada sem pausa, reestruturando os dois Is:

40. [Quando Túlio saiu de casa, foi brincar no parque]_{I reestruturado}.

Na reestruturação de ϕ s, foi visto que há um aumento no número deste constituinte. Diferentemente, há uma diminuição no número de Is, como no exemplo em 40 acima: 2 Is tornam-se um único I reestruturado.

3 TEORIA MÉTRICA

Além das abordagens segmental e prosódica, recorreu-se à Fonologia Métrica, a fim de evidenciar se os processos sob análise tendem a ocorrer em contextos não acentuados, bem como se a aplicação dos processos independe do ritmo da fala. Nesta dissertação, a análise será restrita a otimizações rítmicas, decorrente do Princípio de Alternância Rítmica, com embasamento em Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986).²⁶

A teoria métrica tem por base o ritmo da língua que, segundo Massini-Cagliari (1992), pode ser definido como a alternância de sílabas acentuadas e não acentuadas. O acento, a partir do SPE, deixa de ser entendido como uma noção de traço segmental (vocálico) e passa a ser definido como a proeminência de uma sílaba em comparação às outras no contexto segmental.²⁷

²⁵ As terminologias ‘sentença-raiz’ e ‘estrutura superficial’ são da Teoria X-Barra, de Chomsky (1970).

²⁶ Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986), apesar de não trabalharem com a métrica, propõem este princípio de boa formação rítmica.

²⁷ A proeminência possui correlatos acústicos, como por exemplo, a sílaba proeminente é mais longa do que as não acentuadas, na maior parte das vezes.

Com relação à otimização do ritmo nas línguas, Selkirk (1984: 48) propõe o Princípio de Alternância Rítmica (PAR), apresentado abaixo:

41. Princípio de Alternância Rítmica

Entre duas batidas fortes sucessivas num nível métrico n, deve(m) intervir pelo menos uma (e no máximo duas) batida(s) fraca(s) do nível métrico n.²⁸

De acordo com o princípio em 41, o ritmo possui uma organização com forte tendência a alternar sílabas fortes e fracas, em que, entre duas sílabas fortes, deve haver no mínimo uma e no máximo duas fracas.

Ainda segundo Selkirk (1984: 49), pode haver “não ritmicidade” (*arhythmicity*) de palavras e sentenças, como os choques acentuais e os lapsos, apresentados a seguir (onde: x representa proeminência e • sílaba fraca):

42.

a) •••

b) x x x

A seqüência que indica ausência de proeminências ••• em 42a é chamada de lapso acentual, o qual se distingue dos choques, representados por x x x na grade em 42b. O PAR faz com que lapsos e choques acentuais sejam evitados.

O exemplo abaixo apresenta uma seqüência de sílabas fracas (cf. Nogueira, em prep.):

43. Ele hospedavA O Amigo estrangeiro em casa.

(x	•	x	•	•	•	x	•)
hos	pe	da	va	o	a	mi	go		

Em 43, o lapso acentual (em vermelho na grade) é formado pelas vogais /a/, /o/ e /a/, contexto favorável à elisão do primeiro /a/ e ditongação de /o/ com o segundo /a/.

A sentença a seguir possui um choque acentual de três sílabas:

²⁸ “Principle of Rhythmic Alternation: Between two successive strong beats on a metrical level n, there must intervene at least one (and at most two) weak beat(s) of the metrical level n.”

44. o avÔ DEU BOla

• x x x •
a vÔ deu bo la

Em 44, as sílabas *vô*, *deu* e *bo* são acentuadas, resultando em choque de acento (representado na grade em vermelho).

Selkirk (1984: 19) afirma que o PAR assegura que não haja choques de acentos e nem lapsos, e que as batidas aparecem na fala em intervalos regulares, com duas ou até mesmo três sílabas fracas entre sílabas fortes. Este padrão, segundo a autora, é menos recorrente, mas existe em línguas naturais; padrões de quatro sílabas não existem, já que podem ser interpretados como dois padrões binários.

Assim, há uma certa maleabilidade com relação aos lapsos acentuais; porém, choques de acento não são permitidos: estruturas com configuração em que duas posições fortes não estão separadas por uma fraca são estruturas mal-formadas (Selkirk 1984: 117), como exemplificado em 44. Por outro lado, há certos domínios prosódicos em que os lapsos e os choques são permitidos. De acordo com Guimarães (1998: 178), o ritmo está intrinsecamente relacionado a processos fonológicos segmentais, contribuindo para que, depois da aplicação dos processos, o resultado seja mais rítmico.

Assim como Selkirk (1984), Nespor & Vogel (1986: 282) explicam que há essa tendência nas línguas de se estabelecer padrões binários, ou seja, com alternâncias regulares entre elementos fortes e fracos. Padrões ternários e padrões quaternários são vistos como dois padrões binários adjacentes. De forma similar, padrões com mais de quatro elementos são sucessões de padrões binários e ternários.²⁹

²⁹ Apesar de Selkirk (1984) e Nespor & Vogel (1986) definirem padrões binários na organização métrica dos enunciados, prosodicamente os domínios são n-ários (cf. seções 2.1, 2.2, 2.3 e 2.4)

CAPÍTULO II: A QUEDA DE SÍLABA NA LITERATURA

Neste capítulo, serão discutidos os trabalhos existentes na literatura sobre elisão silábica e haplologia, organizados da seguinte maneira: na seção 4, há trabalhos sobre a elisão silábica; na seção 0, estão análises da literatura sobre haplologia; e na seção 5.2.3, estão algumas considerações sobre a natureza da queda de sílaba, isto é, se ela é de coalescência ou de apagamento.

4 ELISÃO SILÁBICA

As propostas encontradas na literatura para a elisão silábica, de um modo geral, discutem o processo de queda de sílaba em aquisição de linguagem, observando-se que omissões e substituições feitas por crianças são baseadas em restrições fonotáticas – ou seja, combinações possíveis de sons – (cf. Masilon & Ross 1996, por exemplo, para sândi interno).

Nas subseções a seguir, serão apresentadas análises sobre a elisão silábica encontradas na literatura, tanto para o português (cf. subseção 4.1), quanto para outras línguas (ver 4.2).

4.1 ELISÃO SILÁBICA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Há apenas um trabalho publicado que discute a elisão silábica no português brasileiro, o de Alkmim & Gomes (1982) – outros trabalhos analisam o truncamento (como Gonçalves & Vazquez 2005).

O truncamento ocorre independentemente de contexto e pode ser encontrado isoladamente no léxico. Piñeros (2000) define o truncamento, no espanhol, como hipocorísticos equivalentes a uma palavra prosódica mínima, uma vez que devem ter, no máximo, um pé binário. Se a palavra-fonte exceder esse limite, o material segmental pode não ser preservado.³⁰

Exemplos desse processo fonológico de queda de sílaba no português brasileiro, de Gonçalves & Vazquez (2005) são *professor* > *fessor*, *aniversário* > *níver*, *prejuízo* > *preju*; isto é, são palavras que

³⁰ Nas palavras de Piñeros (2000: 64): “Spanish hypocoristics are equivalent to a Min Wd [minimal prosodic word] because they must contain no more than a single binary foot. As a result, when the source form exceeds this limit, some of the segmental material may not be preserved”.

podem ser reduzidas quando produzidas isoladamente, conforme os exemplos de truncamento (em itálico) a seguir:

45. – Cê viu o jogo no *Maraca* ou no *Morumba*?³¹
 – *Morumba*.

A elisão silábica e o truncamento são processos fonológicos diferentes, já que o primeiro depende de contexto para ocorrer e o segundo independe de contexto segmental.³²

Alkmim & Gomes (1982) não analisam detalhadamente a elisão silábica entre palavras, já que o artigo versa sobre a elisão vocálica em final de palavra e sobre a haplologia em limite de palavras.

As autoras analisam casos de elisão silábica entre palavras que pertencem a um sintagma verbal. Alkmim & Gomes 1982 argumentam que a ocorrência deste processo está relacionada a regras que se aplicam somente a certos itens lexicais caracterizados como proclíticos, e exemplificam com os verbos *poder* e *deixar*, como no exemplo a seguir:

46. [p⁻.fa.ɛla] *pode falar*.

Neste exemplo, as consoantes do contexto segmental /de+fa/ são foneticamente diferentes e ocorre elisão silábica do verbo *poder*, em sua forma conjugada *pode*, ocasionando a queda total da sílaba *de* de *pode*. Alkmim & Gomes (1982) não explicam por que esses verbos podem ser considerados proclíticos. O que se pode observar é que seus exemplos são de palavras que pertencem a uma mesma frase fonológica (cf. seção 2.3 do Capítulo II). As autoras chamam de ‘proclítico’ o elemento que fica mais à esquerda na frase fonológica (cf. exemplo abaixo):

47. [• • • *] acento de frase fonológica
 [* •] [• *] acento de grupo clítico
 [* •] [• *] acento de palavra
 Pode falar.

³¹ Para Gonçalves & Vazquez (2005), há truncamento em itens lexicais como *Morumba*, mesmo com uma mudança de vogal ([i] > [a]) e com uma mudança de acento (Mo.rum.ɛbi > Mo.ɛrum.ba). Outro truncamento desse tipo exemplificado pelos autores é Florianópolis > Floripa.

³² O truncamento será analisado em trabalhos futuros, e não será tratado nesta dissertação.

Contudo, não é possível considerar *pode* como um proclítico, já que clíticos são elementos *não acentuados* que se juntam a outros elementos que estão à sua direita (proclíticos) ou à sua esquerda (enclíticos).³³

A palavra *pode* recebe acento tanto no nível da palavra quanto no nível do grupo clítico, não se caracterizando como um clítico fonológico. Mesmo depois da elisão silábica, a sílaba que permanece é a forte, que recebe o acento dos níveis inferiores (palavra e grupo clítico). Assim, mesmo após o apagamento, a sílaba remanescente continua não sendo ‘clítica’ de acordo com a teoria prosódica (conforme, dentre outros, Selkirk 1984, Nespor & Vogel 1986):

48. [• • • *]	acento de frase fonológica
[* •] [• *]	acento de grupo clítico
[* •] [• *]	acento de palavra
Po(de) falar.	

Portanto, não é possível considerar *po(de)* um clítico fonológico porque recebe acento no nível da palavra e do grupo clítico, mesmo depois da aplicação do processo de apagamento.

Na descrição feita por Alkmim & Gomes (1982), pode-se considerar que o processo fonológico é a elisão silábica, já que há queda total de uma sílaba na junção de duas palavras, tendo o seguinte contexto segmental: a sílaba final da primeira palavra não é semelhante à sílaba inicial da segunda palavra, ou seja, as consoantes /d/ e /f/ são diferentes. Apesar de as autoras chamarem a elisão de sílaba de ‘redução’, é o mesmo processo fonológico aqui tratado, porém será chamado de ‘elisão silábica’ para diferenciar da redução fonológica.

4.2 ELISÃO SILÁBICA EM OUTRAS LÍNGUAS

Na literatura, a maior parte dos trabalhos trata da queda de sílaba entre palavras na aquisição da linguagem (cf. Masilon & Ross 1996); para a fala de adultos, estuda-se mais comumente a queda de sílaba dentro de palavras isoladas (o sândi interno). Nesta linha, estão as propostas de Gildea (1995) e de Carter & Clopper (2002), apresentadas mais adiante nesta seção.

³³ Numa sentença como *Ele po(de) falar*, há gramaticalidade, enquanto que em *Ele po(de)*. não é uma sentença gramatical, de onde se observa que *po(de)* não é uma palavra fraca em português brasileiro, ou seja, não é desacentuada: não há como

Primeiramente, será vista a proposta de Breitbarth (2004) que analisa a elisão silábica em fronteiras maiores que a palavra, como fez Alkmim & Gomes (1982). A autora analisa a queda total de um verbo auxiliar no alemão: chama de *afinite constructions* estruturas em que o auxiliar pode ser omitido de um verbo perifrástico (encontradas no *Early Modern German* dos séculos XVI e XVII). Essas estruturas, *afinite constructions*, podem ser encontradas também no século XX, em estilo literário, restritas a auxiliares do *present perfect* e a passivas. Assim, são consideradas formas arcaicas/poéticas, ocorrendo freqüentemente em sentenças encaixadas (*embedded*). Breitbarth (2004) afirma que as *afinite constructions* aparecem no final do século XV e se espalham rapidamente durante os dois séculos seguintes, desaparecendo em seguida. No século XVII, auxiliares costumam aparecer em sentenças encaixadas de forma excepcional, em que as elipses³⁴ são o *default*.³⁵

Segundo Breitbarth (2004), há propostas tradicionais (cf. Behaghel 1928) que julgam essa construção como um tipo de haplologia: a omissão de um auxiliar pode ser uma estratégia de se evitar o contato entre dois auxiliares epônimos³⁶ em fronteira de sentença. Porém, Breitbarth (2004: 07) discorda dessa proposta, já que há casos de ocorrência de haplologia em que não há adjacência na fronteira da frase (ver exemplo em 49 abaixo) e, ademais, a elisão silábica de um auxiliar pode ocorrer mesmo se houver um item lexical entre eles (em itálico no exemplo em 50):

49.

Die grosse Noth welche sie in dem Schmalkaldischen Krieg außgestanden
a grande miséria que em eles em de Schmalkalden guerra sofreram

■

‘A grande miséria por que passaram na guerra de Schmalkalden.’

■

50.

das also nichts sonders inn der Jnsel dieweil sie nit bewohnet *wirt*
que então nada special em a ilha enquanto ele não habitante é

■

■

ser um proclítico.

³⁴ A diferença entre elisão e elipse é que “os sons podem sofrer elisão; as palavras estão sujeitas à elipse”, de acordo com Trask (2004: 91).

³⁵ Apesar da opcionalidade do processo, Breitbarth (2004) não apresenta exemplos sem a ocorrência de queda de sílaba.

³⁶ Epônimo significa “com o mesmo nome”, “mesmo lexema”, de acordo com Breitbarth (comunicação pessoal).

51.

zufinden (_) dann allein die wilde Capparen
 encontrar ser do que sozinhas as selvagens flores

‘Que, nesta ilha, a qual não é habitada, nada especial pode ser encontrado, além de flores selvagens’.

Na queda de sílaba apresentada em 49, o verbo *ter* está no final do enunciado e não possui, assim, um outro elemento adjacente a ele. Em 50, apesar de haver repetição subjacente de *ser*, há um item lexical *wirt* que aparece entre os dois verbos (em itálico no exemplo) e, mesmo assim, o segundo *ser* é elidido.

Há outros casos em que o verbo seguinte ao elemento omitido é um auxiliar diferente ou até mesmo um verbo principal. Como se pode observar no exemplo em 52 abaixo, oferecido por Breitbarth (2004: 07), há apagamento de um auxiliar:

52.

wo dein haubt (_) daselbsten werden auch vnsere Heubter sein
 onde sua cabeça se ‘reflexivo’ ‘auxiliar futuro’ também nossas cabeças estar

‘Onde sua cabeça estiver, também estarão nossas cabeças’.

Em 52 acima, há queda do auxiliar *ist* (‘ser, estar’) e, já que não há queda de uma sílaba seguida de outra foneticamente semelhante (característica de haplologia), considera-se como um processo de elisão silábica.

As chamadas *afinite constructions* ocorrem no *Early Modern German*, afetando, primeiramente, verbos auxiliares (*haben/sein* ‘ter/ser, estar’ + particípio passado) e se espalham para a forma passiva (*sein/werden* ‘ser, estar/tornar-se’ + particípio passado) e construções com *haben/sein* ‘ter/ser, estar’ + *zu* ‘partícula de infinitivo’. Além disso, a elisão silábica pode ocorrer com cópulas e, mais raramente, com verbos auxiliares de futuro (*werden* ‘ser, estar, tornar-se’ + infinitivo) e com verbos de modo (*modal verbs*).

Breitbarth (2004) afirma que há propriedades sintáticas para a ocorrência da elipse de um auxiliar no alemão arcaico, já que a presença de um complementizador explícito (*overt*

complementizer) é uma condição crucial para a ocorrência de processo, ou seja, é o desencadeador (*trigger*) do processo. Além disso, segundo Breitbarth (2004), o refinamento do sistema de complementizadores é uma condição necessária para a ocorrência de *afinite constructions* no alemão arcaico. Com relação à elipse do auxiliar, o fator crucial é a informação de finitude (*finiteness information*) em C^o, juntamente com sujeitos explícitos (*overt*), fazendo com que seja desnecessário o *spellout* do auxiliar, acarretando, assim, a elisão silábica.

Diferentemente de Alkmim & Gomes (1982) e Breitbarth (2004), Gildea (1995) analisa a redução dentro da palavra isolada. O autor estuda dois processos fonológicos em sílaba final de raízes de verbos, em cinco línguas da família caribe (apalaí, caribe do Suriname, makushi, panaré e hixkaryana), a saber: redução e inserção de um alongamento compensatório (*compensatory lengthening*) do *cluster* consonantal resultante da redução. O autor explica que há queda de segmento(s), desde elisão vocálica até vários graus de simplificação de *clusters*.

Gildea (1995) não define a redução explicitamente, mas pode-se determiná-la, no trabalho do autor, como um processo sincrônico de queda da sílaba final de raízes de verbos, com ordenamento de regras iniciando-se com a síncope de vogais que ocupam a posição precedente à sílaba de acento primário. Embora o acento não explique a elisão vocálica, ele motiva a maioria dos ambientes em que há síncope, de acordo com Gildea (1995).

Segundo o autor, as vogais elididas têm os traços [-baixo] e [-central], criando um alongamento compensatório do *cluster* consonantal resultante (as consoantes podem ser obstruintes, nasais e talvez líquidas). Assim, esses *clusters* são simplificados, produzindo, ao final, queda de sílabas. O desencadeador que faz com que a elisão silábica aconteça é morfológico, uma vez que o processo ocorre na fronteira entre raiz de verbo e sílaba do sufixo.

Em caribe, há redução da sílaba final da raiz da maioria dos verbos terminados em *p_*, *t_*, *k_*, *r_*, *m_*, *ku* ou *ru*, exemplificado por Gildea (1995:68-9), dentre outros, com:

53. *poroop_* > *poroo(p_)* ‘parar’

54. *etoor_* > *etoo(r_)* ‘queimar’.

Em 53, observa-se a queda dos segmentos /*p_*/ e, em 54, há queda de /*r_*/. É necessário ressaltar que Gildea (1995) trabalha com um tipo de redução em que não há sílabas que seguem aquela elidida (palavras isoladas). Dessa forma, o processo fonológico estudado pelo autor não é a elisão silábica, mas

sim o truncamento, apesar de o autor, assim como Alkmim & Gomes 1982, chamá-lo de redução – termo genérico.

Também com relação à redução dentro da palavra isolada, Carter & Clopper (2002) analisam quais as posições das sílabas na palavra são mais comumente elididas. As autoras procuraram determinar de que modo as sílabas iniciais e finais, e as sílabas acentuadas das palavras influenciam na redução, perceptiva e oralmente. Em outras palavras, as autoras têm dois objetivos: primeiramente, examinar o comportamento da redução na palavra, tanto em adultos quanto em crianças; depois, analisar as reduções de palavras em um grande número de adultos para identificar padrões de elisão silábica em uma variedade de polissílabos.

Com relação a falantes adultos do inglês, Carter & Clopper (2002) argumentam que a redução estudada pelas autoras é a tendência de abreviar palavras compridas ou bastante usadas, omitindo sílabas desacentuadas e preservando as fortes. Não há regras específicas que possam prever como as reduções silábicas ocorrem, mas há certas tendências na fala informal de adultos: há omissão de sílabas, mantendo sílabas salientes e preservando padrões prosódicos de boa formação³⁷ (pés dissílabos ou monossílabos, com cabeça à esquerda). Carter & Clopper (2002: 321) apresentam exemplos de redução do inglês:

55. giráffe > ráffe

56. banána > nána

Os exemplos acima são itens lexicais formados por três sílabas, em que a segunda sílaba é que carrega o acento lexical e que há queda da primeira sílaba da palavra, ou seja, da pré-tônica. Vale ressaltar que, assim como em Gildea (1995), esse tipo de redução ocorre sem que haja uma sílaba adjacente àquela elidida nesse tipo de processo fonológico, chamado de ‘redução de palavra’ pelas autoras (como foi visto em 4.1, é um tipo de truncamento).

Carter & Clopper (2002) apresentam outro tipo de queda de sílaba, a abreviação (*abbreviation*), processo que tipicamente resulta de apagamentos (*clipping*) de sílabas inteiras. Há quatro tipos de *clipping*:

³⁷ De acordo com Trask (2004: 49), condição de boa formação é, “numa língua, a condição de uma forma lingüística que está conforme com as regras dessa língua”.

- *fore-clipping*, em que há queda das primeiras sílabas, como em *mícrofiche* > *fiche*;
- *back-clipping*, com queda das últimas sílabas, como em *limosíne* > *límo*;
- *mixed*, no qual a(s) primeira(s) e a(s) última(s) sílabas caem, como em *inflúenza* > *flú*; e
- com compostos, como em *pósitive eléctron* > *pósitron*, em que há queda de sílabas em um composto.

Segundo as autoras, é difícil fazer previsões de como certas palavras serão reduzidas, como por exemplo, se haverá queda das primeiras sílabas ou não (e.g., *président* > *prés* vs. *téléphone* > *phóne*); a quantidade de sílabas que serão elididas; se serão elididas sílabas inteiras ou somente as vogais. Apesar da imprevisibilidade do processo de elisão silábica entre falantes adultos do inglês, foram encontradas tendências que aparecem tanto na abreviação quanto na elisão silábica, na fala rápida ou na informal: reduções como essas têm pés dissílabos ou monossílabos, com cabeça à esquerda, conservando-se sílabas fortes e omitindo-se sílabas fracas.

Os resultados apresentados por Carter & Clopper (2002) sugerem que, embora a posição do acento e a sílaba final tenham sido fatores relevantes para redução, a sílaba inicial é, em alguns casos, mais propensa a ser preservada, independentemente da posição do acento primário. Os informantes mantiveram o acento primário mesmo depois da redução; entretanto, com relação ao número de sílabas, a posição do acento primário afeta a preferência em manter a sílaba acentuada.

Dessa forma, tanto para Alkmim & Gomes (1982), quanto para Breitbarth (2004), a elisão silábica é um processo fonológico em que há queda total de uma sílaba, cujo contexto segmental seja formado por sílabas foneticamente diferentes, ou a queda de sílaba ocorre sem que haja uma outra adjacente a ela.

Como se pôde notar, a queda de sílaba que Gildea (1995) e Carter & Clopper (2002) analisam são, na verdade tipos diferentes de truncamento e não de elisão silábica, uma vez que a redução estudado pelos autores independe de contexto segmental para que haja aplicação do processo.

De um modo geral, pode-se afirmar que não há previsibilidade com relação a quais tipos de elementos podem sofrer a elisão silábica ou truncamento. Em outras palavras, não há, ainda, uma descrição sobre o contexto em que esse processo ocorre. Então, será verificado aqui se há algum tipo de regularidade na elisão silábica (nos níveis segmental, rítmico e prosódico).

5 HAPLOLOGIA

A haplologia é um tipo de redução em que há apagamento total de uma sílaba, se estiver adjacente a outra e seus segmentos forem iguais (como em 57) ou semelhantes (como em 58):

57. *faculda*(DE) DE letras

58. *tape*(TE) DE vime

Há ocorrência de haplologia em 57, favorecido pelo contexto segmental /de+de/, em que as sílabas são iguais; em 58, as sílabas são semelhantes (as consoantes têm o traço [sonoridade] nas consoantes que as diferenciam). Assim, já é possível distinguir o tratamento da elisão silábica e da haplologia, dado que já existe ao menos uma descrição do contexto de ocorrência: para a haplologia, é necessária, pelo menos, a semelhança entre os segmentos: as consoantes só podem diferir, no máximo, no traço [sonoridade].

Nas duas próximas subseções serão apresentadas propostas encontradas na literatura para a haplologia, tanto para o português quanto para outras línguas.

5.1 HAPLOLOGIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No que toca às análises sobre haplologia no português brasileiro, Alkmim & Gomes (1982) discutem quais são as restrições com relação ao contexto segmental no qual a haplologia ocorre; Tenani (2002), por sua vez, relaciona esse processo segmental à teoria prosódica (cf. Capítulo I); já Bisol (2000) discute a relação entre a haplologia e o ritmo, com o intuito de determinar se o português brasileiro tem ritmo acentual ou silábico; por fim, Battisti (2004) discute a natureza da haplologia, isto é, se ela é de coalescência ou se é de apagamento.

Como foi dito na seção 4.1, Alkmim & Gomes (1982) estudam dois processos fonológicos relacionados à queda de segmentos em limite de palavra: a elisão vocálica entre consoantes (em final de frase e antes de pausa silenciosa, como em *saudades* > [sawɛdad8s]), e a supressão de sílaba em limite de palavra, seguida de outra palavra (haplologia).

As autoras explicam que, na análise de ambos os processos fonológicos, não foram considerados a taxa de elocução (conforme Harris (1969): *largo*, *andante*, *allegretto* e *presto*), e nem mesmo o papel funcional da palavra, ou seja, se a informação é *dada* ou *nova*, se é *tópico* ou *não tópico*, se causa variações entonacionais dentro de um mesmo nível de fala. Alkmim & Gomes (1982: 48) explicam ainda que “a supressão da sílaba parece ser regra geral, exceto em estilos muito cuidadosos (*largo*) ou em situação de realce (contraste)”, e exemplificam com o sintagma *limite de palavra*: se for realizado em andamento *largo*, a produção deverá ser [liʒmitSidZipaɛlavR⁺].

Os dados de haplogia apresentados por Alkmim & Gomes (1982: 48) correspondem a sintagmas e não a sentenças inteiras, o que limita a análise: não há como ver se ocorre haplogia dentro de outros tipos de sintagmas (que são nominais, conforme os exemplos das autoras), nem analisar o nível prosódico de ocorrência de queda de sílaba, ou ainda, se o tamanho da sentença influi nesse processo fonológico.

Neste trabalho, há dados de fala espontânea, o que propicia análises baseadas não apenas na intuição do pesquisador. Exemplos dos sintagmas de Alkmim & Gomes (1982) são apresentados a seguir:

59. faculda(DE) DE letras.

60. lei(TE) DE coco.

No exemplo em 59, as sílabas em maiúsculo são foneticamente idênticas, enquanto que, no exemplo seguinte, as consoantes /t/ e /d/ têm traços iguais, com exceção de [sonoridade].

Com relação à estrutura silábica para que a haplogia aconteça, Alkmim & Gomes (1982: 48) argumentam que a aplicação dessa regra fonológica se limita a uma sílaba CV em final de palavra, seguida por outra sílaba C(C)V; ou seja, pode ter o contexto silábico CV # CV³⁸ (ver exemplo 61) ou CV # CCV (cf. 62):

61. limiTE DE palavra > limi[dzi]palavra

62. quanTO TRAbalho > quan[tRa]balho

³⁸ Neste trabalho, a fronteira entre palavras está representada pelo símbolo #.

Com relação à sílaba CCV, as autoras não especificam o tipo da segunda consoante da segunda sílaba: não restringem essa consoante a /r/ ou /l/ (apenas apresentam esse exemplo com /r/) – se este parece não ser um fator determinante na aplicação ou não do processo; por outro lado, as autoras descrevem a qualidade dos segmentos das vogais e das primeiras consoantes das sílabas sujeitas à haplologia.

Alkmim & Gomes (1982: 49) afirmam que há agramaticalidade em alguns contextos em que há alguma semelhança fonética no contexto segmental, como no exemplo a seguir, em que ambas as consoantes do contexto segmental não têm o mesmo ponto de articulação, mas ambas são plosivas:

63. coCO DA Bahia: *[ʔkodabaʔia].

Em casos como em 63, Alkmim & Gomes (1982) explicam a agramaticalidade pelo fato de o ponto de articulação ser diferente, apesar de ambas as consoantes do contexto segmental serem plosivas: se o contexto consonantal tiver o mesmo ponto de articulação na forma fonética, o processo ocorre; caso contrário, há bloqueio de haplologia. Em outras palavras, em 63 há bloqueio do processo fonológico, já que os segmentos /k/ e /d/ são foneticamente diferentes quanto ao ponto de articulação.

Além disso, a semelhança entre as consoantes das sílabas envolvidas no processo não é suficiente para que haja haplologia, segundo Alkmim & Gomes (1982: 49), cf. exemplo a seguir:

64. saBE BEIjar > *[ʔsabejʔza]

Casos como em 64 são agramaticais para as autoras, apesar de apresentar um contexto consonantal subjacente /b+b/ semelhante: segundo Alkmim & Gomes (1982:49), nestes casos há supressão apenas da vogal final da primeira palavra, acarretando o contato entre duas consoantes idênticas, que continuam a ser pronunciadas com o alongamento da consoante:

65. saBE BEIjar [sab:ejʔza]

66. camPO PErigoso [k⁺)p:iRiʔgozU]

67. caSO ZOneado [kaz:oʔnjadU]

68. caNO NOvo [k⁺)ʔn:ovU]

69. a FaLE LImitou... [afal:imiʔtoU]

70. osSO SUMiu: [os:uʒmiw]

71. o menGO GOleou [ʊme)g:oʒljoU]

Em sua tese de doutoramento, Abaurre-Gnerre (1979: 111), apesar de não tratar de haplologia especificamente, também analisa o alongamento da consoante proveniente da elisão vocálica. A autora trata da estrutura silábica no falar da cidade de Vitória e, no que diz respeito ao falar coloquial, os seguintes dados são apresentados pela autora:

72. cavaLO LOUco: [k±vaʒl:ok^u]

73. caSA SEgura: [kas:iʒgur⁺]

Abaurre-Gnerre argumenta, para os exemplos acima, que há o alongamento da consoante, ocasionado pela elisão da vogal, caracterizando o processo fonológico de fusão. Assim, em 72, a queda da vogal faz com que os dois segmentos iguais [l] se encontrem e sejam pronunciados distintamente: [l:]. Pode-se dizer o mesmo do exemplo em 73, o qual apresenta o alongamento da consoante [s:], porém, deve-se salientar que as consoantes são semelhantes e não iguais, uma vez que o contexto segmental é [z+s]. A autora afirma que há elisão da vogal em ambos os exemplos, sem discutir a haplologia, já que sua tese de doutoramento é sobre análise de estrutura silábica e não aborda esse processo fonológico.

Dessa forma, se houver queda da vogal e, conseqüentemente, alongamento da consoante, o processo fonológico que está ocorrendo é a elisão; por outro lado, se houver queda da vogal e da consoante, então, há haplologia.

Para os dados 65-71 apresentados acima, de Alkmim & Gomes (1982), e os dados 72 e 73, de Abaurre-Gnerre (1979), o processo fonológico que ocorre é a elisão das vogais, acarretando alongamento das consoantes. Para ratificar casos de alongamento, Alkmim & Gomes (1982: 50) apresentam o par mínimo *A Fale limitou* e *A Fale imitou*, que são pronunciadas, segundo as autoras, de maneira distinta:

74. a FaLE LImitou [aʒfal:imiʒto].

75. a FaLE Imitou [aʒfalimiʒto].

Em outras palavras, Alkmim & Gomes (1982) defendem que apenas as sílabas que contenham consoantes /t/ e /d/ são passíveis de sofrer haplogia, e sílabas com outras consoantes, para essas autoras, não são totalmente apagadas, na medida em que deixam resquícios da sílaba (o alongamento da consoante, ocasionado pela elisão da vogal).

No que diz respeito às vogais, Alkmim & Gomes (1982) defendem que estas também influenciam a aplicação da regra. As autoras apresentam exemplos em que os contextos consonantais são /t/ e /d/ subjacentes e, ainda assim, há agramaticalidade das sentenças, como no exemplo a seguir:

76. *comiDA DA China* *[kɔ̃midaʒSin+].

Segundo as autoras, a agramaticalidade da haplogia no sintagma em 76 pode ser explicada pela qualidade da vogal da sílaba sujeita ao apagamento (em itálico): apesar de o contexto consonantal em *comiDa Da China* ser favorável à haplogia, há bloqueio do processo porque a vogal da sílaba sujeita à queda possui o traço [+baixo].

Como pôde ser observado nos exemplos anteriores (cf. 59-62), para Alkmim & Gomes (1982), a haplogia ocorre nos casos em que a vogal da sílaba sujeita à queda possui o traço [+alto]³⁹, enquanto que a segunda vogal parece não ter restrições. Além disso, nos contextos segmentais em que ocorre a haplogia, a sílaba elidida é a primeira, já que a consoante que permanece, quando são diferentes, é a segunda. Assim, o desencadeador da haplogia para Alkmim & Gomes (1982: 48) é que as sílabas devem ter os traços [+coronal, -contínuo, -nasal] e a segunda vogal, o traço [+alto], como exemplificado a seguir:

77. *lei(TE) DE coco.* > [ʒlejdeʒkokU]

No sintagma em 77, o segmento /e/ da palavra *leite* sofre regra de alçamento /e/ > [I] que, segundo as autoras, é imprescindível para que haja haplogia. Pode-se notar também que há queda de /te/ da palavra *leite*, já que a consoante dessa sílaba é diferente da consoante do clítico *de*.

Quanto ao ritmo, ambas as sílabas devem ser átonas – portanto, um contexto de lapso acentual – para que uma delas seja efetivamente elidida, como se pôde notar nos exemplos anteriores (cf. 59-62,

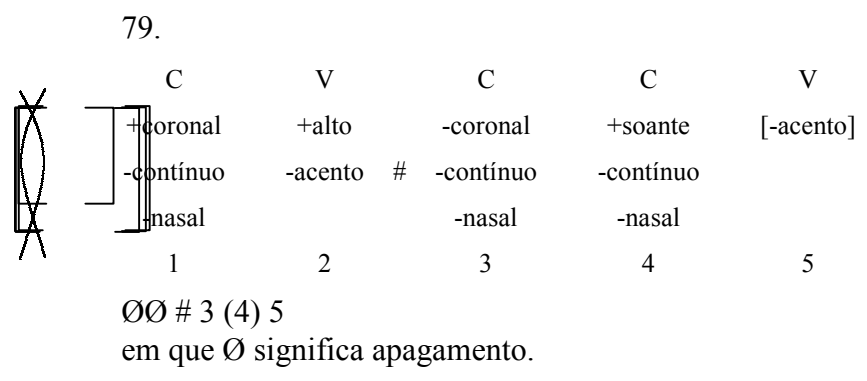
³⁹ No falar mineiro, segundo Alkmim & Gomes (1982), há regra de alçamento de vogais médias em final de palavra. Assim, todas as vogais nos exemplos das autoras em final de palavra que têm os traços [-alto, -baixo] (portanto, /e/ e /o/) são

77). No exemplo a seguir, a agramaticalidade é explicada por ser tônica uma das sílabas (grifada a seguir) do contexto segmental, segundo Alkmim & Gomes (1982: 50):⁴⁰

78. gaTO **TON**to *[ɛgaɛto)tU].

Alkmim & Gomes (1982) não dão exemplos de combinação de palavras com variação na tonicidade, apenas afirmam que ambas as sílabas devem ser átonas para que ocorra haplologia. As autoras nada afirmam com relação à nasalidade.

Finalmente, as autoras propõem uma regra que restringe a queda de sílaba em fronteira de palavras, especificamente, uma regra de haplologia:



Pela regra apresentada acima, a haplologia ocorre com consoantes dentais, exceto a nasal, juntamente com vogais que tenham o traço [+alto]. Ademais, ambas as sílabas do contexto segmental devem necessariamente ser fracas. A regra deve ser lida como: no contexto 12 # 3(4)5, 1 e 2 são apagados.

Alkmim & Gomes (1982) propõem uma regra para a haplologia que caracteriza os aspectos segmentais, e a única informação não-segmental que se tem é que as sílabas devem ser fracas. Em 1984, Selkirk (e depois em 1986, Nespor & Vogel) argumenta, através da análise de diversos processos fonológicos em diversas línguas, que os processos fonológicos ocorrem em domínios prosódicos específicos. Assumindo esta proposta, Tenani (2002) compara a estrutura prosódica do português brasileiro e do português europeu, partindo de evidências dos domínios prosódicos nas duas variedades

realizados foneticamente com o traço [+alto], como por exemplo /ɛpe.le/ > [ɛpɛ.lɛ] e /ɛva.zo/ > [ɛva.zʊ].
⁴⁰ As sílabas acentuadas relevantes estão em negrito.

(para definições dos níveis prosódicos e suas reestruturações, cf. Capítulo I). Como, para o português europeu, há evidências segmentais (via processos fonológicos que ocorrem em determinados domínios prosódicos) e entonacionais de como estão estruturados os domínios prosódicos acima da palavra fonológica (cf. Frota 1998), a autora procura por evidências (portanto, processos fonológicos) de domínios prosódicos para o português brasileiro.

Tenani (2002) analisa contextos de processos de sândi externo, quais sejam: o vozeamento da fricativa, *tapping* (processo fonológico em que o r-retroflexo passa a tepe), a haplologia, a degeminação, a elisão e a ditongação. Assim, o objetivo da autora é tanto fornecer evidências dos domínios prosódicos no português brasileiro, quanto identificar as semelhanças e diferenças entre as duas variedades do português em relação à constituição dos domínios prosódicos.

Com relação à haplologia, Tenani (2002), analisando contextos segmentais em que de fato ocorre este processo (no falar da região de São José do Rio Preto, São Paulo), de acordo com a regra proposta por Alkmim & Gomes (1982), sustenta que sua ocorrência pode variar, dependendo do nível prosódico do contexto envolvido. Além do mais, a aplicação da haplologia independe da taxa de elocução, já que os enunciados exemplificados por Tenani (2002) foram produzidos em nível coloquial (geralmente estilo *alegretto*) e, ainda assim, houve uma variação na aplicação de haplologia no *corpus*.⁴¹

Segundo Tenani (2002: 137), a haplologia não depende dos segmentos da primeira sílaba anterior àquela sujeita ao sândi, os quais estão sublinhados nas frases em 80 e 81 a seguir:

80. a faculda(DE) DE letras foi vencedora.

81. a juventu(DE) DInâmica foi vencedora.

Em 80, a sílaba anterior àquela que sofre a haplologia é /da/ e, em 81, essa sílaba é /tu/. Em ambos os casos, há ocorrência de haplologia e, segundo Tenani (2002), as sílabas anteriores ao contexto segmental não influenciam na aplicação desse processo fonológico.

Tenani (2002) discute também a combinação das consoantes /t/ e /d/ do contexto de haplologia. Não houve ocorrência de haplologia com o contexto consonantal /t+d/ ⁴² (cf. 82) no *corpus* utilizado

⁴¹ Até onde se saiba, não há um estudo acústico controlando a taxa de elocução e a aplicação de queda de sílaba, para analisar se o processo realmente independe da taxa de elocução.

⁴² Tenani (2002) afirma que os informantes, apesar de não terem realizado haplologia nesses contextos, percebem-nos como gramaticais.

por Tenani (2002); há ocorrência se o contexto for /d+t/ (cf. 83); ademais, se as sílabas forem idênticas, como /di+di/ (cf. 84) ou /ti+ti/ (cf. 85), há favorecimento desse processo fonológico no português brasileiro. Exemplos de sentenças com esses contextos segmentais oferecidos por Tenani (2002: 138) estão reproduzidos abaixo:

82. /t+d/: o leiTE DIluído estava estragado.

83. /d+t/: a autoriaDE TIrana provoca revolta na vila.

84. /di+di/ a faculdaDE DInâmica foi vencedora.

85. /ti+ti/ o leiTE TIrado diminuiu com a seca.

Tenani discute a afirmação de Alkmim & Gomes (1982) de que a tonicidade da segunda sílaba pode bloquear a aplicação da haplologia, já que no exemplo *gato tonto* *[ɛgaʒtõtu] de Alkmim & Gomes (1982), a agramaticalidade pode ser causada por não serem iguais as sílabas da seqüência, na medida em que /to/ e /toN/ têm o traço [nasalidade] que diferencia as sílabas em questão, e não necessariamente por causa da tonicidade da segunda sílaba do contexto segmental, como afirmam as autoras. Contudo, Tenani (2002) não testa a nasalidade de *gato tonto*.

Tenani (2002) analisa casos em que a sílaba que poderia cair aparece seguida de uma palavra que, embora corrobore a definição segmental da regra de Alkmim & Gomes (1982), possui uma sílaba tônica no contexto segmental. Considerando-se um mesmo contexto segmental e uma mesma estrutura prosódica, Tenani (2002: 141) fornece exemplos que apresentam variação na tonicidade das sílabas sujeitas à haplologia, a fim de verificar se há bloqueio do processo (as sílabas fortes relevantes estão em negrito):

86. [A autoria**da**DE]φ [DI**to**]φ regras à polícia.

87. [A autoria**da**DE]φ [DI**ta**]φ regras à polícia.

88. [O Di**DI**]φ [DI**to**]φ regras à polícia.

Em todas as sentenças acima, os contextos de haplologia estão em limite de φs. No exemplo em 86, ambas as sílabas do contexto segmental de haplologia são átonas; em 87, apenas a primeira sílaba é átona; em 88, a segunda sílaba é átona. De acordo com os resultados obtidos pela autora, a aplicação de haplologia ocorre com uma variação semelhante se ambas as sílabas forem átonas e entre uma sílaba

átona seguida de outra tônica. Assim, diferentemente do que afirmam Alkmim & Gomes (1982), a haplologia ocorre mesmo que a segunda sílaba da seqüência seja acentuada. Contudo, há bloqueio de haplologia se a primeira sílaba da seqüência for tônica, conforme o exemplo abaixo:

89. *O Di(**DI**) **DItou** regras à polícia.



Unindo as análises sobre domínio prosódico e tonicidade, a autora analisa também a natureza dos acentos dos contextos. Nos exemplos de Tenani (2002: 141), apresentados a seguir, a primeira sílaba do contexto de haplologia em 90 está entre duas frases fonológicas e, no segundo exemplo em 91, está dentro de uma frase fonológica (ambas as sílabas estão em negrito):

90. [O Di**DI**]_φ [**DItou**]_φ regras à polícia.

91. [O Di**DI** **Dlretor**]_φ.

Em *Didi*, do exemplo em 90, o acento de palavra (em negrito) também é acento de frase fonológica, enquanto que, em 91, o acento de palavra não é o acento de frase fonológica (neste caso, o acento de frase fonológica está em *diretor*) – para a atribuição dos acentos em cada nível prosódico, cf. seção 2 do Capítulo I. Em ambos os casos, em 90 e em 91, se houver haplologia, há agramaticalidade da sentença. Em contextos em que a primeira sílaba carregar acento de palavra, há bloqueio de haplologia, seja dentro de φ ou entre φs.

Tenani também observou se a aplicação da haplologia poderia ter como objetivo uma reorganização rítmica. Assim, ela analisou contextos cuja aplicação do processo gerasse um choque de acento (cf. exemplos em 92 e em 93). Segundo Tenani (2002:141), a aplicação da haplologia ocorre independentemente de gerar ou não encontro acentual (50% dos casos de ocorrência de haplologia geraram um choque acentual):

92. [A autorid**da**(DE)]_φ [**DI**ta]_φ em que há choque de acento;

93. [A autorid**da**(DE)]_φ [**DItou**]_φ sem choque de acento.

Nos exemplos acima, a sílaba sujeita à haplologia é átona; em 92, a tonicidade recai sobre a segunda sílaba do contexto segmental; assim, quando ocorre a haplologia, há um encontro acentual

entre [da] e [di]. Em 93, a segunda sílaba é átona, e com a aplicação do processo o resultado é uma seqüência de sílabas forte-fraca-forte ([da]-[di]-[tou]). Portanto, há ocorrência de haplogogia mesmo que a aplicação desse processo resulte em choque de acento no nível de frase fonológica.

Finalmente, Tenani (2002) analisa os domínios prosódicos em que o processo ocorre. A autora preparou um experimento com sentenças para serem produzidas por informantes, levando em conta as seguintes variáveis: domínio prosódico, constituição sintática e tamanho da sentença.⁴³

Há onze tipos de relação prosódica entre palavras com contexto de sândi externo analisados por Tenani (2002), apresentados a seguir:

- Mesmo ϕ : um SN na posição de sujeito, composto de dois nomes, sendo que o primeiro nome é núcleo do SN e o outro está do lado recursivo do SN. Exemplo: [A faculDAde diNÂMica] ϕ foi vencedora.
- $\phi+\phi1$: é uma relação sujeito-verbo, entre frases fonológicas não ramificadas. Exemplo: [A faculDAde] ϕ [diminuiU] a verba da limpeza.
- $\phi+\phi2$: entre frases fonológicas também não ramificadas e entre nome e verbo (como na estrutura acima), porém, a estrutura sintática do SN-sujeito é mais complexa. Exemplo: O trabalho do diretor [da faculDAde] ϕ [diminuiU].
- $\phi+\phi3$: mais uma vez, a estrutura é de duas frases fonológicas não ramificadas, compostas de sujeito e verbo, mas a primeira frase fonológica é ramificada. Exemplo: [O Sebastião José Ferreira de AnDRAde] ϕ [diminuiU] o trabalho nesse mês.
- I+I+I: com uma frase encaixada depois do SN-sujeito da sentença principal, cuja seqüência segmental relevante ocorre entre duas fronteiras de frases entonacionais: uma entre o SN-sujeito e a frase parentética e outra entre esta e o verbo da sentença principal. Exemplo: [A faculDAde,] \uparrow [diNÂMica mas fora da ciDAde,] \uparrow [diminuiU o atendimento].
- I+I: a primeira frase entonacional é formada por elementos movidos, os quais são frases fonológicas independentes; o segundo I é formado pela sentença principal. Exemplo: [Somente oferecendo faculDAde,] \uparrow [diminuíram as taxas de desemprego].
- U+U1: os enunciados são compostos por sentenças pequenas e entre elas há uma relação sintática. Exemplo: [Fábio fez faculDAde,] \cup [DiminuiU sua tensão].

⁴³ Tenani (2002) explica que os experimentos foram elaborados de forma similar aos contextos estudados no português europeu por Frota (1998), para que fosse possível comparar os resultados de ambas as variedades do português.

- U+U2: os enunciados são compostos por sentenças pequenas e entre elas há uma relação semântica. Exemplo: [Fábio fez faculDAde.]_U [DinoRÁ parou de estudar].
- U+U3: os enunciados são compostos por sentenças pequenas e entre elas há uma relação sintática ou semântica. Exemplo: [O Marcos fez faculDAde.]_U [DiviDIRam a conta de luz].
- U+U4: os enunciados são compostos por uma sentença pequena e uma grande. Entre as sentenças há uma relação sintática e semântica. [O Paulo fez faculDAde.]_U [Diminuíram seus gastos com material de pesquisa].
- U+U5: os enunciados são compostos por uma sentença grande e outra pequena. Entre as sentenças há uma relação sintática e semântica. Exemplo: [O Pedro comprou vários equipamentos para a faculDAde.]_U [Diminuíram seus problemas].

Segundo os resultados obtidos, a haplologia não é bloqueada por nenhum tipo de fronteira prosódica. Ainda assim, a autora nota que o nível hierárquico crescente (ou seja: ϕ , I e U) de um constituinte é inversamente proporcional à ocorrência da haplologia, isto é, quanto maior for o nível hierárquico, menor será a probabilidade de aplicação do processo fonológico.

Em seguida, Tenani (2002) faz uma comparação entre ocorrência e bloqueio de haplologia em português brasileiro e em português europeu, abordando ainda alguns aspectos do ritmo do português brasileiro.

Para aplicação de haplologia entre Is, o processo não depende do tamanho desse nível fonológico em português brasileiro, diferentemente do português europeu, em que a haplologia somente se aplica dentro do domínio de I^{\max} ⁴⁴ e não entre Is, de acordo com Frota (1998: 72), conforme os exemplos abaixo:

94. [Somente oferecendo faculda(DE),]_I [DIminuíram as taxas de desemprego.]

95. *[[O cam(PO)]_I [POR que foi leiloado]_I]_I [rendeu algum dinheiro]_I

⁴⁴ I^{\max} é uma fronteira que bloqueia processos de sândi no português europeu, definido como o domínio que é dominado pela categoria prosódica do nível imediatamente mais alto, (ou nas palavras de Frota, 1998: 69: ‘the domain that is dominated by the prosodic category of the immediately higher level’).

No exemplo em 94, de Tenani (2002), a fronteira de I não bloqueia a haplologia; de forma diversa, no exemplo de Frota (1998) apresentado em 95, há agramaticalidade se o contexto segmental for entre Is.

Quanto às fronteiras de ϕ s, o processo ocorre igualmente tanto dentro de ϕ quanto entre ϕ s para o português brasileiro, com exceção de uma menor ocorrência de haplologia na estrutura de dois ϕ s se um deles for ramificado. Tenani (2002) afirma que essa ramificação de ϕ pode ser interpretada como tendo um peso fonológico, o qual pode estar motivando a menor ocorrência de haplologia nesse contexto. Porém, em nota de rodapé, Tenani (2002) informa que o experimento não foi montado com o intuito de afirmar se há alguma relação entre peso fonológico e haplologia para o português brasileiro.

Então, nenhuma fronteira prosódica bloqueia a haplologia, revelando que esse processo fonológico não tem um domínio de aplicação em português brasileiro, distintamente ao português europeu.

Assim, Tenani (2002) conclui que, no português brasileiro, enquanto a ocorrência de haplologia é sensível à estrutura prosódica, não há um domínio com uma preferência na aplicação de haplologia, diversamente ao português europeu, em que I^{\max} é um domínio de ocorrência desse processo fonológico (cf. Frota 1998).

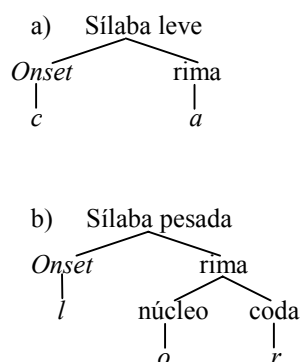
Em uma perspectiva diferente de Alkmim & Gomes (1982), que analisam a haplologia no nível segmental, e de Tenani (2002), que faz uma análise de haplologia e prosódia, Bisol (2000) analisa a haplologia com relação ao ritmo. A autora apresenta exemplos de haplologia com consoantes diferentes de /t/ e /d/; porém, não analisa com quais segmentos a haplologia se aplica, apenas exemplifica com o contexto consonantal /k+k/, conforme o exemplo a seguir:

96. o maca(CO) COmeu todas as bananas.

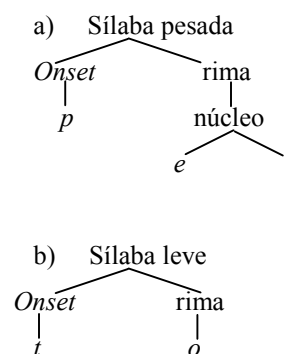
Bisol (2000) argumenta que a aplicação da haplologia pode definir qual o tipo do português brasileiro no que concerne ao ritmo. Neste sentido, há, na literatura tradicional, uma discussão acerca de dois tipos de línguas: elas podem ser de ritmo silábico ou de ritmo acentual (cf. Abercrombie 1967). No entanto, outras propostas (como Barbosa 2000), defendem um contínuo entre esses dois ritmos, já que as línguas podem ter características tanto acentuais quanto silábicas, dependendo das peculiaridades do acento na redução vocálica, no modo que o acento se expressa foneticamente e em seu papel no sistema fonológico.

Inicialmente, cumpre distinguir dois tipos de troqueus: o troqueu silábico e o moraico (é preciso lembrar que mora é uma unidade mínima de tempo). Sílabas leves – ou seja, sílabas que não possuem ramificação da rima (CV) – são consideradas como de uma mora. As sílabas pesadas são aquelas em que há mais de um segmento preenchendo a rima (CVV e CVC). No entanto, a ramificação pode estar diretamente na rima (cf exemplo 97b) ou no núcleo (cf. exemplo em 98a):

97. Palavra: *calor*



98. Palavra: *peito*



Em 97a, a vogal *a* faz parte de uma rima em que só há um elemento; em 97b, a rima é ramificada, pois a vogal *o* faz parte do núcleo e a consoante *r* está na coda. Em 98a, o núcleo é ramificado, possuindo as vogais *e* e *i*; o exemplo 98b representa outra sílaba leve, já que a rima não é ramificada.

Em algumas línguas, as sílabas pesadas são aquelas que têm o núcleo ramificado – assim, sílabas CVV são consideradas pesadas e sílabas CVC são leves (como em *Khalkha Mongolian*), enquanto que em outras línguas, qualquer ramificação na rima torna a sílaba pesada – portanto, tanto sílabas CVV quanto CVC são consideradas pesadas (como no latim, no grego clássico).

Com relação ao português brasileiro, Wetzels (1992) e Massini-Cagliari (1995) afirmam que esta é uma língua moraica, com implicações de peso silábico para a acentuação. Já Bisol (2000), considerando a haplogogia como indicio para confirmar sua hipótese, sustenta que o português brasileiro é uma língua silábica. Segundo Bisol (2000: 408), “com raras exceções, o troqueu silábico está presente nas análises, ainda que parcialmente, mostrando que, de fato, ele vem sendo percebido como um dos elementos básicos da língua [portuguesa]”.

Para argumentar se o português brasileiro tem ritmo acentual ou silábico, Bisol (2000) sugere que a haplogogia pode resultar em troqueu moraico, em favor do ritmo acentual. Neste caso, o tempo

(mora) de cada segmento conta para a colocação de acento. Outras vezes, ainda segundo Bisol (2000), o resultado da haplogogia produz um troqueu silábico que evidencia o ritmo silábico.

Com embasamento na teoria não linear⁴⁵, Bisol (2000) demonstra que há duas grades métricas diferentes para os dâtilos *fósforo* e *abóbora*, exemplos em que há ocorrência de redução dentro da palavra fonológica: elisão de [o] pós-tônico, conforme os exemplos em 99 e em 100 a seguir. Essas duas palavras têm diferenças de pés métricos, pois a palavra *fósforo* tem uma sílaba acentuada *fós* que também é pesada; em *abóbora*, a sílaba tônica *bó* é leve. Levando-se em conta os pés métricos, essas palavras se diferenciam: em *fósforo*, o pé é moraico, enquanto que, em *abóbora*, o pé é silábico. A regra de redução vocálica seria aplicada dentro do pé (cf. *fósforo*) ou fora dele (cf. *abóbora*), como exemplifica Bisol (2000: 407)⁴⁶:

99. **fós** . fo . ro > [ɛf⁻s.fRU]
(x •) <σ>

100. a . **bó** . bo . ra > [a.ɛb⁻.bR⁺]
(x •) <σ>

Contando-se da direita para a esquerda, as sílabas finais *ro* e *ra* de ambas as palavras não seriam vistas por regras de acento (são sílabas extramétricas) – nos exemplos, são as sílabas representadas por <σ>. Assim, o domínio da regra de redução da vogal átona não final é o pé métrico, binário e com núcleo à esquerda, uma vez que sempre o elemento fraco, sujeito ao processo fonológico está nessa posição. É nesse sentido que Bisol (2000: 407) afirma que:

“Independentemente do peso da sílaba acentuada, *forma-se um troqueu silábico? e a regra aplica-se sobre o seu membro fraco*. Temos, portanto, uma forte evidência de que a fonologia do português brasileiro conta com o troqueu silábico, domínio da regra de neutralização da átona não final.” (Grifos de Bisol 2000).

⁴⁵ O modelo de Fonologia Não Linear apresenta regras fonológicas que podem abranger mais de um segmento (cujo domínio pode ultrapassar a sílaba, por exemplo), sem que haja, necessariamente, uma organização linear de aplicação de regras fonológicas.

⁴⁶ Em seu artigo, Bisol 2000 colocou os exemplos de redução ao contrário. Os exemplos a seguir mostram a redução ocorrendo dentro e fora do pé, respectivamente.

Bisol (2000) assume a caracterização de haplologia proposta por Sá Nogueira (1958), afirmando que, para o resultado de haplologia, há duas regras que são ordenadas da seguinte maneira:⁴⁷ primeiro, há queda da vogal, seguida de geminação de duas consoantes, que podem se fundir (na ocorrência de haplologia) ou não (em que não há ocorrência de haplologia, com alongamento da consoante da sílaba precedente). Definindo-se a haplologia dessa maneira, esse processo fonológico tem duas partes: a síncope da vogal que, segundo Bisol (2000), aponta para o ritmo acentual, produzindo um reforço da sílaba precedente (o reforço é o alongamento da consoante). A haplologia completa aponta para o ritmo silábico, uma vez que há uma reorganização silábica.

A autora não menciona qual sílaba é apagada, mas, a julgar pelos exemplos, pode-se inferir que é a primeira do contexto segmental, de acordo com a sentença em 101 abaixo, extraído de Bisol (2000: 409):

101. o maca(CO) COmeu todas as bananas. (ma.kak.ko.mew > ma.ka.ko.mew).

No exemplo acima, ambas as sílabas do contexto segmental (subjacente) sujeito à haplologia /ko+ko/ são idênticas. Seguindo as etapas do processo fonológico apresentadas acima (elisão da vogal seguida de fusão de duas consoantes), Bisol argumenta, quanto ao exemplo em 101, que há, primeiramente, elisão da vogal /o/ de *macaco* e, em seguida, as consoantes /k/ e /k/ são pronunciadas como um só segmento [k] (geminadas) no *output*. Porém, a autora não justifica por que o processo se daria em duas etapas — primeiramente, elisão da vogal; em seguida, queda da consoante —, e nem mesmo por que a sílaba apagada é a primeira (mais uma vez, é necessário afirmar que a autora não especifica esse posicionamento, o qual pôde ser inferido a partir do exemplo).

Diferentemente de Alkmim & Gomes (1982), que estudam o contexto segmental da haplologia, de Tenani (2002), que analisa a haplologia em relação aos domínios prosódicos, e de Bisol (2000), que apresenta uma análise de haplologia quanto ao ritmo, uma quarta abordagem de haplologia no português brasileiro foi a feita por Battisti (2004), a fim de estudar a natureza desse processo fonológico. A autora faz uma análise para verificar se a haplologia⁴⁸ é regida por apagamento (em que há queda de sílaba) ou coalescência. De acordo com Crystal (2000: 49), a coalescência é “a união de

⁴⁷ Bisol (2000) não justifica qual seria a motivação para a haplologia ser decorrente de dois processos fonológicos. Para essa discussão, ver seção 5.2.3.

⁴⁸ O processo é chamado de haplologia sintática pela autora. Para Bechara (1974), a haplologia sintática é definida na gramática tradicional como a omissão de uma palavra (ou final de palavra) em contato com outra foneticamente igual ou

unidades lingüísticas que antes podiam ser distinguidas”, como a fusão ou a neutralização⁴⁹. Um exemplo de coalescência (fusão) é *autoridade* > [o]toridade, em que os segmentos /au/ se tornam um único [o] no *output* fonético.

A proposta de Battisti (2004) é que a haplologia pode ocorrer com sílabas de vogais iguais ou diferentes:

- 102. aciden(TE) DE trânsito.
- 103. merca(DO) DE trabalho.

Em 102, o contexto vocálico é formado pelas vogais médias /e+e/; em 103, as vogais em questão também são médias, mas com o traço [anterioridade] que as distinguem. Vale dizer que os exemplos oferecidos por Battisti (2004), apesar de serem apenas sintagmas, foram colhidos do *corpus* VARSUL (UFRGS, PUCRS, UFSC, UFPR), formado por entrevistas sociolingüísticas cujos informantes são residentes de Porto Alegre, com nível superior de escolaridade.

No que toca às consoantes sujeitas à haplologia, Battisti (2004) explica que elas podem diferir em sonoridade e ilustra com o seguinte exemplo:

- 104. res(TO) DO ano.

No exemplo acima, ambas as consoantes do contexto segmental de haplologia têm os mesmos traços, com a diferença de [sonoridade]. Além disso, não há exemplos de haplologia apresentados por Battisti (2004) cujas consoantes tenham outros segmentos diferentes de /t/ e /d/, ou seja, a autora não discute a haplologia em nível segmental.

Para Battisti (2004), as definições tradicionais de haplologia apontam para o contexto de aplicação, mas não falam sobre a natureza do processo, já que são mencionados os resultados da regra. Os estudos anteriores sobre a haplologia discutem o desaparecimento do material fonológico (cf. Bisol 2000) – esse desaparecimento está normalmente relacionado a apagamento, resultante de dois processos envolvidos: primeiramente, ocorre a queda da vogal e, em seguida, as duas consoantes

semelhante.

⁴⁹ A fusão é um processo fonológico em que há convergência de unidades lingüísticas, como por exemplo, /e+u/ no português brasileiro podem se tornar [o]: /eu/ropa > [o]ropa. A neutralização é um termo para descrever a perda de distinção entre dois fonemas em um determinado ambiente, como em ca/za/ > ca[z□].

tornam-se geminadas, reduzindo-se a uma só consoante. Assim, de acordo com essa proposta, a haplologia teria uma natureza de apagamento da vogal e também de degeminação da consoante.

Battisti (2004) faz referência a duas possíveis análises quanto ao tipo de processo fonológico envolvido (apagamento ou coalescência), de Lacy (1999) e Gouskova (2003).

Para de Lacy (1999), a haplologia morfológica⁵⁰ tem uma natureza de coalescência, uma vez que o material fonológico de dois morfemas se funde no *output*. O autor exemplifica a haplologia morfológica no francês: em *deixis* + {-ist}, o resultado é [deiksist] e não *[deiksisist], ou seja, o material fonológico é preservado — nesse exemplo, há fusão de *-is* com o sufixo {-ist}. O desencadeador da haplologia morfológica, para de Lacy (1999), é a restrição de marcação C (marcação para o traço [+coronal]): deve haver a semelhança de sílabas adjacentes, via restrição de marcação [+coronal], acarretando coalescência (fusão de segmentos). Assim, para de Lacy (1999), a haplologia tem uma natureza de coalescência, pois mantém informações semânticas e o apagamento faria com que essas noções se perdessem.

Para os casos de identidade parcial, de Lacy (1999) apresenta outro exemplo do francês, no qual o traço [+vozeado] não é relevante para computar a identidade de seqüências adjacentes (cf. Alkmim & Gomes 1982): /analiz/ + sufixo {-ist} é /analist/, ou seja, /anal(iz)ist/, no qual há perda de material fonológico no *output*: a perda de vozeamento.

Dessa forma, para o autor, a haplologia é mesmo um efeito de coalescência, já que a identidade entre os elementos é parcial (há perda fonológica de [sonoridade]), mas não há perda de informação semântica. Por outro lado, com afixos mono-segmentais, de Lacy (1999) afirma que a haplologia é por apagamento. O autor não argumenta qual morfema é apagado e não exemplifica haplologia por apagamento com afixo mono-segmental. Porém, com base na definição de haplologia de de Lacy (1999), pode-se inferir que o item lexical do português *ônibus* no singular, com o morfema mono-segmental de plural {-s}, sofre apagamento, como exemplificado a seguir:

105. *ônibuS* (singular) + morfema de plural {-S} > *ônibuS* e não **ônibuSS*

Em 105, o último segmento do item lexical *ônibus* em sua forma singular termina com a coronal /s/. Para o plural no português, acrescenta-se o morfema {-s} e, de acordo com de Lacy (1999), há

⁵⁰ A haplologia morfológica se diferencia da haplologia sintática de acordo com o ambiente de ocorrência: na primeira, morfemas estão necessariamente envolvidos no processo.

apagamento de um dos dois segmentos no *output*. Ou seja, há apagamento de um dos /s/ subjacentes, já que o plural **ônibuss* é agramatical. A análise do autor pode ser considerada pouco econômica, na medida em que é necessário ter duas regras diferentes na gramática (apagamento e coalescência), a depender do tipo de morfema sujeito à haplologia.

Ainda com relação às abordagens sobre a discussão apagamento/coalescência, Battisti (2004) cita Gouskova (2003) que, assim como de Lacy (1999), estuda haplologia morfológica.

Gouskova (2003) argumenta que há tipos de processos de apagamento que podem ser chamados de efeitos de economia: são segmentos adjacentes idênticos, decorrentes do Princípio do Contorno Obrigatório (do inglês, *Obligatory Contour Principle* – OCP)⁵¹ ou de seqüências (haplologia). O OCP⁵¹ foi primeiramente proposto por Leben (1973), com a finalidade de explicar regularidades nos sistemas tonais. Goldsmith (1976: 212) reformulou-o, de forma a aplicá-lo à fonologia Auto-Segmental, da seguinte maneira:

106. Princípio do Contorno Obrigatório (OCP):

No nível fonético, quaisquer (auto)segmentos idênticos adjacentes devem se unir.⁵²

Para Gouskova (2003), a haplologia morfológica pode ser definida como o apagamento de um morfema quando estiver unido a um radical (*stem*) que seja uma seqüência de fonemas idênticos adjacentes⁵³ (a queda não ocorre entre segmentos diferentes). A autora cita dois exemplos de de Lacy (1999), o primeiro com o sufixo {-ist} do francês, e também um exemplo do russo em que o sufixo /-sk/ ‘habitante de’ sofre haplologia com um sufixo adjetival homófono:

107.

/tom {-SK} -SK -ij/ > tomskij, e não *tomSKSKij
tom sufixo de adjetivo ‘habitante de’

habitante de Tomsk (nome da cidade).

⁵¹ O OCP será discutido mais detalhadamente na seção 5.2.3.

⁵² *Obligatory Contour Principle: At the phonetic level, any contiguous identical (auto)segments must be collapsed into each other.*

⁵³ Gouskova (2003: 56) explica, em nota de rodapé, que a noção de adjacência inclui consoantes separadas por vogais. Essa noção também será utilizada nesta dissertação, de acordo com a Geometria de Traços (cf. seção 1).

Para o português brasileiro, Battisti (2004) argumenta que a haplologia é uma regra variável, diferente dos casos de haplologia morfológica discutidos anteriormente: pode atingir também seqüências semelhantes (parcialmente idênticas). Nestes casos, o traço [vozeado] não é relevante, como exemplifica a autora (corroborando de Lacy 1999):

108. Completamen(TE) Diferente

109. Den(TRO) DO consultório.

Em ambos os sintagmas acima, os contextos segmentais têm seqüências semelhantes, já que as vogais são iguais, mas as consoantes se diferem quanto ao traço [sonoridade]; em 109, há ainda a consoante /r/ da sílaba *tro* e, mesmo assim, a haplologia, nos exemplos acima, é gramatical. A primeira sílaba do contexto segmental, em 109, é diferente da proposição de Alkmim & Gomes (1982), já que é uma sílaba do tipo CCV – *tro* de *dentro* – que sofre haplologia.

Para Battisti (2004), a haplologia no português brasileiro decorre do OCP, de acordo com a proposta de haplologia por apagamento de Gouskova (2003). Para ratificar essa proposta de que a haplologia tem uma natureza de apagamento, decorrente do OCP, a autora faz uma comparação entre a haplologia e outros processos de sândi externo que sejam influenciados pelo OCP no português brasileiro. Especificamente, Battisti (2004) trata de processos fonológicos caracterizados pela ressilabificação – a elisão, a ditongação e a degeminação – e, para defini-los, a autora cita Bisol (1996), para quem a elisão é o apagamento da vogal *a* em posição não acentuada, em final de palavra, seguida de outra vogal não acentuada com qualidade diferente no início da outra palavra (cf. exemplo em 110); a ditongação é a transformação de duas vogais de duas palavras diferentes (o final da primeira palavra e o início da segunda) em ditongos, sendo que a vogal alta da seqüência VV deve ser átona (cf. exemplo em 111); e a degeminação é um processo em que há fusão de duas vogais iguais (cf. exemplo em 112):⁵⁴

110. Elisão: camisA Usada > camis[u]sada.

111. Ditongação: carrO Aberto > carr[wa]bertu.

112. Degeminação: camisA Azul > camis[a]zul.

⁵⁴ Para uma discussão pormenorizada sobre esses três processos, cf. Nogueira (2006).

Os exemplos acima são processos de sândi vocálico externo passíveis de ocorrer no português brasileiro quando duas vogais tornam-se adjacentes no nível da frase.

Na haplologia e em processos de sândi vocálico (a elisão e a degeminação, especificamente), a semelhança encontra-se no resultado da regra, ou seja, o apagamento. Assim como na elisão e na degeminação, na haplologia há também apagamento do elemento à esquerda, como exemplifica Battisti (2004):

113. completamen(TE) Diferente > [ko) .plE.ta. ʒme) .dʒi.fe. ʒre) .tSi]

114. merca(DO) DE trabalho > [meR. ʒka.dʒi.tRa. ʒba.pU]

115. universida(DE) DO México > [u.ni.veR.si. ʒda.dU. ʒmE.Si.kU]

Nos exemplos acima, o contexto silábico sujeito à haplologia possui consoantes diferentes (cf. exemplo em 113) e vogais diferentes (ver exemplos em 114 e em 115), em que se percebe quais sílabas são apagadas depois do processo fonológico (cf. transcrições fonéticas).

Assim, de acordo com Battisti (2004), para o português brasileiro, a haplologia deve ser vista como um processo de apagamento, que decorre do OCP: seqüências iguais adjacentes (cujo contexto segmental é formado pelas consoantes subjacentes /t/ e /d/, de acordo com os exemplos da autora) desencadeiam a haplologia sintática no português brasileiro.

Resumidamente, de acordo com as abordagens apresentadas, a haplologia no português brasileiro é regida por uma regra de apagamento, cujo contexto segmental é formado por sílabas iguais ou semelhantes.

5.2 HAPLOLOGIA EM OUTRAS LÍNGUAS

Há abordagens sobre haplologia nas mais diversas línguas, que diferem quanto à natureza do processo (por coalescência ou apagamento). Podem diferir ainda quanto ao nível gramatical em que o processo ocorre, ou seja, há propostas que defendem a haplologia morfológica, em que o processo necessariamente se dá entre morfemas, bem como a haplologia sintática, cuja ocorrência depende da posição das sílabas na sentença.

As propostas a seguir estão arroladas de acordo com a natureza da haplologia dada pelos autores: por coalescência (fusão) de segmentos, ou seja, os segmentos são preservados no *output*, como

será visto em 5.2.1; e por apagamento, cf. seção 5.2.2. Além disso, as abordagens podem diferir quanto à especificação do nível gramatical (morfológica ou sintática) em que acontece a haplologia.

5.2.1 Haplologia como Coalescência

Há abordagens que definem que esse processo fonológico só ocorre com clíticos: Avgustinova (2000) argumenta que há uma tendência de se evitar seqüências de clíticos fonologicamente idênticos, como resultado de um alçamento (*climbing*) do clítico.

Há, ainda, outros trabalhos que não especificam qual seqüência de segmentos sofre haplologia, como o de Lawrence (1998):

116.

tomodati	-NO	(NO)	-ga	hosii
amigo	'genitivo'	('pronominal')	'sujeito'	quer

Quero o do (meu) amigo.

No exemplo acima, a seqüência *no* (genitivo) e *no* (pronome) é agramatical e chega à superfície como *no*, com coalescência de ambas as partículas, segundo Lawrence (1998).

Há também autores que definem a haplologia como morfológica, em que o processo ocorre necessariamente com morfemas fonologicamente idênticos que aparecem subjacentemente, somente uma cadeia fonológica aparece na superfície, resultando em coalescência dos segmentos subjacentes (de Lacy 1999, Russel 1999 e Kurisu 2001). Para de Lacy (1999), o desencadeador desse processo é fonológico, já que deve haver semelhança de sílabas, via restrição de marcação [+coronal]. Além de exemplos do francês com o sufixo {-*iste*}, conforme apresentado anteriormente (ver 4.1), o autor apresenta também o seguinte exemplo do árabe:

117.

TA	TA	kassaru	>	takassaru,	e não	*tatakassaru
ela	'feminino singular'	quebra				

(Ele/ela) quebra.

No exemplo acima, o morfema de feminino singular *ta* e o prefixo verbal *ta* se fundem no *output*, acarretando haplologia por coalescência.

De Lacy (1999) apresenta ainda um exemplo do japonês, em que o adjetivo *kanasi* ‘triste’ não acentuado, junta-se ao predicativo {-*si*}, e forma [kaʒnaSi]. Esse sufixo {-*si*} fornece a acentuação ao *output*, fazendo com que o acento caia na sílaba imediatamente anterior a ele em bases desacentuadas. Se fosse concebido como apagamento de afixo, o *output* não teria acento, formando *[kanaSi]; como apagamento de raiz. O acento estaria correto em bases desacentuadas, como /kanasi/, mas errada em bases acentuadas — a acentuação por afixação de {-*si*} faz com que se acentue a penúltima vogal da raiz (como em /siro/ ‘branco’ + {-*si*}: [ɛSiroSi]). Dessa forma, o afixo {-*si*} deve pertencer à raiz e, simultaneamente, ao sufixo da palavra, ou seja, deve ser coalescente.

Russel (1999) exemplifica a haplologia morfológica da seguinte maneira:

118.

the catS’ pyjamas,	e não	*the catS	‘S	pyjamas
		os gatos	‘possessivo’	pyjamas

Os pijamas dos gatos.

O possessivo do inglês é um caso clássico de exemplificação de haplologia, como se pode observar em 118: o morfema de plural {-*s*} adjacente ao morfema de possessivo {-*s*} são fundidos no *output*, sendo realizados como um único segmento /s/.

Resumidamente, de acordo com as abordagens apresentadas, na haplologia por coalescência, não há perda do material fonológico, uma vez que os segmentos idênticos se fundem na realização fonética.

5.2.2 Haplologia como Apagamento

Alternativamente, a haplologia pode ser considerada como um processo fonológico decorrente do apagamento de sílabas. Assim como na haplologia por coalescência, há autores que propõem a ocorrência desse processo fonológico com seqüências (sintáticas) de segmentos e sujeita a condicionamentos morfológicos.

De acordo com Stemberger (1981), a haplologia provém da morfologia, já que há ocorrência desse processo fonológico se um afixo ou clítico fica ausente quando a parte adjacente do radical (*stem*)

é homófona a ele. Para Plag (1998), a haplologia é uma tendência de se evitar material fonético ou fonológico idêntico em palavras morfologicamente complexas.

Decorrente dessa definição de haplologia, existem duas versões propostas na literatura: *Stem-End Haplology* (cf. Stemberger 1981: 791) e o *Repeated Morph Constraint* (uma restrição que faz alusão ao OCP, cf. Menn & McWhinney 1984), apresentadas a seguir:

119. *Stem-End Haplology*:

A ausência de um afixo ou clítico [...] quando a parte adjacente do radical é a ele homófona.”⁵⁵

120. *Repeated Morph Constraint*:

Evitar morfemes⁵⁶ idênticos adjacentes.⁵⁷

Assim, uma seqüência de morfemas que contém as mesmas propriedades fonológicas é considerada haplologia morfológica (Yoon 2005, Weijer 2003, Jande 2003, Neeleman & Koot 2001, McBride 2004 e Miller 1992); a queda não precisa ser necessariamente de uma sílaba, mas sim de um morfema, como na haplologia dos morfemas mono-segmentais {-s} indicativo de plural e do possessivo no inglês, exemplificado anteriormente.

Para o francês, Miller (1992) explica que {-en} é um afixo flexional que realiza uma especificação dual para uma única posição. Seqüências de sons que têm a mesma estrutura gramatical e fonológica, e mesmo que fossem fonologicamente diferentes, poderiam ser apagadas, como exemplificado a seguir:

121.

Il remplit un verre de ce vin
 ele enche um copo com este vinho

Ele enche um copo com este vinho.

122.

il EN remplit un, e não: *il EN EN remplit un

⁵⁵ *Stem-End Haplology*: The absence of “an affix or clitic [...] when the adjacent part of the stem is homophonous to it.”

⁵⁶ De acordo com Crystal 1985, morfemes são realizações discretas de morfemas.

⁵⁷ *Repeated Morph Constraint*: The avoidance of adjacent identical morphemes.

ele o enche um ele o com ele enche um

Ele completou-o, Ele encheu-o (o copo com vinho).

Em uma seqüência de dois clíticos pronominais *en*, há a elisão de um deles, já que ambos têm a mesma estrutura gramatical e fonológica, mas um deles se refere a *copo* e o outro a *vinho* no exemplo em 121 e 122.

Neeleman & Koot (2001) exemplificam a haplologia morfológica no mandarim:

123.

bing dou hua LE (LE)
gelo todo derreteu ‘perfectivo’ ‘mudança de estado’

O gelo derreteu.

Em 123, há queda da partícula *le* indicativa de ‘mudança de estado’, uma vez que está adjacente ao perfectivo (*perfective marker*) *le*.

As análises apresentadas (Gouskova 2003, Plag 1998, Neeleman & Koot 2001 e Ortmann & Propescu 2000) definem a adjacência de seqüências idênticas como desencadeador de haplologia, decorrente do OCP.

Há alguns autores que consideram a haplologia pode ser considerada ainda como um tipo de dissimilação⁵⁸, já que envolve mudanças (o apagamento) de sons adjacentes similares que acabam por se tornar diferentes (Malamud 2005, Mercado 2001 e Plag 1998). Gouskova (2003: 66) cita exemplos de de Lacy (1999), como do russo a seguir (reproduzido de 107):

124.

/tom {-SK} -SK -ij/ > tomskij, e não *tomSKSKij
tom sufixo de adjetivo ‘habitante de’

habitante de Tomsk (nome da cidade).

⁵⁸ A dissimilação é um processo fonológico em que dois sons iguais tendem a se diferenciar, modificando sua forma subjacente.

O exemplo em 124 apresenta a adjetivação do nome próprio de cidade *Tomsk*, cujos segmentos finais são /sk/; cria-se um ambiente de haplogogia ao se colocar um sufixo adjetival homófono /sk/ ‘habitante de’; dessa forma, ‘habitante de Tomsk’ é realizado como *tomskij*.

Outros autores também propõem a haplogogia como apagamento de sons em seqüências semelhantes e não necessariamente idênticas, como Ortmann & Propescu (2000) para o romeno:

125.

cast	-				-	
el	u	alb	al	bãiat	u	-ui
	l				l	
cast		bran	possessivo	menin		dativo
elo	o	co	singular	o	o	masc.
			masc.			

O castelo branco do menino

126.

cast	-			-	
el	u	(al)	bãiat	u	-ui
	l			l	
cast		possessivo	menin		dativo
elo	o	singular	o	o	masc.
		masc.			

O castelo do menino.

Em 125, há haplogogia do artigo possessivo *al* se, anterior a *ele*, estiver um artigo definido *ul*, em que há um fonema /l/ idêntico em ambas as sílabas adjacentes.

Há autores que levam em conta as propriedades supra-segmentais para a ocorrência de haplogogia. Por exemplo, o acento tem um papel importante na haplogogia, uma vez que a queda ocorre imediatamente antes ou depois de uma sílaba forte (Mercado 2001). Mercado (2001) apresenta um exemplo de haplogogia do grego:

127. $\alpha\mu\phi\iota\phi\text{O}\rho\epsilon\epsilon\upsilon\varsigma$ (grego arcaico) > $\alpha\mu\phi\text{O}\rho\epsilon\epsilon\upsilon\varsigma$ (registro homérico).
AnPHIPHOREUS > anPHOREUS.

Em 127, as sílabas adjacentes $\phi\iota\phi\text{O}$ /fifO/ são contexto para haplogogia, já que as consoantes das sílabas envolvidas são idênticas: /f/. Assim, podemos observar que a haplogogia foi um recurso de

variação entre o grego arcaico *anphiphoreus* e o grego homérico *anphoreus*, caracterizando a haplologia sincrônica dessa língua (ambas as formas eram usadas na mesma época).

Outra questão que surge na literatura acerca da haplologia enquanto apagamento diz respeito ao conjunto de segmentos que é apagado na haplologia. Para a maioria dos autores (Bisol 2000, Weijer 2003, Jande 2003 e Mercado 2001), o apagamento incide sobre a primeira sílaba do contexto segmental, conforme o exemplo em 127 acima (de Mercado 2001) e 96 (de Bisol 2000), reproduzido abaixo:

128. o maca(CO) COmeu todas as bananas.

Rivero (2004) e Neeleman & Koot (2001) não explicitam a questão, mas, considerando-se os seus exemplos, pode-se deduzir que o apagamento recai sobre a segunda sílaba, cf. o exemplo 123 de Neeleman & Koot (2001) do mandarim, reproduzido a seguir:

129.

bing	dou	hua	LE	(LE)
gelo	todo	derreteu	‘perfectivo’	‘mudança de estado’

O gelo derreteu.

Malamud (2005) não afirma quais segmentos são apagados na haplologia, mas apresenta um exemplo:

130. proBABLY > proB'LY.

Com base no exemplo em 130, observa-se que os segmentos elididos são a vogal da primeira sílaba e consoante da segunda sílaba, de acordo com o autor.

Para Miller (1992) e Ortmann & Popescu (2000), há apagamento do primeiro ou segundo morfema, dependendo de características morfológicas. McBride (2004) não define qual sílaba do contexto segmental é apagada, mas defende que propriedades morfológicas são preservadas no *output*.

Enfim, pode-se concluir que grande parte dos autores aqui relacionados defende que a haplologia se dá por apagamento total de uma sílaba e que a diferença entre tais perspectivas reside no nível gramatical (sintático ou morfológico) e no desencadeador do processo.

5.2.3 Coalescência ou Apagamento?

De um modo geral, pode-se dizer que o OCP é o princípio que rege a haplogogia, pois proíbe segmentos consecutivos ou adjacentes que sejam idênticos. Esse princípio foi primeiramente proposto por Leben (1973), com base em línguas tonais; depois, Goldsmith (1976) transfere essa possibilidade para uma propriedade de sistemas auto-segmentais. O OCP foi reformulado, ainda, por McCarthy (1986) da seguinte maneira:

131. Princípio do Contorno Obrigatório (OCP):
Elementos idênticos adjacentes são proibidos.⁵⁹

De acordo com essa definição e com a Geometria de Traços (cf. seção 1), o OCP se aplica a quaisquer dois traços ou nós idênticos que sejam adjacentes numa dada camada e as representações subjacentes que podem violar esse princípio são proibidas. Restrições que podem ser satisfeitas pelo OCP são contra consoantes adjacentes idênticas e obedecem à afirmação em 131, aplicada na camada de raiz. Em muitas línguas, as violações do OCP são resolvidas pela dissimilação e também de outras maneiras, como fusão (*merger*) ou assimilação de nós idênticos adjacentes, o bloqueio de regras de síncope e inserção de segmentos epentéticos. Para a queda de sílaba, é necessário verificar até que ponto o OCP influi nesse processo fonológico.

O OCP está restrito à igualdade dos segmentos, isto é, ambas as consoantes e vogais devem ser idênticas. Nos termos da Teoria da Otimalidade, esse princípio pode ser considerado uma restrição baixa na hierarquia (*ranking*), uma vez que sua violação pode ser tolerada: é possível a produção fonética de segmentos idênticos adjacentes no português, como nos itens lexicais *fiLOLOgia* e *PAPAgiao*, em que há repetição da sílaba *lo* e *pa*, respectivamente. Desse modo, as sílabas iguais podem ocorrer entre morfemas, como em {*filo*} + {*logia*} e dentro do morfema, como em {*papagaio*}. O japonês é outro exemplo de língua em que há diversas repetições de elementos (inclusive de sílabas): no registro não polido, o item lexical *aTATAKAKAtta* ‘era/estava morno’, formado pelos morfemas lexical {*atataka*} ‘morno’ e pelo morfema gramatical de passado {-*katta*}, resulta em gramaticalidade. Assim, há repetição de duas sílabas *tata* e *kaka*, em que a primeira forma está dentro de um mesmo

⁵⁹ “Obligatory Contour Principle (OCP): Adjacent identical elements are prohibited.”

morfema e a segunda está entre fronteira de morfemas, do mesmo modo que no português. A definição do princípio não aponta para apagamento ou coalescência dos segmentos, mas apenas *proíbe* uma seqüência de segmentos iguais.

A natureza da haplologia deve ser considerada como apagamento de sílabas e, para ratificar esta afirmação, tome-se como exemplo o sintagma *dentRO DE casa* > *den de casa* [ɛde).de.ɛka.z⁺]: neste exemplo, as sílabas são semelhantes (com diferença do traço [sonoridade] entre /t/ e /d/), e apenas uma delas permanece no *output*. Dessa forma, não pode haver coalescência dos segmentos *tro* e *de*, porque as consoantes e as vogais são diferentes e, ainda, há o segmento /t/, que ratifica a impossibilidade de fusão.

A haplologia como coalescência é voltada especificamente para morfemas (por isso, o processo pode ser chamado haplologia morfológica): informações morfológicas não se perdem depois do processo. O conteúdo morfológico se une ao elemento que permanece no *output* (idéia similar à assimilação de traços na Fonologia Auto-Segmental). Esse conceito de espraiamento de traços morfológicos não pode elucidar casos de haplologia dita “sintática”, uma vez que, nessa forma de haplologia, não há traços morfológicos no ambiente desse processo, como em *tempesta(DE) DE granizo*.

Muitos autores defendem que a ocorrência de haplologia se dá em duas partes: primeiramente, há elisão (apagamento) da vogal, seguida de degeminação (coalescência) da consoante (Battisti 2004, Bisol 2000, Frota 1998, as quais seguem Sá Nogueira 1958). Assim, a haplologia teria uma natureza tanto de apagamento (da vogal), quanto de coalescência (de consoantes). Mais uma vez, a fusão de segmentos deve ser refutada, já que, se as consoantes diferirem em sonoridade, apenas os traços fonológicos de uma delas serão preservados, como em *diferenTe De você* > *diferen De você* [di.fe.ɛre).de.vo.ɛse] (foi preservada a sonoridade do segmento /d/); o mesmo acontecerá se a primeira consoante apresentar o traço [-sonoro], como em *maldaDe Temida* > *malda Temida* [maw.ɛda.te.ɛmi.d⁺], em que o segmento [-sonoro] /t/ permanece após a haplologia.

Portanto, se o OCP rege a haplologia, esse princípio deveria abarcar qualquer dado, com qualquer tipo de segmento (mesmo que esses segmentos sejam semelhantes e não estritamente iguais). Dessa forma, o OCP pode ser uma explicação para a haplologia, mas não é suficiente para elucidar toda e qualquer ocorrência do processo.

CAPÍTULO III: O CORPUS DA PESQUISA

A proposta desta dissertação é analisar o processo fonológico de queda de sílaba, com intuito de verificar em quais contextos fonológicos pode ou deve haver a queda, e em quais contextos esse processo nunca ocorre – levando-se em conta as variáveis controladas (tipo de segmento, domínio prosódico e alternância métrica). Assim, há três possibilidades para os processos de casos em que apresentam a elisão silábica e a haplologia:⁶⁰

Ocorrência: em que há a queda de sílaba na realização;

Não ocorrência: a sílaba não é elidida, mas poderia ser, estabelecendo a opcionalidade das regras, de acordo com o julgamento dos informantes; e

Bloqueio: situações em que nunca há queda de sílaba, e que os informantes consideram que a aplicação do processo causaria a agramaticalidade da sentença.

A ocorrência e não ocorrência permitem verificar se o processo é opcional (pode ocorrer) ou obrigatório (deve ocorrer). Ocorrência, não ocorrência e bloqueio darão as características da elisão silábica e da haplologia.

O *corpus* deste trabalho é composto de duas partes, uma com testes e outra com duas entrevistas. As entrevistas⁶¹ têm duas seções de trinta minutos cada uma (falas semi-espontâneas), com dois informantes de 28 anos: BGN, que cursou até o 3º colegial (atual ensino médio completo); e ALES, que estudou até a 4ª série do primeiro grau⁶² (atual 4ª série do ensino fundamental I), ambos de Capivari. As entrevistas podem ser consideradas semi-espontâneas porque os temas nas entrevistas eram de situações emotivas – não eram perguntas, mas sim uma conversa informal –, com o intuito de fazer com que o falante prestasse atenção ao conteúdo do que estava dizendo, e desviasse a atenção do modo de fala. É importante salientar que BGN e ALES tinham ciência de que estavam sendo gravados, o que diminui a espontaneidade de fala nas entrevistas. Com base no experimento, foi levantada uma

⁶⁰ Esta classificação seguiu a literatura da área, que admite a opcionalidade da regra. É possível que, controlando outras variáveis (taxa de elocução, por exemplo), cheguemos a uma classificação que não admite opcionalidade da regra, apenas a aplicação ou bloqueio. O levantamento de outras variáveis ficará para um estudo futuro.

⁶¹ O gravador utilizado foi um Panasonic, modelo RQ-L31.

⁶² Foram escolhidos dois informantes com escolaridade diferente para observar se o grau de escolaridade influencia na

hipótese de contexto/regra de aplicação, a qual serviu para a previsão de queda de sílaba nas entrevistas.

Como os dados são gravações de fala espontânea, o registro de fala das entrevistas analisado é informal. Optou-se por esse registro na construção do *corpus* porque parece haver aí uma maior ocorrência dos processos fonológicos. E o principal intuito do trabalho é analisar a estrutura fonológica da elisão silábica/haplologia, bem como as causas (fonológicas) de bloqueio dos processos.

É importante lembrar que as análises feitas são de sândi externo (ou seja, processos que acontecem por razões contextuais em limite de palavra) e, por isso, casos em que há queda de sílaba que não dependem de contexto (truncamento) não serão analisados, como em 132 abaixo (repetido de 45):

132. – Cê viu o jogo no *Maraca* ou no *Morumba*?
 – *Morumba*.

No *corpus*, exemplos como *(es)to(u)*, *(es)tava* e *(vo)cê* (*tô*, *tava* e *cê*) foram itens tratados como formas alternativas de *estou*, *estava* e *você*, respectivamente, já que são encontradas no léxico e podem ser reduzidas independentemente de contexto. No português brasileiro, há um paradigma de preenchimento dos pronomes, em que o clítico somente ocorre em posição de objeto se for forte fonologicamente. Por exemplo, segundo Miotto (2000: 21), há um conjunto de regras que rege a distribuição de *cê* e *você*. O pronome *cê* na sentença *A Maria disse que cê vai viajar* torna-a gramatical. Por outro lado, a distribuição desse pronome (fraco) em posição de objeto gera a agramaticalidade da sentença, como em **A Maria viu cê*. Exemplos da necessidade de contexto segmental para queda de sílaba estão na agramaticalidade de **Fiz faculda(de)* e **Fui na ca(sa)*.

Foram desprezadas reduções silábicas e haplologias do *corpus* em momentos em que houve hesitação ou ênfase no ato de fala do informante, uma vez que as entrevistas foram feitas informalmente.

Durante uma hora de gravação, foram produzidas 103 sentenças com contextos favoráveis à queda de sílaba, sendo que, em 23 delas, houve hesitação da palavra sujeita à queda de sílaba na produção do informante. Essas sentenças não foram analisadas, já que a hesitação bloqueia a elisão silábica/haplologia:

133. ...tiP[O:]... PROtetor auricular, manja?

Na sentença em 133, a haplogogia é bloqueada por hesitação do falante (indicada pelas reticências); houve também um alongamento na vogal final da palavra sujeita à haplogogia [o:] em 133.

Foram feitas três análises diferentes (segmental, prosódica e métrica) com as mesmas 103 sentenças das entrevistas. Assim, um mesmo dado pode aparecer mais de uma vez nas análises ao longo dos Capítulos IV, V e VI desta dissertação.

Nas entrevistas, verificaram-se as possibilidades de ocorrência de elisão silábica e haplogogia, bem como a não ocorrência desses processos (ou seja, casos em que havia um contexto segmental favorável à ocorrência dos processos, mas os falantes BGN e ALES optaram por não realizá-los). Os processos são considerados opcionais, pois sentenças em que ocorreram também são aceitas se os processos não ocorrerem e algumas sentenças em que os processos não ocorreram são aceitas como gramaticais se sofressem os processos.

Já que nem todos os contextos favoráveis à queda de sílaba apareceram nas entrevistas do *corpus*, depois de colher os dados naturalísticos, foi feito um teste adicional para a análise segmental, para que se pudesse constatar em quais combinações segmentais há bloqueio de elisão silábica/haplogogia, isto é, contextos em que os processos não ocorrem de maneira alguma, independentemente da vontade do falante. A seguir, há dois exemplos de sintagmas com os contextos testados, com variação no contexto consonantal:

134. m+m: *alar*(ME) MO*d*erno

135. m+t: **alar*(ME) TR*A*vado > *alar*[^mt}a]vado

Em ambas os sintagmas acima, bem como em todo o experimento realizado, foram controladas as tonicidades das sílabas, já que ambas as sílabas do contexto segmental devem ser fracas. Esses testes auxiliaram nas possibilidades de ocorrência de elisão silábica e haplogogia, bem como no bloqueio desses processos: pôde-se constatar quais combinações segmentais não são simplesmente opcionalidade, mas sim seqüências que não permitem a queda de sílaba. Para a discussão nesta dissertação, optou-se por unir os dados naturalísticos e o teste para analisar todas as possibilidades não apenas de ocorrência, mas também de não ocorrência e bloqueio de queda de sílaba.

O teste varia a consoante no contexto sujeito à queda de sílaba (compostos de sintagmas nominais, com substantivos seguidos de adjetivos). A gramaticalidade dos testes teve julgamento de acordo com a intuição da pesquisadora e da informante FC, de 31 anos, de Capivari – os testes foram realizados, assim, na perspectiva de percepção do falante; quanto às entrevistas, a análise feita foi de outiva.

As análises do *corpus* estão organizadas da seguinte maneira: no Capítulo IV, são analisados os segmentos envolvidos nas ocorrências, não-ocorrências e bloqueios dos processos. Em seguida, os dados das entrevistas (ocorrências e não ocorrências) passaram por uma análise prosódica (cf. Capítulo V), com a finalidade de verificar a relação entre os processos fonológicos e a hierarquia prosódica – nesse capítulo, as frases relevantes foram transcritas ortograficamente em sua totalidade, já que sentenças completas são imprescindíveis para análise dos níveis prosódicos. No Capítulo VI, as ocorrências de elisão silábica e haplologia foram relacionadas à estrutura rítmica.

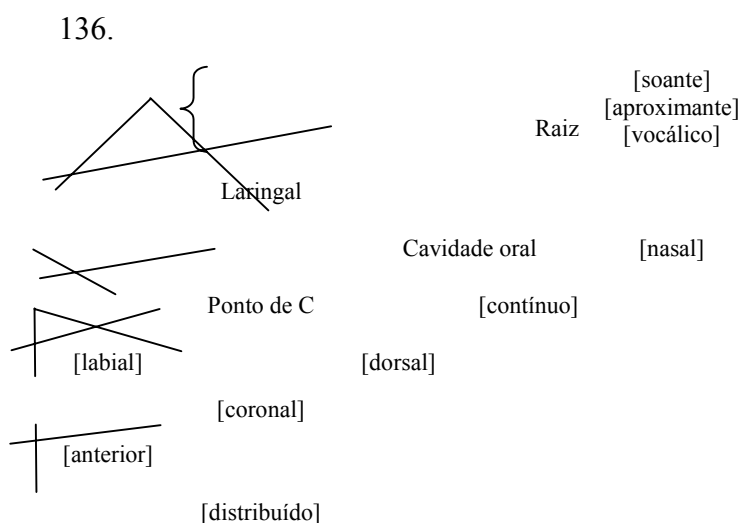
CAPÍTULO IV – ANÁLISE SEGMENTAL

Neste capítulo, é analisado o contexto segmental dos processos. Como foi visto na seção 1 do Capítulo I, as vogais e as consoantes estão dispostas em camadas esqueléticas diferentes; assim, os dados estão apresentados segundo o ponto de C (cf. seção 6) e o ponto V (cf. seção 7).

6 O PONTO DE C E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS

Como foi visto no Capítulo II, a distinção entre elisão silábica e haplogogia depende da combinação das consoantes do contexto segmental. Na maior parte dos casos, a queda de sílaba se dá com os segmentos /t/ e /d/. Nesta análise, a distinção entre a elisão silábica e a haplogogia será respeitada, para verificar se essa divisão se mantém.

Para observar se há algo que pode unir os dois processos (haplogogia e elisão silábica), será analisada não a combinação das consoantes, mas sim a combinação dos traços que constituem essas consoantes. Os traços podem ser organizados internamente ao fonema (cf. a Geometria de Traços apresentada na seção 1) e, para as sentenças do *corpus*, foi utilizada a seguinte representação arbórea:



A árvore representada em 136 está organizada de acordo com os traços relevantes às possíveis combinações consonantais. É necessário notar que há traços subespecificados, como foi visto na

seção 1. Por exemplo, [soante] é subespecificado para nasais: se um segmento possuir o traço [nasal], terá também, necessariamente, o traço [soante] no *output*. Além disso, as nasais têm o traço [-contínuo] na cavidade oral, apesar de serem [+contínuo] na cavidade nasal.

Pelos dados naturalísticos, é impossível de se obter bloqueios de queda de sílaba (ou seja, sílabas que nunca são elididas), foram feitos testes com contextos segmentais em que o processo pode ocorrer (conforme a opcionalidade do falante) e contextos em que nunca há queda de sílaba (conforme subseção 6.1). O primeiro teste consiste em combinações entre consoantes [-contínuo] e o outro teste, com consoantes [+contínuo]. Finalmente, foi feito um teste com os segmentos que possuem o traço [contínuo] diferente entre si.

Os dados naturalísticos apresentados na subseção 6.2 apresentam todas as combinações de contexto de queda de sílaba, com ocorrência e não ocorrência do processo fonológico.

Os segmentos consonantais podem variar quanto à sonoridade, quanto ao ponto de C e quanto ao traço contínuo. Alkmim & Gomes (1982) demonstraram que [sonoridade] não influi para a haplologia; então, foram controlados o ponto de C e o traço [contínuo].

6.1 OS TESTES DE (A)GRAMATICALIDADE

Nesta subseção, estão os testes:

- 1) com combinações entre as consoantes do português brasileiro que possuem o traço [+contínuo];
- 2) em que os fonemas têm o traço [-contínuo], de acordo com o ponto de C dos segmentos: coronais, dorsais, labiais e laringais.

Todos os contextos segmentais formam sintagmas nominais (substantivos seguidos de adjetivos). Estão apresentados da seguinte maneira: em 6.1.1, todos os sintagmas podem ter ocorrência/bloqueio de haplologia; em 6.1.2, estão os sintagmas com ocorrência/bloqueio de elisão silábica.

A discussão sobre a combinação de consoantes com traço [- contínuo] e [+ contínuo] e vice-versa está na seção 6.1.2.16.

6.1.1 Haplologia

Para ocorrência de haplologia nos testes, foram verificadas quais combinações de consoantes bloqueiam o processo, ou seja, nunca ocorrem. Respeitando a proposta de Alkmim & Gomes (1982), os contextos consonantais variam apenas em relação à sonoridade, sendo que todos os outros traços são iguais. Houve um total de 31 (trinta e um) sintagmas, cujos contextos segmentais têm uma diferença de, no máximo, [sonoridade] entre as consoantes.

6.1.1.1 [labial]+[labial]

Para consoantes [labial], foram feitas 9 (nove) combinações, apresentadas a seguir:

137.	/p+p/	este(PE) PEsado
138.	/p+b/	este(PE) BArato
139.	/b+p/	ra(BO) PEsado
140.	/b+b/	quia(BO) BArato
141.	/f+f/	balo(FO) FANTasiado
142.	/f+v/	Gar(FO) VAlioso
143.	/v+f/	ancho(VA) FIninha
144.	/v+v/	ancho(VA) VERmelha
145.	/m+m/	alar(ME) MOderno

De acordo com os exemplos dos testes 137-145 acima, em todos os contextos a haplologia é possível, já que esses sintagmas são gramaticais, segundo a pesquisadora e FC.

6.1.1.2 [coronal]+[coronal]

Abaixo, estão apresentados os 15 (quinze) sintagmas dos testes com consoantes coronais sujeitas à haplologia:

146.	/t+t/	presiden(TE) TIrano
147.	/t+d/	tape(TE) DInamarquês

148.	/d+t/	bala(DA) TRAdicional
149.	/d+d/	cabi(DE) DEcorado
150.	/s+s/	cabe(ÇA) SAUdável
151.	/s+z/	cabe(ÇA) ZIcada
152.	/z+s/	france(SA) SIMpática
153.	/z+z/	france(SA) ZElosa
154.	/S+S/	bomba(CHA) XAdrez
155.	/S+Z/	bola(CHA) GIgantesca
156.	/Z+S/	laran(JA) CHIlena
157.	/Z+Z/	laran(JA) GElada
158.	/l+l/	cava(LO) LENdário
159.	/p+p/	?bata(LHA) LHAAna
160.	/ _ε + _ε /	?ara(NHA) NHOnha
161.	/n+n/	more(NA) NERvosa
162.	/r+r/	?primei(RO) REmake ⁶³

Como se pode observar nos exemplos 146-159 e 161 acima, há ocorrência de haplologia entre coronais, mesmo que, nas combinações de consoantes, haja uma diferença do traço [sonoridade] entre elas. Porém, a gramaticalidade do contexto /r+r/ traz alguma dúvida, já que não há uma palavra que inicie com um *flap* /r/ na língua portuguesa. Assim, os testes com [ʒ] foram feitos somente com contextos segmentais em que o *flap* está na primeira sílaba.

Para a combinação /_ε+_ε/, há uma certa dificuldade no julgamento de gramaticalidade (tanto da pesquisadora quanto da informante FC), já que parece ficar um [j] epentético, uma vez que, como no caso de [ʒ], não há palavras iniciadas por /_ε/ no português. Da mesma forma, não há palavras iniciadas por /p/ em português, tornando difícil o julgamento de combinações como no exemplo em 159.

6.1.1.3 [dorsal]+[dorsal]

⁶³ Por não haver em português uma palavra que inicie com um tepe, foi escolhida *remake* do inglês, que pode ser considerado um termo técnico usado em gravações. Conforme dita pelo falante BGN (realizado com /ʒ/ inicial), parece haver haplologia.

Houve 4 (quatro) sintagmas sujeitos à haplologia com combinações de consoantes que possuem o traço [dorsal]:

- | | | |
|------|-------|-----------------------|
| 163. | /k+k/ | mole(QUE) CANSado |
| 164. | /k+g/ | mole(QUE) GUItarrista |
| 165. | /g+k/ | ami(GA) QUERida |
| 166. | /g+g/ | ami(GA) GOiana |

Há ocorrência de haplologia em todas as combinações de consoantes [dorsal].

6.1.1.4 [laringal]+[laringal]

Para a combinação [laringal]+[laringal], há apenas 1 (uma) possibilidade, em que há haplologia, como no sintagma a seguir:

- | | | |
|------|-------|-------------------|
| 167. | /r+r/ | guita(RRA) RAjada |
|------|-------|-------------------|

6.1.1.5 Sumário

Pôde-se notar, de acordo com Alkmim & Gomes (1982) e com os exemplos desta subseção 6.1.1, que a haplologia não sofre interferência do traço [sonoridade]: não há bloqueio do processo se as consoantes forem iguais ou semelhantes.

Porém, diferente do que afirmam Alkmim & Gomes (1982), há ocorrência de haplologia com quaisquer fonemas.

6.1.2 Elisão silábica

Nesta subseção, estão todas as combinações com contexto de elisão silábica em que as consoantes do contexto segmental diferem em um ou mais traços.

Os dados estão apresentados conforme as combinações possíveis, apresentando casos de ocorrência e outros de bloqueio de elisão silábica. O que se pretende verificar, então, é se as oposições

ocorrência/bloqueio são aleatórias ou se apresentam alguma regra fonológica com relação à elisão silábica.

6.1.2.1 [labial]+[labial]

Uma vez que a combinação dos contextos para a haplologia recobre as consoantes labiais [+contínuo] (/f+f/, /f+v/, /v+f/ e /v+v/), seguem abaixo as 4 (quatro) combinações possíveis de elisão silábica:

- | | | |
|------|-------|---|
| 168. | /v+b/ | *viú(VA) BOnita > viú ^v bu]nita |
| 169. | /b+v/ | *goia(BA) VERmelha > goia ^b ve ^l]melha |
| 170. | /p+m/ | videocli(PE) MOderno |
| 171. | /b+m/ | goia(BA) MAdura |
| 172. | /m+p/ | ?mada(ME) PERfumada > mad[a]pe ^l]fumada ⁶⁴ |
| 173. | /m+b/ | ?perfu(ME) BAcana > perf[u]ba]cana |

Nos exemplos 168 e 169, o contexto segmental é formado por duas consoantes que diferem no traço [contínuo]: /v/ e /b/ constituem [+contínuo]+[-contínuo], e /b+v/ é uma seqüência [-contínuo]+[+contínuo].

Os segmentos /p/, /b/ e /m/ têm o mesmo ponto de C [labial] e são segmentos [-contínuo] na cavidade oral. Mas, em 172 e 173, há queda parcial da sílaba, já que o traço [nasal] permanece na vogal anterior. Por outro lado, se a nasal estiver na segunda sílaba, como em 170 e 171, há queda total da sílaba. Para essa discussão, ver seção 6.1.3.

6.1.2.2 [labial]+[coronal]

Nos dois exemplos a seguir, além da diferença do ponto de C, os segmentos têm o traço [contínuo] que os diferenciam:

⁶⁴ Numa análise de outiva, os exemplos 172 e 173 são percebidos como gramaticais, mas seriam necessárias ferramentas acústicas para afirmar se há realmente elisão de /p/ e /b/.

174. /f+t/ *coreógra(FO) TApado > coreógra^[f]ta]pado
 175. /b+z/ *goia(BA) GIgantesca > goia^[b]zi]gantesca

Nos exemplos a seguir, o traço [contínuo] é o mesmo, variando o ponto de C [labial]+[coronal]:

176. /p+t/ *bis(PO) TEImoso > bis^[p]te]moso
 177. /p+d/ *ta(PA) DOído > ta^[p]do]ído
 178. /p+n/ *ta(PA) NORmal > ta^[p]no ^[L]mal
 179. /b+t/ *goia(BA) TEnebroso > goia^[b]te]nebroso
 180. /b+d/ *goia(BA) DOcinha > goia^[b]do]cinha
 181. /b+n/ *goia(BA) NATural > goia^[b]na]tural
 182. /m+t/ *aro(MA) TROpical > ar[o] ^[m]t}o]pical
 183. /m+d/ *aro(MA) DELicioso > ar[o] ^[m]de]licioso
 184. /m+n/ *aro(MA) NATural > ar[o] ^[m]de]licioso
 185. /f+s/ *coreógra(FO) SOSsegado > coreógra^[f]s:e]gado
 186. /f+z/ *coreógra(FO) ZIcado > coreógra^[f]zi]cado
 187. /f+s/ *coreógra(FO) CHARmoso > coreógra^[f]Sa ^[L]moso
 188. /f+z/ *coreógra(FO) GIgantesco > coreógra^[f]zi]gantesco
 189. /f+l/ *catástro(FE) LImitante > catástro^[f]li]mitante
 190. /v+s/ *esco(VA) SEparada > esco^[v]se]parada
 191. /v+z/ *alco(VA) ZIcada > alco^[v]zi]cada dois pontos
 192. /v+s/ *alco(VA) CHARmosa > alco^[v]Sa ^[L]mosa
 193. /v+z/ *alco(VA) GIgantesca > alco^[v]zi]gantesca
 194. /v+l/ *viú(VA) LIBeral > viú^[v]li]beral

Observando-se os exemplos 176-194 acima, nunca há ocorrência de elisão silábica entre segmentos com ponto de C [labial] seguidos de consoantes [coronal].

6.1.2.3 [labial]+[dorsal]

Nos exemplos abaixo, além da diferença no ponto de C, há também uma desigualdade no traço [contínuo]:

195. /f+k/ *moqui(FO) QUEImado > moqui^f[kej]mado

Há 6 (seis) possibilidades de consoantes [labial] seguidas de [dorsal], conforme os exemplos abaixo:

196. /p+k/ *ciclo(PE) CALado > ciclo^p[ka]lado

197. /p+g/ *envelo(PE) GUARdado > envelo^p[gwa^L]dado

198. /b+k/ *muam(BA) COMprada > muam^b[ko]prada

199. /b+g/ *escam(BO) GOvernamental > escam^b[go]vernamental

200. /m+k/ *perfu(ME) QUEbrado > perfu^m[ke]brado

201. /m+g/ *perfu(ME) GOSToso > perfu^m[gos]toso

Nos exemplos 195-201, não há elisão silábica, ou seja, o ponto de C nesses contextos segmentais são diferentes: são segmentos [labial] seguidos de [dorsal].

6.1.2.4 [labial]+[laringal]

Os exemplos a seguir têm o contexto consonantal [labial]+[laringal]:

202. /f+r/ *catástro(FE) REpetida > catástro^f[he]petida

203. /v+r/ *po(VO) Risonho > po^v[hi]sonho

Um exemplo com o contexto consonantal [labial]+[laringal], variando [contínuo], é dado a seguir:

204. /p+r/ *vídeocli(PE) RIDículo > vídeocli^p[hi]dículo

Em 204, o contexto consonantal [labial]+[laringal] tem variação no traço [contínuo]: a primeira consoante é [-contínuo] e a segunda é [+contínuo]; em 202 e 203, as consoantes têm o mesmo traço [+contínuo]. Em todos os casos, há bloqueio de elisão silábica.

6.1.2.5 [coronal]+[labial]

Os exemplos abaixo têm seqüências consonantais [coronal]+[labial], variando também o traço [contínuo]:

205. /z+p/ *bele(ZA) POderosa > bele^[z]po]derosa
 206. /d+f/ *vonta(DE) FUgaz > vonta^[d]fu]gaz

Em 205, a consoante [coronal] é [+contínuo], seguida de outra [labial] com o traço [-contínuo]. Já em 206, há o inverso: a [coronal] é [-contínuo] e a [labial] é [+contínuo]. Em ambos os casos, com diferença de ponto de C e de [contínuo], há bloqueio de elisão silábica.

Nos exemplos a seguir, as consoantes [coronal] e [labial] têm o traço [-contínuo] na cavidade oral:

207. /_ε+p/ *gali(NHA) PEquena > gal^[j]pe]quena
 208. /_ε+b/ *gali(NHA) BOnita > gal^[j]bu]nita
 209. /_ε+m/ *gali(NHA) MALdosa > gal^[j]maw]dosa

A partir dos três exemplos acima, nota-se que não há elisão silábica total quando a primeira sílaba for /_ε/, já que, no português, /_ε/ é produzido como [j[®]], e o *glide* permanece no *output* (ou seja, há bloqueio de elisão silábica).

Há 23 (vinte e três) possibilidades de combinações consonantais para o contexto [coronal]+[labial]:

210. /l+f/ ?cava(LO) FAminto > cava^[w]fa]minto
 211. /l+v/ ?cava(LO) VEloz > cava^[w]ve]loz
 212. /t+p/ *tape(TE) PINtado > tape^[tʰ]pi]tado

213.	/t+b/	*tape(TE) BRIlhante > tape[^{tu} b}i]lhante
214.	/t+m/	*tape(TE) MOlhado > tape[^{tu} mo]lhado
215.	/d+p/	*pare(DE) PINtada > pare[^d pi]tada
216.	/d+b/	*pare(DE) BRIlhante > pare[^d b}i]lhante
217.	/d+m/	*agen(DA) MOderna > agen[^d mo]derna
218.	/n+p/	*bicha(NO) PEqueno > bich[a] ⁿ pe]queno
219.	/n+b/	*bicha(NO) BOnito > bicha[a] ⁿ bu]nito
220.	/n+m/	*bicha(NO) MALdoso > bicha[a] ⁿ maw]doso
221.	/s+f/	*cabe(ÇA) FEmural: cabe[^s fe]mural
222.	/s+v/	*cabe(ÇA) VAzia > cabe[^z va]zia
223.	/z+f/	*corrente(ZA) FEnomenal > corrente[^z fe]nomenal
224.	/z+v/	*bele(ZA) VItal > corrente[^z vi]tal
225.	/S+f/	*bomba(CHA) FEdorenta > bomba[^s fe]dorenta
226.	/S+v/	*apa(CHE) VIOlento > apa[^s vjo]lento
227.	/Z+f/	*igre(JA) FEnomenal > igre[^z fe]nomenal
228.	/Z+v/	*igre(JA) VAzia > igre[^z va]zia
229.	/}+f/	*penei(RA) FUrada > penei[^ʎ a]fu]rada
230.	/}+v/	*parrei(RA) VAzia > parrei[^ʎ va]zia

Nos exemplos 210 e 211 há uma incerteza quanto à gramaticalidade da sentença com queda total da sílaba, já que parece ficar o *glide* /w/. Para os exemplos 212-230, a elisão silábica nunca se realiza com o contexto consonantal [coronal]+[labial].

6.1.2.6 [coronal]+[coronal]

Os 2 (dois) exemplos abaixo não variam o ponto de C (são coronais), mas variam o traço [contínuo]:

231.	/t+s/	*tape(TE) CHIquérriimo > tape[^t Si]quérriimo
232.	/s+d/	*crian(ÇA) DINamarquesa > crian[^z di]namarquesa

O exemplo em 231 tem um contexto consonantal [-contínuo][+contínuo] e o exemplo em 232 possui uma seqüência [+contínuo][+contínuo] e, em ambos os casos, houve bloqueio de elisão silábica.

As combinações abaixo são exemplos de [coronal] seguida de [coronal], sem variação de [contínuo] na cavidade oral:

233. /t+n/ consoan(TE) NAsalizada
 234. /d+n/ namora(DA) NAriguda
 235. /n+t/ ?meni(NO) TRAvesso > men[i t}a]vesso
 236. /n+d/ ?pági(NA) DIficil > pág[i) di] dificil

Há elisão silábica envolvendo nasais somente se a primeira sílaba tiver o traço [-nasal]: os dados acima demonstram que pode ocorrer elisão silábica com o mesmo ponto de C (coronais), sem variar [contínuo] na cavidade oral. Porém, se a nasal estiver na primeira sílaba, parece ficar o traço de nasalidade. É o mesmo caso que /m/ na primeira sílaba seguido de outro segmento labial, com foi visto na subseção 6.1.2.1.

A seguir, estão exemplos de duas coronais [+contínuo]:

237. /s+S/ cabe(ÇA) CHEIrosa
 238. /s+Z/ cabe(ÇA) GIgante
 239. /z+S/ babo(SA) CHEIrosa
 240. /z+Z/ bele(ZA) GIgantesca
 241. /Z+s/ ?laran(JA) CEAreense
 242. /Z+z/ ?laran(JA) ZOAda
 243. /l+s/ ?cava(LO) SELvagem > ?cava[^wsew]vagem
 244. /l+z/ ?cava(LO) ZIcado > ?cava[^wzi]cado ou ?cava[^lzi]cado
 245. /l+S/ ?cava(LO) CHARmoso > ?cava[^wSa^l]moso ou ?cava[^lSa^l]moso
 246. /l+Z/ ?cava(LO) GIgantesco > ?cava[^wZi]gantesco

Nos exemplos acima, as coronais do contexto segmental de elisão silábica são [+contínuo], mas há uma incerteza quanto à gramaticalidade nos exemplos 241-246, principalmente nos casos 241 e 242, dado que 237-240 são gramaticais.⁶⁵

Nas sentenças a seguir, parece não haver queda de sílaba:

247. /_ε+t/ *fari(NHA) TEMperada > fari^[j]te)]perada
 248. /_ε+d/ *gali(NHA) DOMesticada > gali^[j] do]mesticada
 249. /_ε+n/ *fari(NHA) NORdestina > fari^[j]no]destina

Nos exemplos acima, o segmento da primeira sílaba do contexto /_ε/ passa a /j/, em que não há queda efetiva da sílaba.

Nos exemplos 250-255 a seguir, há bloqueio de elisão silábica:

250. /s+p/ *mo(ÇA) LHAAna > mo^[za]p+)]na
 251. /z+p/ *bele(ZA) LHAAna > bele^[za]p+)]na
 252. /S+p/ *bi(CHO) LHAAna > bi^[s]p+)]no
 253. /Z+p/ *inve(JA) LHAAna > inve^[za]p+)]na
 254. /l+p/ *donze(LA) LHAAna > donze^[l]p+)]na
 255. /ʃ+p/ *lavadei(RA) LHAAna > lavadei^[ʃa]p+)]na

O julgamento para a queda de sílaba nas sentenças 250-255 não pode ser feito com clareza porque não há, no português brasileiro, palavras que comecem com /p/.

Os dados a seguir também são formados por coronais, seguidas de outras coronais:

256. /s+l/ *cabe(ÇA) LAtejante > cabe^[s]la]tejante
 257. /z+l/ *corrente(ZA) LONgitudinal > corrente^[z]lo))]gitudinal
 258. /S+s/ ?bola(CHA) SALgada > bola^[s]saw]gada
 259. /S+z/ ?borra(CHA) ZOAda > borra^[s]zwa]da

⁶⁵ Com o controle das variáveis discutidas nesta dissertação, não é possível explicar esta diferença de gramaticalidade, que merece estudos posteriores.

260. /s+l/ *apa(CHE) Llimitado > apa^[s]li]mitado
 261. /z+l/ *igre(JA) LOtada > igre^[z]lo]tada
 262. /}+s/ *larei(RA) SALmão > larei^[ʎ^a]saw]mão
 263. /}+z/ *penei(RA) ZIcada > penei^[ʎ^a]zi]mão
 264. /}+s/ *larei(RA) CHARmosa > larei^[ʎ^a]sa^L]mosa
 265. /}+z/ *penei(RA) XAdrez > penei^[ʎ^a]sa]drez
 266. /}+l/ *penei(RA) LAranja > penei^[ʎ^a]la]ranja

Os dados 256-266 não permitem a queda de sílaba: têm contexto em que ambas as consoantes são coronais com o traço [+contínuo] na cavidade oral.

6.1.2.7 [coronal]+[dorsal]

Os exemplos a seguir têm um contexto segmental de uma coronal seguida de uma dorsal, variando o traço [contínuo]:

267. /s+k/ *beli(CHE) QUEbrado > beli^[s]ke]brado

Em 267, as consoantes são [+contínuo]+[-contínuo], com bloqueio de elisão silábica.

Os exemplos a seguir têm um contexto consonantal formado por [coronal]+[dorsal], sem variação no traço [contínuo]:

268. /t+k/ *charu(TO) CUBano > charu^[t]ku]bano
 269. /t+g/ *charu(TO) GOSToso > charu^[t]gos]toso
 270. /d+k/ *segun(DO) CALculado > segun^[d]kaw]culado
 271. /d+g/ *pare(DE) GALvanizada > pare^[d]gaw]vanizada
 272. /n+k/ *carbo(NO) QUEImado > carbo^[n]kej]mado
 273. /n+g/ *meni(NO) GOiano > meni^[n]goj)a]no
 274. /_e+k/ *gali(NHA) QUEImada > gal^{[i]j}kej]mada
 275. /_e+g/ *fari(NHA) GOiana > far^{[i]j}go]iana

Os contextos consonantais em 268-275 têm ponto de C diferentes e com um mesmo traço [contínuo], e há bloqueio de elisão silábica.

6.1.2.8 [coronal]+[laringal]

Os exemplos a seguir variam o traço [contínuo] para uma coronal seguida de laringal:

276. /t+r/ *tape(TE) RIdículo > tape^[h]ídulo

No exemplo acima, há bloqueio de elisão silábica com o contexto [coronal]+[laringal], em que a primeira consoante é [-contínuo] e a segunda é [+contínuo].

Nos exemplos abaixo, não há variação de [contínuo]:

277. /s+r/ *cabe(ÇA) RIdícula > cabe^[s]hídula

278. /z+r/ *bele(ZA) RIdícula > bele^[z]hídula

279. /ʃ+r/ *bomba(CHA) RIdícula > bomba^[ʃ]hídula

280. /z+r/ *pele(JA) RIdícula > pele^[z]hízia

281. /l+r/ *sisto(LE) REpetida > sisto^[le]repetida

282. /j+r/ *caipi(RA) RIsenho > caipi^[j]hisonho

283. /_ε+r/ *ara(NHA) REpugnante > ar^[a]he]pugnante

Não há queda de sílaba entre consoantes [coronal]+[laringal] com o traço [+contínuo], exemplificado em 277-283 acima.

6.1.2.9 [dorsal]+[labial]

O exemplo a seguir possui, no contexto segmental, uma consoante dorsal [-contínuo] seguida de uma labial [+contínuo]:

284. /k+v/ *mole(QUE) VAlente > mole^[k]valente

A combinação entre [dorsal]+[labial] exemplificada abaixo não varia o traço [contínuo]:

285. /k+p/ *mole(QUE) POderoso > mole^[k]po]deroso
 286. /k+b/ *mole(QUE) BOnito > mole^[k]bu]nito
 287. /k+m/ *mole(QUE) MOreno > mole^[k]mo]reno
 288. /g+p/ *empre(GO) POderoso > empre^[g]po]deroso
 289. /g+b/ *empre(GO) BAnal > empre^[g]ba]nal
 290. /g+m/ *sosse(GO) MAtinal > sosse^[g]ma]tinal

Os exemplos acima têm o traço [-contínuo] em ambas as consoantes do contexto segmental, variando o ponto de C ([dorsal]+[labial]) e não há queda de sílaba.

6.1.2.10 [dorsal]+[coronal]

A seguir, a primeira consoante do contexto segmental é uma dorsal [-contínuo] seguida de uma coronal [+contínuo]:

291. /k+z/ *mole(QUE) GIgantesco > mole^[k]zi]gantesco

O exemplo em 291 possui variação tanto no ponto de C quanto no traço [contínuo], bloqueando a elisão silábica.

Os contextos dos dados são [dorsal]+[coronal], com o traço [-contínuo]:

292. /k+t/ *mole(QUE) TRAvesso > mole^[k]t}a]vesso
 293. /k+d/ *mole(QUE) DANado > mole^[k]da]nado
 294. /k+n/ *ata(QUE) NAvál > ata^[k]na]val
 295. /k+_o/ *mole(QUE) NHOnho > mole^[ki]_o]nho
 296. /g+t/ *empre(GO) TENEbroso > empre^[g]te]nebroso
 297. /g+d/ *empre(GO) DUvidoso > empre^[g]du]vidoso
 298. /g+n/ *morán(GO) NATural > morán^[g]na]tural

Apesar de terem o mesmo traço [-contínuo], os exemplos acima têm diferença de ponto de C, em que a elisão silábica é bloqueada.

6.1.2.11 [dorsal]+[dorsal]

Não há exemplos com segmentos consonantais [dorsal]+[dorsal], já que as 4 (quatro) possibilidades de combinações entre esses segmentos (/k+k/, /k+g/, /g+k/ e /g+g/) são formas de haplologia e não de elisão silábica. Pode ocorrer haplologia nessas combinações, conforme apresentadas em 6.1.1.3.

6.1.2.12 [dorsal]+[laringal]

Os exemplos abaixo são de consoantes [dorsal]+[laringal] com variação no traço [contínuo]:

299. /k+r/ *mole(QUE) Risonho > mole^[khi]sonho
 300. /g+r/ *moran(GO) RAlado > moran^[gʰa]lado

Não há combinações [dorsal]+[laringal] sem variação do traço [contínuo], uma vez que as dorsais são [-contínuo] e as laringais são [+contínuo].

6.1.2.13 [laringal]+[labial]

Nos exemplos abaixo, não há elisão silábica:

301. /r+f/ *guita(RRA) FILtrada > guita^[hafiw]trada
 302. /r+v/ *guita(RRA) VERmelha > guita^[havel]melha
 303. /r+p/ *guita(RRA) PREta > guita^[hpre]ta
 304. /r+b/ *guita(RRA) BOnita > guita^[habu]nita

Todos os exemplos acima têm contexto [laringal]+[labial]: em 301 e 302, a seqüência é [+contínuo]+[+contínuo] e, nos exemplos em 303 e em 304, a combinação é [+contínuo]+[-contínuo].

6.1.2.14 [laringal]+[coronal]

No exemplo a seguir, há 1 (uma) combinação de consoantes [+contínuo] e [-contínuo]:

305. /r+t/ *guita(RRA) TOcada > guita^[ha]to]cada

As 7 (sete) combinações de consoantes [laringal]+[coronal] a seguir bloqueiam a elisão silábica:

306. /r+s/ *guita(RRA) SALmão > guita^[ha]saw]mão

307. /r+z/ *guita(RRA) ZIcada > guita^[ha]zi]cada

308. /r+s/ *guita(RRA) CHIquérriima > guit[a:^hSi]quérriima

309. /r+z/ *guita(RRA) GIgantesca > guita^[h]zi]gantesca

310. /r+l/ *guita(RRA) LARanja > guita^[h]la]ranja

311. /r+f/ *guita(RRA) FANtástica > guita^[h]fa]tástica

Nos exemplos 306-311, não há variação do traço [contínuo] para as laringais seguidas de coronais: todas as consoantes são [+contínuo].

6.1.2.15 [laringal]+[dorsal]

No sintagma a seguir, a combinação [laringal]+[dorsal] difere quanto ao traço [contínuo]:

312. /r+k/ *guita(RRA) QUEbrada > guita^[h]ke]brada

Em 312, a consoante [laringal] é [+contínuo] e, a [dorsal] é [-contínuo]: há bloqueio de elisão silábica.

6.1.2.16 Consoantes com o mesmo ponto de C mas com valor diferente para o traço contínuo

Só é possível criar contexto de variação de traço contínuo para a elisão silábica. Se houver uma diferença no valor do traço [contínuo], é descaracterizada a haplologia e o processo passa a ser elisão silábica. Por exemplo, se o contexto segmental de *este(PE) PEsado*, em que temos as consoantes com ponto labial e [-contínuo], for transformado de modo que a primeira consoante continue a ser labial, mas [+contínuo], como em *baloFO PEsado*, temos o contexto para elisão silábica e não mais haplologia.

Controlando o ponto de C e variando o valor do traço contínuo (gerando as combinações [-contínuo][+contínuo] e vice-versa), encontramos os seguintes resultados: para o valor negativo no primeiro segmento e positivo no segundo ([-contínuo][+contínuo]) – cf. 313 –, e para o valor positivo na primeira consoante – cf. 314 –, há bloqueio do processo:

313. *pare(DE) VERmelha > pare^[d_{ve} l]melha

314. *cabe(ÇA) PEsada > cabe^[s_{pe}]sada

Não há como criar um contexto para elisão silábica em que o traço contínuo, nas duas consoantes, seja negativo. Isso porque ele acaba por tornar-se um contexto para a haplologia. Por exemplo, as únicas dorsais que tem o traço [-contínuo] são /k/ e /g/, o que gera o contexto de haplologia, variando apenas a sonoridade. A mesma coisa com as coronais (as únicas coronais com o traço [-contínuo] são /t/ e /d/); da mesma forma, as únicas labiais com o traço [-contínuo] são /p/ e /b/.

6.1.3 Análise dos testes

Nesta seção, serão discutidos três traços relevantes para a caracterização da elisão silábica e da haplologia. Como será visto, esses processos fonológicos dependem de traços consonantais: [sonoridade], [contínuo] e ponto de C.

Primeiramente, a sonoridade não influi na aplicação de haplologia (cf. Alkmim & Gomes 1982 para os segmentos /t/ e /d/), como se pôde observar nos exemplos em 164 e em 165, cujas consoantes são [dorsal]: *mole(que) guitarrista* e *ami(ga) querida*.

Da mesma forma, o traço [sonoridade] também não interfere na aplicação de elisão silábica, conforme os exemplos em 238 e em 239: respectivamente, *cabe(ça) gigante* e *babo(sa) cheirosa*. Em *cabeça*, a primeira consoante do contexto de elisão silábica /s/ possui o traço [-sonoro], seguida da consoante /z/ [+sonoro], de *gigante*. O contexto consonantal /z+S/ de *babosa cheirosa* é formado por uma consoante [+sonoro] seguida de outra [-sonoro]. Em ambos os exemplos, há ocorrência de elisão silábica.

Com relação ao traço [contínuo] para a haplologia, é necessária a igualdade dos traços, ou seja, o contexto consonantal deve ser [-contínuo]+[-contínuo] (cf. exemplo em 137 *este(pe) pesado*) ou [+contínuo]+[+contínuo] (de acordo com o exemplo em 141 *balo(fo) fantasiado*).

A ocorrência de elisão silábica com relação ao traço [contínuo] depende de que ambas as consoantes tenham um valor positivo (cf. exemplo em 240) *bele(za) gigantesca*, em que o contexto consonantal /z+z/ é [+contínuo]+[+contínuo].

Um contexto segmental que possua consoantes [-contínuo]+[-contínuo] não é possível para a elisão silábica. Há apenas um segmento para consoantes [-contínuo] (com variação de [sonoridade]) para cada ponto C, como apresentado a seguir:

[labial]: p e b – produzem haplologia

[coronal]: t e d – produzem haplologia

[dorsal]: k e g – produzem haplologia

[laringal]: o único segmento é [+contínuo]

Dessa forma, não há como criar um contexto para elisão silábica com segmentos [-contínuo], uma vez que não há mais de um segmento [-contínuo] para cada ponto C, já que um contexto com essas consoantes variando apenas [sonoridade] cria um contexto de haplologia.

Para a elisão silábica, é necessário analisar as nasais, que são segmentos [-contínuo] na cavidade oral. Observe-se a tabela a seguir:

315. *As nasais e a elisão silábica*

	1ª sílaba	2ª sílaba
Bloqueio de Elisão silábica	[nasal]	[-contínuo]
Ocorrência de Elisão silábica	[-contínuo]	[nasal]

De acordo com a tabela 315, a elisão silábica ocorre somente se o segmento nasal estiver na segunda sílaba (cf. os exemplos dos testes *videocli(PE) MOderno*, *goia(BA) MADura*, *consoan(TE) NASalizada* e *namora(DA) NARiguda*). Se a nasal estiver na primeira sílaba, há bloqueio do processo (cf. exemplos dos testes **meni(NO) TRAvesso* > *men[i)t}a]vesso*, **pági(NA) DIficil* > *pág[i)di] difícil*, **mada(ME) PERfumada* > *mad[+)pe ʎ]fumada* e **perfu(ME) BAcana* > *perf[u)ba]cana*).

A tabela abaixo representa os dados dos testes apresentados em 6.1.1, de acordo com os ocorrências e bloqueios de haplologia, com as possíveis seqüências de traços do ponto de C para esse processo fonológico:

Seqüências para a haplologia

Ocorrência	Bloqueio
[labial]+[labial]	-
[coronal]+[coronal]	-
[dorsal]+[dorsal]	-
[laringal]+[laringal]	-

De acordo com os dados representados na tabela acima, não há bloqueio de haplologia se as consoantes do contexto segmental possuírem o mesmo ponto de C.

Na tabela abaixo, há a representação dos contextos de ocorrência e bloqueio de elisão silábica, com relação ao ponto de C:

Seqüências para a elisão silábica

Ocorrência	Bloqueio
[labial]+[labial]	
	[labial]+[coronal]
	[labial]+[dorsal]
	[labial]+[laringal]
	[coronal]+[labial]
[coronal]+[coronal]	
	[coronal]+[laringal]
	[dorsal]+[labial]
	[dorsal]+[coronal]
[dorsal]+[dorsal]	
	[dorsal]+[laringal]
	[laringal]+[labial]
	[laringal]+[coronal]
	[laringal]+[dorsal]

Como se pode observar na tabela acima, a elisão silábica ocorre se as consoantes do contexto segmental possuírem o mesmo ponto de C. Caso contrário, há bloqueio de elisão silábica.

Unindo-se as análises dos traços [contínuo] e do ponto de C das consoantes, de acordo com a Geometria de Traços, a generalização de que a queda de sílaba deva ter o mesmo ponto C acarreta o mesmo valor para o traço [contínuo]. Então, não há haplologia com segmentos variando o traço [contínuo]: são processos de elisão silábica. De fato, ao se criar um contexto em que varie o traço [contínuo], obtém-se elisão silábica, como nos exemplos:

316. *ca(SA) DEStuída [+contínuo]+[-contínuo]
317. *gen(TE) SAdia [-contínuo]+[+contínuo]

Ambos os contextos acima são referidos como elisão silábica na literatura sobre elisão silábica.

Para contextos [-contínuo]+[+contínuo] (que resultariam contextos para elisão silábica), não há ocorrência de queda de sílaba, como no sintagma **tape(te) gigante* > *tape[tZi]gante*, por exemplo. Da

mesma forma, para contextos segmentais formados por consoantes [+contínuo]+[-contínuo] bloqueiam a elisão silábica, como em **cin(za) da fogueira* e **cava(lo) do haras*. Assim, a variação no traço [contínuo] e/ou no ponto de C acarreta bloqueio de elisão silábica.

Sumariamente, para a haplologia, o traço [contínuo] deve ser o mesmo para ambas as consoantes do contexto segmental; se as consoantes diferirem em [contínuo], não há contexto para haplologia:

[+contínuo]+[+contínuo]: há haplologia.

[-contínuo]+[-contínuo]: há haplologia.

[+contínuo]+[-contínuo]: não há contexto para haplologia.

[-contínuo]+[+contínuo]: não há contexto para haplologia.

A restrição para a regra de haplologia é igualdade nos traços [contínuo] para ambas as sílabas.

Para a elisão silábica: a regra está restrita ao contexto segmental em que ambas as consoantes tenham o traço [+contínuo]:

[+contínuo]+[+contínuo]: há elisão silábica.

[-contínuo]+[-contínuo]: não há contexto para elisão silábica.

[+contínuo]+[-contínuo]: a elisão silábica é bloqueada.

[-contínuo]+[+contínuo]: a elisão silábica é bloqueada.

Para ocorrência de haplologia, deve haver igualdade do ponto C e dos traços [contínuo] para as consoantes do contexto segmental, ou seja, [+contínuo]+[+contínuo] ou [-contínuo]+[-contínuo]. A sonoridade não importa para a aplicação do processo.

Para ocorrência de elisão silábica, é necessária a igualdade do ponto C e dos traços [+contínuo] para as consoantes do contexto segmental, ou seja, devem ser [+contínuo]+[+contínuo]. A sonoridade também não influi para a aplicação do processo.

Portanto, a elisão silábica e a haplologia são segmentalmente o mesmo processo fonológico, em que há necessariamente o mesmo ponto C para a ocorrência e o mesmo valor para o traço [contínuo].

6.2 AS ENTREVISTAS

Como foi visto na análise dos testes em 6.1, a ocorrência/bloqueio de queda de sílaba depende do ponto de C da consoante e também da estrutura interna ao fonema, o traço [contínuo].

Nas entrevistas, foram separadas sentenças do *corpus* com base na análise dos testes, isto é, mesmo ponto de C e mesmo valor para o traço [contínuo], identificando-se os contextos em que poderiam ocorrer elisão silábica e haplologia na fala. Dessa forma, todos os casos de haplologia/elisão silábica devem ocorrer nos contextos indicados, mas podem não ocorrer porque esses processos são opcionais. Para esses casos em que a análise dos testes previa a realização, mas ela não ocorreu, houve o julgamento da informante FC para verificar se seria possível ocorrer a queda de sílaba.

Nesta seção 6.2, a haplologia e a elisão silábica ainda estão sendo tratadas separadamente para facilitar a discussão.

Os dados estão dispostos da seguinte maneira: primeiramente, na subseção 6.2.1, há os dados favoráveis à haplologia: os contextos consonantais diferem, no máximo, no traço [sonoridade]. Na subseção 6.2.2, há contextos favoráveis à elisão silábica; ou seja, as seqüências consonantais diferem em um ou mais traços.

6.2.1 Haplologia

Como foi verificado nos testes, pode haver ocorrência de haplologia com quaisquer segmentos, sem importar o traço [sonoridade]. Nesta subseção, os dados naturalísticos com contextos segmentais sujeitos à haplologia estão organizados de acordo com o ponto de C.

6.2.1.1 [labial] + [labial]

Para consoantes labiais, houve 1 (uma) ocorrência de haplologia e 2 (duas) não ocorrências:

- 318. fica(VA) VIAjando nos olhos dela...
- 319. ...semPRE PAgo para ele.
- 320. saBE BAnanão, filho de Ponce?

Em 318, as consoantes do contexto têm os traços [+contínuo], com ocorrência de haplologia. Em 319 e em 320, houve não ocorrência: ambas as consoantes do contexto segmental têm o traço [-contínuo]. De acordo com os testes, poderia haver haplologia em 319 e em 320 (cf. os sintagmas *este(pe) pesado* e *quia(bo) barato*), mas o falante optou por não realizar o processo. Os dados 318-320 corroboram a análise dos testes, uma vez que pode haver haplologia com os segmentos /v/, /p/ e /b/.

6.2.1.2 [coronal] + [coronal]

Para as coronais, houve um total de 60 (sessenta) contextos consonantais nos dados naturalísticos. Foram encontradas 8 (oito) seqüências /t+t/ no *corpus*, apresentadas abaixo:

- 321. ...acei(TO), TÁ ligado?
- 322. o res(TO), TUdo morreu, entendeu?
- 323. ...fe(i)TO, TÁ marcado em mim, entendeu?
- 324. ...agora não adian(TA), TÁ...
- 325. mas ela fez tratamen(TO), TUdo, no N.A.
- 326. ...a gen(TE) TOcou e Roni gravou.
- 327. ...sinceramen(TE), TÔ de saco cheio...
- 328. Falei, ah, tô desempregado, é chaTO TAMbém...

Em apenas 1 (uma) sentença houve não ocorrência de haplologia, como se pode observar em 328 acima com o contexto consonantal /t+t/, contexto este em que poderia haver queda de sílaba, de acordo com os testes e com os exemplos encontrados na literatura (Alkmim & Gomes 1982, Tenani 2002 e Battisti 2004).

Houve 25 sentenças com o contexto segmental /t+d/:

- 329. ...o cara se perdeu no volan(TE). DEU com aquele...
- 330. ...na fren(TE) DA...
- 331. No posto, na fren(TE) DA popular de Rafard.
- 332. ...um mon(TE) DE técnica pra cantar.
- 333. ...na fren(TE) DA casa dela.
- 334. ...que marraram um mon(TE) DE pano...

335. ...que virou cren(TE), DEsses que queria levar eu...
336. ...um paco(TE) DE feijão, tá ligado?
337. ...gos(TO) DE ver todo mundo comer...
338. ...fo(TO) DO nariz, queixo,...
339. já chega o pon(TO) DE você beber pra se divertir.
340. que tinha den(TRO) DA delegacia aí, um cara...
341. caí den(TRO) DO esgoto assim.
342. ...eu vi foTO DAS duas, quero dizer.
343. daí eu peguei a moTO DO cara.
344. Não é. TuDO DESparceirado.
345. Tem numa fiTA DE vídeo gravada.
346. Faz uma aula, sai MigueliTO; DEpois, duas aulas...
347. MuiTOS DEles que fizeram isso se arrependeram.
348. Era muiTO DOente.
349. ...não: eu gosTO DE abraçar, entendeu?
350. É muiTO DIfícil, assim, pra quem nunca...
351. ...foTO DO olho, da orelha.
352. ...sente falTA DA mãe, fala comigo.
353. MuiTO DIfícil.

A haplologia ocorreu em 13 (treze) exemplos acima (cf. 329-341); em 12 (doze) sentenças com contexto de queda, os falantes optaram por não realizar o processo, ocasionando não ocorrência de haplologia, conforme os dados 342-353. É interessante notar que o ataque ramificado não impede a ocorrência de haplologia, como nos exemplos em 340 e em 341 (*dentro da* e *dentro de*, respectivamente), diferente do que afirmam Alkmim & Gomes (1982) – para estas autoras, a sílaba elidida deve ser CV. Por outro lado, Battisti (2004) apresenta o exemplo *den(tro) do consultório*, com queda de uma sílaba com *onset* ramificado (a autora não faz, no entanto, uma análise segmental da haplologia – cf. subseção 5.1).

Para contextos segmentais /d+d/, houve 15 (quinze) sentenças:

354. ...tenho vonta(DE) DE matar, matar.
355. Não tem na(DA) DE roubar...

356. ...eu saí no vi(DRO) DA frente.
 357. Aquela estra(DA) DE terra. Ela mora ali.
 358. Já tá fugin(DO) DA realidade...
 359. tomando droga na veia, tá liga(DO)? Doença...
 360. Vendia pra uma empresa granDE DE gás...
 361. DepenDE DO tipo de jazz também, né, meu?
 362. ...no ouviDO DEle acho que é um murro na cara.
 363. ...perdi a guarDA DO moleque.
 364. E banDA DE jazz é só músico...
 365. Subi na calçaDA, DEI num veadado.
 366. ...não tenho naDA DE mexer com droga.
 367. ...sair do laDO DA minha mulher e...
 368. Cê tá fuginDO DE uma coisa.

De acordo com os testes e com a literatura (Alkmim & Gomes 1982, Tenani 2002 e Battisti 2004), pode haver haplologia com contexto segmental /d+d/. Já nas entrevistas, houve 6 (seis) ocorrências (ver 354-359) e 9 (nove) não ocorrências (cf. 360-368).

Outro contexto segmental formado por coronais /d/ e /t/ com variação em [sonoridade] foi produzido pelos informantes:

369. ...não po(DE) TER vergonha... ser orgulhoso.
 370. Hoje ele é casa(DO), TEM filho.
 371. Campinas é cidade granDE TAMbém.
 372. Meu irmão tem gravaDO, TÁ lá em casa.
 373. É... quanDO TOcava com Giovane.
 374. QuanDO TOcava com Giovane.
 375. Pensei que Murilão, Netão, VarDO Tinha contado...

De acordo com os exemplos acima, houve 2 (duas) ocorrências de haplologia com o contexto segmental /d+t/, e 5 (cinco) não ocorrências. As sentenças em 369 e 370 corroboram Alkmim & Gomes (1982), visto que há ocorrência de haplologia em que a segunda sílaba do contexto segmental é CVC.

Para os contextos /n+n/ e /l+l/, não houve nenhuma ocorrência:

376. É um foNE NORmal...
377. ...tinha aqueLA LOMbadinha do Dal Fabbro
378. Ele só quer ficar naqueLA LOUcura, entendeu?

Os contexto segmental apresentados nos exemplos acima são favoráveis à haplogogia, de acordo com os testes apresentados em 6.1.1 (especificamente, sintagmas *cava(lo) lendário* e *more(na) nervosa*).

Houve apenas 1 (uma) ocorrência de haplogogia com consoantes coronais diferentes de /t/ e /d/:

379. Disfar(CE), SOLte o cara, solte o cara.

Como se pode observar no exemplo acima, pode haver ocorrência de haplogogia com o contexto segmental /s+s/, conforme foi visto nos testes (especificamente, no sintagma *cabe(ça) saudável*).

6.2.1.3 [dorsal] + [dorsal]

Com relação às dorsais, houve 6 (seis) contextos segmentais favoráveis à haplogogia, sendo que, 3 (três) deles são o contexto /k+k/:

380. ...morei um pou(CO) COM a minha mãe...
381. ...três anos e pou(CO), COM a mãe das duas meninas
382. ...e um mole(QUE) COM outra mulher.

Em todos os contextos consonantais /k+k/ que foram produzidos no *corpus*, houve queda de sílaba (cf. 380-381).

Outro contexto segmental com consoantes dorsais encontrado no *corpus* foi /g+k/, apresentado a seguir:

383. Salvar a vida de ne(GO) QUERendo se matar...
384. ...então, os neGO CObra mesmo.

385. Ela é a melhor amiGA. CREsceram junto.

De 3 (três) contextos segmentais /g+k/, houve ocorrência de haplologia em apenas 1 um deles, conforme 383 acima. Esse contexto corrobora a análise dos testes (*ami(ga) querida*), conforme apresentado em 6.1.1.3.

6.2.1.4 Sumário

Os dados encontrados no *corpus* confirmam a hipótese de que as consoantes devem ser semelhantes (podendo variar em [sonoridade]). As seqüências podem ser [+contínuo][+contínuo] e [-contínuo][-contínuo], ou seja, a haplologia pode ocorrer com quaisquer segmentos iguais ou semelhantes.

6.2.2 Elisão silábica

Nesta seção de análise das entrevistas sobre a elisão silábica, espera-se encontrar os processos de redução apenas nos contextos em que as consoantes partilham o mesmo ponto de C (sem importar a sonoridade) e que tenham os traços [+contínuo], de acordo com os testes.

Nas entrevistas, houve três combinações de segmentos sujeitos ao processo, de acordo com o ponto de C: [labial][labial], [coronal][coronal] e [coronal][labial], apresentadas a seguir.

6.2.2.1 [labial] + [labial]

De acordo com os testes, pode haver elisão silábica com consoantes labiais. Esse tipo de combinação está apresentado a seguir:

386. Rouba(VA) BOjão de gás...

387. Sa(BE) VEado Xuxa, veado, preto?

De acordo com os testes, poder haver elisão silábica entre consoantes labiais, mas ambas as consoantes devem ter o traço [+contínuo]. Assim, os segmentos consonantais (segmentos [+contínuo])

seguido de [-contínuo] – cf. 386 e [-contínuo] e [+contínuo] – ver 387) são contra-exemplos, porque deveria haver bloqueio de elisão silábica (cf. **viúva bonita* e **goiaba vermelha*).

6.2.2.2 [labial] + [dorsal]

Houve uma produção de contexto consonantal [labial] + [dorsal] com ocorrência de elisão silábica:

388. Sa(BE) QUE meu nome é André?

O exemplo em 388 possui um contexto consonantal que difere quanto ao ponto de C, já que /b/ é [labial] e /k/ da segunda palavra possui o traço [dorsal], o que não corrobora a hipótese proposta a partir dos testes.

6.2.2.3 [coronal] + [coronal]

Houve 24 sentenças com coronais sujeitas à elisão silábica no *corpus*, dentre as quais 9 têm o contexto segmental /t/ ou /d/ seguido de uma nasal coronal, exemplificadas a seguir:

389. ...os caras senta(DOS) NUM canto...

390. ...pendura(DO) NO pau-de-arara...

391. ...fiquei moran(DO) NA rua.

392. Ah, um monTE, NEM lembro.

393. ...tá ligaDO? NÃO tenho vergonha. Plínio: força prosódica.

394. ...ajuDO NA compra, né?

395. ...como se não tivesse aconteciDO NAda.

396. A princípio, cê não entenDE NAda.

397. Ele tem três pianos de cauDA NA...

De acordo com os exemplos acima e com os testes (cf. seção 6.1.2.6), pode haver elisão silábica com contextos segmentais /d+n/. Apesar de haver não ocorrência com o contexto /t+n/, há duas evidências que provam que pode haver haplogogia: o traço [sonoridade] não influi nesse processo

fonológico (conforme os testes e também Alkmim & Gomes 1982); além disso, os testes corroboram essa afirmação (cf. *consoan(te) nasalizada*).

Com relação à consoantes coronais com o traço [+contínuo], foram encontradas 17 sentenças no *corpus*. Os exemplos a seguir têm um contexto segmental cujo primeiro segmento é /s/:

- 398. É, negó(CIO) DE casa, entendeu?
- 399. No braço, entendeu? PedaÇO DE pau.
- 400. Apanhanhei de pedaÇO DE pau, entendeu?
- 401. ...aí, tive que pagar negóCIO LÁ no fórum.

As sentenças 399-401 estão em conformidade com a hipótese feita a partir dos testes, já que, apesar de serem coronais, possuem o traço [contínuo] que as diferenciam. No entanto, o exemplo em 398 apresenta um problema para os testes: se, no contexto segmental /s+d/ em *negó(CIO) DE casa*, há bloqueio de elisão silábica (cf. **crian(ça) dinamarquesa*) – já que essas consoantes possuem traços [contínuo] diferentes –, a sentença deveria ser agramatical no falar de Capivari.

Nas sentenças a seguir, há também diferenças no traço [contínuo] entre as consoantes coronais do contexto segmental:

- 402. ...perde muita coi(SA) NA vida...
- 403. ...da ca(SA) DOS outros.
- 404. Aí, cheguei em ca(SA), DEI dinheiro...
- 405. Eu pintava as caSAS DA usina...
- 406. ...caSA DA mulher que tive filho.
- 407. ...caSA DEle.
- 408. Vamos dar uma corridinha na caSA DEle.

Os contextos segmentais das sentenças acima possuem consoantes /z/ seguidas de segmentos com traço [-contínuo]. Mais uma vez, pela hipótese científica aqui proposta, há agramaticalidade nos exemplos 402-404, já que um segmento com o traço [+contínuo] seguido de outro [-contínuo] bloquearia a elisão silábica. As sentenças 402-404 são contra-exemplos para a hipótese levantada.

Nas sentenças abaixo, os contextos consonantais são /z+d/:

409. ...eu escolhi Isabela por ca(USA) DA cabeça.
 410. Daí, eu, por ca(USA) DA menina...
 411. Eu tomei tiro de polícia por caUSA DISSO.
 412. Por caUSA DISSO. Só tem fone.

Além de serem sentenças que deveriam ter bloqueio de elisão silábica (de acordo com os testes), as sentenças 409 e 410 têm outra particularidade: há queda de /za/ e também há elisão do *glide* anterior [w]. *Por ca(usa) disso* é outro contra-exemplo da hipótese levantada em 6.1.3.

Há ocorrência de queda de sílaba com a consoante /z/ nas 2 sentenças abaixo:

413. ...foi o acidente que eu qua(SE) MORRI...
 414. Eu qua(SE) MORRI...

Mais uma vez, 413 e 414 são contra-exemplos da análise dos testes: o processo deveria ser bloqueado, já que /z/ tem o traço [+contínuo] e /m/ possui [-contínuo] na cavidade oral.

6.2.2.4 [coronal] + [labial]

Os exemplos a seguir são similares entre si porque, em todos eles, o verbo *poder* é a palavra sujeita à elisão silábica:

415. ...po(DE) FICAR.
 416. Cê poDE VIRAR crente,...
 417. ...cê poDE VIRAR um santo...
 418. Falo: poDE PASSEAR...
 419. ...poDE CUMPRIMENTAR eu na rua...

As sentenças 415-419 estão em conformidade com Alkmim & Gomes (1982), já que há elisão silábica com o verbo *poder*. Pode-se notar que são tipos de seqüências que variam o ponto de C ([coronal]+[labial] em 415 e 416; [coronal]+[labial] em 418; e [coronal]+[dorsal] em 419). As sentenças 415 e 416 variam também com relação ao traço [contínuo]. Mesmo assim, todas essas sentenças, se

produzidas com queda de sílaba, são gramaticais em Capivari, de acordo com a pesquisadora e a informante FC.

6.2.2.5 Caso Especial de Elisão silábica

Uma sentença peculiar encontrada no *corpus* é dada a seguir:

420. Sa(BE) Aquela música *Changes*, do *Black Sabbath*?⁶⁶

O contexto segmental da sentença 420 é /be+a/, em que a segunda sílaba do contexto não possui *onset*. Dessa forma, o contexto consonantal é /b+O/. O contexto CV#V é típico de elisão ou ditongação (V#V em que as vogais são diferentes) e o resultado esperado seria:

421. Elisão: sab(E) Aquela > [ɛsabaɛkEl+]

422. Ditongação: sabE Aquela > [ɛsabjaɛkEl+]

No entanto, tanto a pesquisadora quanto a informante FC consideram a sentença acima, produzida por ALES, gramatical no falar de Capivari. Uma outra opção é que a segunda palavra (*aquela*) tenha primeiro perdido sua vogal, tornando-se [ʊkElə]. Temos então neste caso um contexto *sabe quela*,⁶⁷ que não é um contexto favorável para a elisão silábica, porque as consoantes são diferentes (labial + dorsal). Mas o que chamamos a atenção é o apagamento da sílaba inicial em *aquela*. Não há razão para o apagamento desta sílaba; em Capivari, ela não é apagada, como é possível observar nas sentenças abaixo:

423. Aquela menina foi passear * [kElə] menina foi passear

424. Eu vi aquela menina * eu vi [kElə] menina

Como será visto, a explicação para este caso é a mesma dada para outros possíveis contra-exemplos.

⁶⁶ Poder-se-ia supor que as consoantes para aplicação de elisão silábica fosse /b+k/, já que há elisão em [a]quela, resultante no contexto [sabe+kela]. Porém, no nível fonológico, o contexto favorável é formado pelas palavras /sabe+aquela/.

6.2.2.6 Sumário

Os testes e os dados naturalísticos (tanto para haplogia quanto para elisão silábica) corroboram Tenani (2002), uma vez que o tamanho da sentença não importa para a queda de sílaba: nos testes, há sintagmas nominais, formados por substantivos seguidos de adjetivos (sentenças pequenas). Mas há queda de sílaba também com sentenças maiores, como aquelas encontradas nos dados naturalísticos. Exemplificando, há elisão silábica tanto em *po(de) ser* quanto em *po(de) ser [que eu chegue tarde]*. Ainda, não importa o tamanho da palavra, já que a queda de sílaba pode ocorrer com palavras compridas (como no exemplo do *corpus sinceramen(te) tô*) ou curtas (*mon(te) de*).

De acordo com os dados do *corpus* para a elisão silábica, somente para os casos de [coronal]+[coronal], a hipótese levantada a partir dos dados pode ser aplicada, uma vez que há casos de ocorrência de elisão silábica com coronais [+contínuo]+[+contínuo].

Por outro lado, em algumas sentenças (24 delas), não deveria haver elisão silábica, já que há variação tanto no traço [contínuo] quanto no ponto de C. Esses casos serão tratados detalhadamente na próxima seção.

6.2.3 Os Contra-exemplos

Como foi visto nos testes, a ocorrência de elisão silábica depende do ponto de C das consoantes envolvidas no processo; além disso, a consoante da sílaba sujeita à queda deve possuir o traço [-contínuo], seguida de outra consoante [-contínuo]. Porém, nos dados naturalísticos, houve alguns contra-exemplos, com contextos consonantais que diferem quanto ao traço [contínuo], e/ou que variam quanto ao ponto de C.

Os contra-exemplos se dividem em dois tipos:

- (i) contextos onde poderia ocorrer a queda de sílaba mas não ocorreu – isto é, onde seria esperada a aplicação da regra – ou seja, é necessário verificar se nunca ocorre ou se é opcionalidade; e

⁶⁷ Agradeço ao Prof. Plínio Barbosa por me chamar a atenção para esta possibilidade alternativa de análise.

- (ii) contextos nos quais, segundo a hipótese levantada nesta dissertação, não poderia haver, de acordo com a análise aqui apresentada, queda de sílaba, mas houve nos dados naturalísticos.

Inicialmente, serão discutidos os casos em que a queda da sílaba era esperada mas não ocorreu aparentemente. Nos testes, a queda foi considerada agramatical para os seguintes dados:

425. /m+p/ *mada(ME) PERfumada > mad[a]pe_Lfumada
 426. /m+b/ *perfu(ME) BAcana > perf[u]ba]cana
 427. /n+t/ *meni(NO) TRAvesso > men[i]t}a]vesso
 428. /n+d/ *pági(NA) DIficil > pág[i]di] difícil

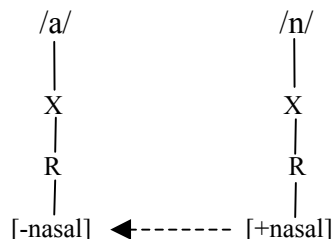
São todos casos de nasais na primeira sílaba seguidas de sílabas com consoantes [-contínuo] (discutidos na seção 6.1.3). Em /m+p/, /m+b/, /n+d/ e /n+t/, temos as duas consoantes no mesmo ponto de C e com [-contínuo] – em 425 e 426 são labiais e em 427 e 428 são coronais. O esperado era que ocorresse a queda total da primeira sílaba, mas isto parece não acontecer. Em todos os exemplos acima, vogal da sílaba precedente do contexto é nasalizada. Há então, duas possibilidades de análise: uma é que houve apenas o apagamento da vogal da primeira sílaba e a consoante permanece, como representado nas transcrições (b) dos exemplos 429-432:

429. *mada(ME) PERfumada > a) mad[a]pe_Lfumada b) mad[a]^mpe_Lfumada
 430. *perfu(ME) BAcana > a) perf[u]ba]cana b) perf[u]^mba]cana
 431. *meni(NO) TRAvesso > a) men[i]t}a]vesso b) men[i]ⁿt}a]vesso
 432. *pági(NA) DIficil > a) pág[i]di] difícil b) pág[i]ⁿdi] difícil

As transcrições fonéticas em (a) acima representam produções em que a nasalidade da sílaba elidida permanece na vogal da sílaba anterior; nas transcrições em (b), além de permanecer o traço [nasal], fica também a consoante nasal, ocasionando elisão vocálica e não queda de sílaba.

Outra possibilidade de análise é que haja uma ordenação dos processos de nasalização e de queda de sílaba. No português, a regra de assimilação de nasalidade é regressiva, como no exemplo a seguir:

433. Palavra: cano



De acordo com a representação de traços acima, o traço [+nasal] da consoante /n/ é assimilado pela vogal /a/ [-nasal], produzindo-se [k⁺) nU]. Da mesma forma, *madame*, *perfume*, *menino* e *página* são palavras em que há regra de assimilação de nasalidade dentro da palavra. Pode-se hipotetizar, então, que o resquício que parece ficar da sílaba elidida na verdade é resultado de um processo fonológico (assimilação) que ocorre antes da queda de sílaba, como ilustrado em 434:

434. Perfume bacana /per ɛ fume bacana/ > /per ɛ fu) baka) na/ > [pe^L ɛ fu) baka) n⁺]

Se esta análise estiver correta, a nasal na primeira sílaba não é um contra-exemplo para a hipótese aqui proposta.

No *corpus*, também houve casos de ocorrência de elisão silábica que não poderiam ocorrer, ou seja, deveria haver bloqueio de queda de sílaba, de acordo com os testes, mas os informantes aceitam a queda da sílaba como gramatical. Os casos de possível contra-exemplo estão listados abaixo (os quais serão novamente transcritos, para uma melhor visualização):

- 435. Sa(BE) VEado Xuxa, veado, preto?
- 436. Sa(BE) QUE meu nome é André?
- 437. Sa(BE) Aquela música *Changes*, do *Black Sabbath*?
- 438. ...po(DE) Ficar.
- 439. Eu qua(SE) MORri...
- 440. Rouba(VA) BOjão de gás...
- 441. É, negó(CIO) DE casa, entendeu?
- 442. ...da ca(SA) DOS outros.
- 443. Aí, cheguei em ca(SA), DEI dinheiro...

444. ...foi o acidente que eu qua(SE) MOrrri...
 445. ...perde muita coi(SA) NA vida...
 446. ...eu escolhi Isabela por ca(USA) DA cabeça.
 447. Daí, eu, por ca(USA) DA menina...

Como foi visto em 5.1, Alkmim & Gomes (1982) afirmam que o papel funcional da palavra (informação dada ou tópico, por exemplo) é de grande relevância para a queda de sílaba. Nos dados naturalísticos analisados, percebe-se um outro fator: todos os casos de contra-exemplos envolvem as palavras *sabe*, *negócio*, *pode*, *casa*, *quase*, *coisa*, *causa* e *roubava*. Todas elas (talvez, exceto *roubava*) são palavras de uso freqüente na fala (*high frequency words*, segundo a análise para truncamento de Carter & Clopper 2002 – é preciso, no entanto, uma análise que quantifique os dados).

Observem-se as ocorrências de elisão silábica nas sentenças a seguir:

448. Sa(BE) VEado Xuxa, veado, preto?
 449. Sa(BE) QUE meu nome é André?
 450. Sa(BE) Aquela música *Changes*, do *Black Sabbath*?

Em 448, há uma variação no traço [contínuo]; em 449 há uma variação no ponto de C; e, em 450, o contexto é para elisão ou ditongação. No entanto, essas três sentenças são gramaticais para os informantes. Já que essas três produções vão de encontro às restrições de queda de sílaba apresentada nesta dissertação, é necessário verificar se essa elisão silábica não é uma propriedade exclusiva da palavra *sabe*. Neste caso, ela poderá ser reduzida com qualquer contexto (de acordo com a intuição da pesquisadora e da informante FC), conforme os exemplos a seguir:

451. sa(BE) FOtografia envelhecida?
 452. sa(BE) GAto marrom?
 453. sa(BE) GIgante?
 454. sa(BE) LUgar difícil de achar?
 455. sa(BE) sessão de cinema de domingo?
 456. sa(BE) Eduardo?

As sentenças 451-456 são exemplos de que a palavra *sabe* pode sofrer elisão silábica independentemente do contexto segmental, pois o contexto é sempre de elisão/ditongação e a elisão silábica ocorre. A primeira consoante é uma labial [-contínuo], e pode sofrer queda com labial [+contínuo] (cf. exemplo 451), com dorsal [-contínuo] (cf. exemplo 452), com coronal [+contínuo, +distribuída] (cf. exemplo 453), com uma coronal líquida (cf. exemplo 454), com uma [+contínuo, +anterior] (cf. exemplo 455) e, finalmente, com uma sílaba V (cf. exemplo 456).

Há outros casos no *corpus* que devem ser analisados da mesma maneira: *pode* e *quase*. Veja-se inicialmente o verbo *poder*:

457. ...po(DE) Ficar.

A palavra *pode* aparece seguida de uma consoante em 457 que possui o traço [labial]. Mesmo possuindo a diferença no ponto de C, há elisão silábica nesse exemplo. Os testes abaixo com o verbo *poder* mostram que ele sempre permite a queda de sílaba:

458. po(DE) SER

459. po(DE) IR

460. po(DE) BRINcar

461. po(DE) GAStar

462. po(DE) VIR

463. po(DE) PÔR

464. po(DE) Amar

465. po(DE) TER

466. po(DE) QUase cair

467. po(DE) MUIto bem

468. po(DE) SAir

469. po(DE) SEMpre que você quiser.

Conforme os exemplos acima, *poder* é um tipo de palavra em que há freqüentemente ocorrência elisão silábica (conforme afirmam Alkmim & Gomes 1982), independentemente do contexto em que a palavra está inserida. Novamente, então, parece ser uma característica da palavra, assim como com *sabe*.

A outra palavra que permite queda de sílaba independentemente da consoante que a segue é *quase*:

470. ...foi o acidente que eu qua(SE) MORri...

471. Eu qua(SE) MORri...

A seguir, estão outros exemplos com variação no contexto:

472. qua(SE) BREquei em cima

473. qua(SE) MAtei ele

474. ?qua(SE) PENdurei as chuteiras

475. qua(SE) GASTEi mais do que podia

476. eu qua(SE) CAí da escada

477. qua(SE) JULguei ela mal

478. qua(SE) TIve um treco

Como se nota nos exemplos acima, *quase* é reduzido com qualquer contexto segmental, seguida de labial (cf. 472-474), de dorsal (cf. 475 e 476) ou de coronal (cf. 477 e 478).

Assim, de acordo com os testes desta subseção, as palavras *sabe*, *pode* e *quase* parecem permitir qualquer combinação. Alguém poderia argumentar que a hipótese desta dissertação talvez não esteja contemplando todos os dados. Mas vejam-se os exemplos abaixo:

479. a) sa(BE) VEado Xuxa b) caBE VEado Xuxa c) *ca(BE) VEado Xuxa

480. a) po(DE) MUIto bem b) peDE MUIto bem c) *pe(DE) MUIto bem

481. a) qua(SE) MORri b) faSE MUIto boa c) *fa(SE) MUIto boa

Como é possível observar em 479-481, as reduções silábicas parecem ser possíveis com as palavras *sabe*, *pode* e *quase*. Palavras diferentes (*cabe*, *pede*, *fase*) com os mesmos fonemas nos contextos aqui estudados não permitem a redução. Este é mais um argumento a favor de que essas

palavras (*sabe, pode, quase*) têm alguma marcação lexical que permite a redução, já que ambos os informantes do *corpus* naturalísticos realizaram queda de sílaba com esses itens lexicais.⁶⁸

Alguém poderia argumentar que, para estas palavras, o que temos é truncamento, e não elisão silábica ou haplologia ocorrendo. No truncamento, as palavras são reduzidas independentemente do contexto, isto é, mesmo que ocorram sozinhas (cf. seção 4.1 do Capítulo II). Não é este o caso destas palavras, como é possível observar em 482-484 abaixo:

482. * ele acha que sa(BE).
 483. * ele não sabe se po(DE).
 484. *A resposta dele foi um qua(se).

Em todos os casos acima, a elisão silábica é agramatical, e pôde ser verificado que *sabe, pode, quase* não são palavras que podem sofrer truncamento.

Um outro caso de apagamento indevido (para a hipótese aqui levantada) é o que ocorre na sentença abaixo:

485. Rouba(VA) BOjão de gás...

A sílaba elidida no exemplo acima é o morfema de pretérito imperfeito {-va}. Este é normalmente reduzido em Capivari, conforme os exemplos abaixo:

486. Ele joga(VA) BEM bola.
 487. Pega(VA) TUdo rápido porque era ágil.

A fala de ALES foi produzida da seguinte maneira: ...*É, roubava. Rouba(va) bojão de gás da casa dos outros... vendia para uma empresa grande de gás.* Veja que a palavra, quando sofre a redução, é informação dada (na sentença imediatamente anterior) e também tópico da sentença em que

⁶⁸ Interessantemente são palavras com alta frequência. No entanto, a possibilidade de que o apagamento seja possível por serem palavras de alta frequência não foi perseguida nesta tese, mas o será em estudos futuros.

está inserida. Portanto, esse exemplo corrobora a análise de Alkmin & Gomes de uma possível causa para a queda de sílaba, mesmo quando as consoantes não partilham o mesmo ponto de C e valor do traço [contínuo].

Restam agora, a ser explicados, os casos com as palavras *negócio*, *casa*, *coisa* e *causa*. Começemos por *negócio*:

488. É, negó(CIO) DE casa, entendeu?

Em 476, as duas consoantes são coronais, mas a primeira é [+contínuo] e a segunda é [-contínuo]. De acordo com a hipótese proposta, não deveria ocorrer elisão silábica. Dado que ocorre, deve ser testado se esta palavra tem o mesmo comportamento que *sabe*, *pode*, *quase*. A seguir, há sintagmas em que foram testadas ocorrências de elisão silábica com *negócio*:

- 489. negó(CIO) DOMéstico
- 490. negó(CIO) DA China
- 491. ?negó(CIO) TURbinado
- 492. ?negó(CIO) TEMido
- 493. negó(CIO) LUcrativo
- 494. *negó(CIO) BEStá
- 495. *negó(CIO) QUEbrado.

Como é possível observar, a palavra *negócio* é reduzida somente com palavras que comecem com /d/ (coronal, [-contínuo], [+sonoro]) e com /l/ (coronal, [+contínuo], [+sonoro]). Portanto, já pode-se concluir que não é o mesmo caso que ocorre com *sabe*, *pode*, *quase*. Mas interessante, podemos também observar que a combinação com /t/ (coronal, [-contínua], [-sonoro]) não é aceita da mesma forma que /d/, e o traço de sonoridade não deveria influenciar o processo.

Finalmente, devemos observar o que acontece com palavras semelhantes foneticamente no contexto em análise:

496. a) negóCIO DE casa b) negó(CIO) DE casa
 497. a) sacerdóCIO DE sempre b) *sacerdó(CIO) DE sempre
 498. a) sóCIO DE empresa c) *só(CIO) DE empresa

Como é possível observar no paradigma apresentado em 496-498, a elisão silábica só é possível com a palavra *negócio*.

A seguir, será analisada a palavra *casa*⁶⁹ que foi produzida por ALES com elisão silábica nas duas sentenças em 499 e 500:

499. ...bojão de gás da ca(SA) DOS outros.
 500. Aí, cheguei em ca(SA), DEI dinheiro...

A queda de sílaba não deveria ser possível nas duas sentenças acima porque a primeira sílaba é [+contínuo] e a segunda é [-contínuo]. A seguir, há testes de combinação de contexto com a palavra *casa*, para ver se a elisão silábica é independente do contexto:

501. ca(SA) DEla
 502. ca(SA) DA mãe Joana
 503. ca(SA) DIStante
 504. *ca(SA) TOMbada
 505. *ca(SA) TEnebrosa
 506. *ca(SA) FILmada
 507. *ca(SA) VELha

⁶⁹ Um fator interessante a ser verificado é se nem mesmo o tempo do segmento permanece depois do processo fonológico, ou seja, se há um alongamento compensatório. Assim, tomando-se um par mínimo como *ca(sa) dela* [ka.ʒdɛ.l+] e *cadela* [ka.ʒdɛ.l+], não há como saber, sem contextualização, qual das sentenças está sendo produzida:

i) Vi a cadela ontem.

ii) Vi a ca(sa) dela ontem.

De fato, houve um diálogo entre uma mulher e uma criança de 11 anos, corroborando que é necessária a contextualização para resolver o problema da ambigüidade como nos exemplos apresentados em (i) e em (ii) acima. Vale lembrar que não há regra de alçamento no falar de Capivari; além disso, o artigo não é usado na frente de nomes próprios:

– Vó, cadê meu pai?

– Foi na academia.

– Quem é Mia?

De acordo com o diálogo acima, a degeminação em *Vou n[a]cademia* > [ʒvow.na.ca.de.ʒmj+] e a elisão silábica *Vou na ca(sa) de Mia* > [ʒvow.na.ca.de.ʒmj+] são produzidas sem diferença fonética, conforme apresentado nas transcrições.

- 508. *ca(SA) BOnita
- 509. *ca(SA) DEStelhada
- 510. *ca(SA) MObiliada
- 511. *ca(SA) GRANdiosa
- 512. *ca(SA) LINdona
- 513. *ca(SA) NOva
- 514. *ca(SA) NA serra

Nos exemplos 501-503, o contexto segmental é *casa* seguido de /d/ e há elisão silábica. Contextos com a palavra *casa* seguida de outras consoantes (mesmo que coronais), acarretam bloqueio de elisão silábica (cf. 504-514). Assim como em *negócio*, não é possível com a coronal [-contínuo, -sonora] – /t/. Portanto, a elisão silábica de *casa* se dá somente se estiver seguida de uma palavra iniciada especificamente com a coronal [-contínuo, +sonora].

Palavras com contexto semelhante não permitem a redução, como é possível observar em 515b-517b:

- 515. a) caSA DEla b) ca(SA) DEla
- 516. a) meSA DEla b)*me(SA) DEla
- 517. a) braSA dEla b)*bra(SA) DEla

Como se pode observar nos exemplos acima, palavras com os mesmos contextos de elisão silábica bloqueiam esse processo.

No *corpus*, duas sentenças foram produzidas com queda de sílaba com a palavra *causa*:

- 518. ...eu escolhi Isabela por ca(USA) DA cabeça.
- 519. Daí, eu, por ca(USA) DA menina...

Um primeiro fato a se chamar a atenção é que não só a sílaba do contexto é apagada, mas também o *glide* da sílaba anterior. Nos exemplos a seguir, pode-se notar que tanto pode ocorrer o apagamento do *glide* (cf. 520) ou não (cf. 521):

- 520. por ca(USA) DIssso

521. por cau(SA) DIssO

No entanto, embora uma mesma pessoa possa usar as duas formas, a primeira – com apagamento do *glide* – é mais freqüente.

A questão que se coloca é “por que há o apagamento do *glide* da sílaba anterior?” Uma possibilidade de análise⁷⁰ – ainda a ser aprofundada – é que, em um primeiro processo fonológico ocorre o apagamento do *glide*:

522. causa/causo > caso

Assim, o contexto de queda de sílaba passa a ser:

523. por caSO DIssO > por ca(SO) DIssO

Mas ainda está por ser explicado porque é possível a queda de sílaba entre duas consoantes [+contínuo] + [-contínuo].

A seguir estão exemplos com contextos segmentais parecidos e iguais aos exemplos anteriores:

524. por ca(USA) DEla

525. *por ca(USA) TOMaram conta disso.?

526. *por ca(USA) TRISte.

527. *Fiquei um ano sem poder tirar carta por ca(USA) QUE pegaram eu sem carta (retirado das entrevistas)

528. *foi por ca(USA) MINha

Nos exemplos 524-526, a palavra *causa* aparece seguida de coronais (em 524, possui o traço [+sonoro] e em 525 e 526, os segmentos são [-sonoro]); em 527, está seguida de uma dorsal; em 528, *causa* está seguida de uma labial. De todos esses casos, apenas a elisão silábica ocorre com a consoante coronal [-contínuo, +sonoro].

Comparando-se com outras palavras com o mesmo contexto segmental, tem-se:

⁷⁰ Agradeço a Evani Viotti e Jairo Nunes por me chamarem a atenção para esta possibilidade de análise.

- | | | |
|------|------------------------|----------------------------|
| 529. | a) por caUSA DA menina | b) por ca(USA) DA menina |
| 530. | a) pauSA DA menina | b) *pa(USA) DA menina |
| 531. | a) menopauSA da mulher | b) * menopa(USA) da mulher |

Como é possível observar nos exemplos acima, outras palavras com o mesmo contexto segmental não permitem a elisão silábica.

Finalmente, o último caso acontece com a palavra *coisa*:

532. ...perde muita coi(SA) NA vida...

Os exemplos abaixo têm a palavra *coisa* em contexto de elisão silábica:

533. coi(SA) NATural
 534. coi(SA) DE caipira
 535. ?coi(SA) TRIVial
 536. *coi(SA) Apodrecida
 537. *coi(SA) BONita
 538. *coi(SA) MUIto bonita
 539. *coi(SA) GRANdiosa
 540. *coi(SA) LOUca
 541. ?coi(SA) TREmenda
 542. *coi(SA) POdre

De acordo com as sentenças acima, a palavra *coisa* é reduzida se for seguida de uma palavra cuja consoante inicial seja coronal [+sonoro, -contínuo] /d/ ou com a nasal [coronal, -contínuo] /n/ (cf. exemplos 533 e 534).

De acordo com o Dicionário Eletrônico Houaiss (2001), há apenas 3 substantivos que terminam em /ojza/: *coisa*, *loisa*, *poisa*. Não são palavras comuns, e por isso são difíceis de serem testadas. Mesmo assim, numa seqüência como 543, a elisão silábica parece estranha:

543. loiSA NA parede ?loi(SA) NA parede

Em resumo, pôde ser observado que:

- a) o caso de nasalidade pode ser analisado como uma ordenação de processos e, assim, não desconfirma a hipótese levantada nesta dissertação;
- b) o caso das palavras *sabe*, *pode*, *quase* mostra que as mesmas permitem a queda de sílaba independentemente da consoante do contexto seguinte, o que significa que elas podem ter alguma marcação lexical que permite que sejam reduzidas (talvez a alta freqüência dessas palavras, como propõem Carter & Clopper);
- c) a redução do morfema {-va} é freqüente em Capivari, além de a palavra estar em posição de tópico e ser informação dada, o que favorece a redução, segundo Alkmim & Gomes;
- d) finalmente, restaram quatro casos – *negócio*, *casa*, *coisa*, *causa* – que variam quanto ao contexto seguinte (algumas permitem apenas a coronal [+contínuo, +sonoro], outras também permitem a [-sonoro], e outras ainda permitem a [-contínuo]). Mas todas as palavras testadas semelhantes aos quatro casos bloqueiam a redução. Tal fato mostra que, embora não tenhamos conseguido dar uma explicação de porquê ocorre a queda de sílaba com essas palavras, elas parecem ter alguma propriedade idiossincrática – que nos foge aqui – para a aplicação da elisão silábica.

6.2.4 Análise acústica

Esta seção apresenta uma análise acústica para discutir se a elisão silábica e a haplologia são processos de apagamento da sílaba inteira, ou se apenas um segmento é apagado (de acordo com Alkmim & Gomes 1982), considerando-se então um processo fonológico diferente (elisão vocálica).

Foi feito um teste com 4 sentenças (apresentadas a seguir), em que o falante BGN foi instruído a ler as sentenças em voz baixa e, em seguida, repeti-las com a maior naturalidade possível.⁷¹ Além dos espectrogramas, há também ondas apresentadas logo acima deles, as quais são importantes para

⁷¹ Foi necessário fazer um teste com outras sentenças, já que os dados do *corpus* naturalístico possuíam ruídos e não foi possível analisá-los acusticamente.

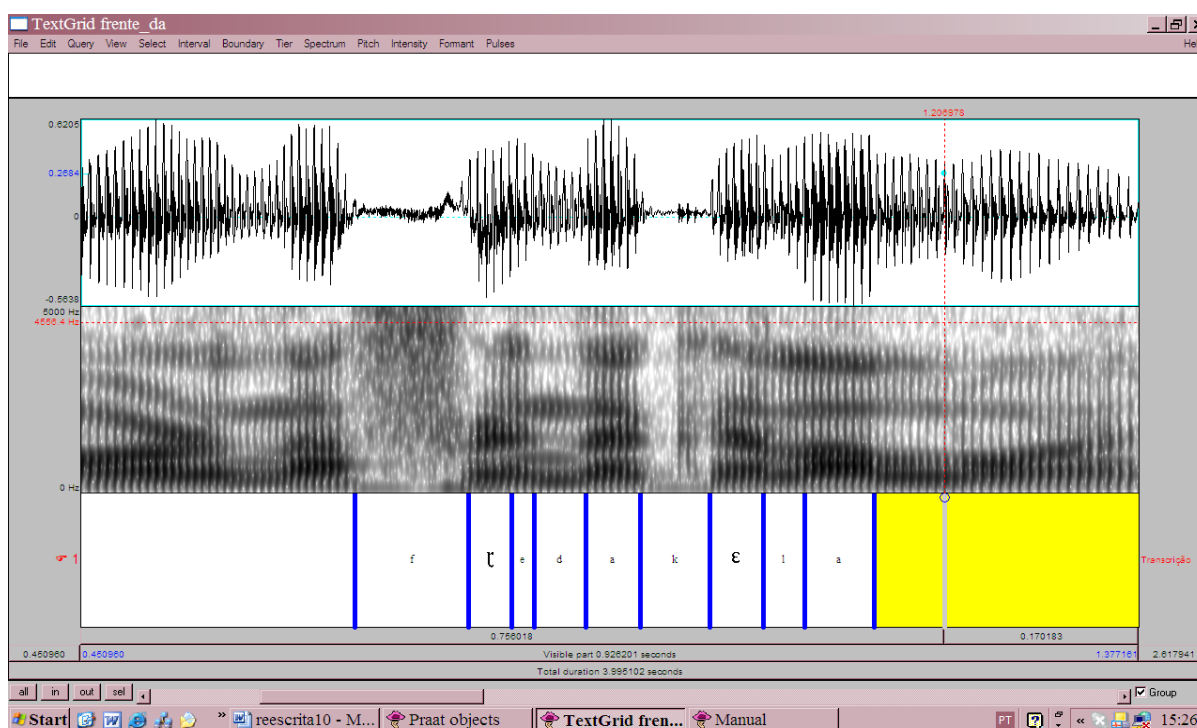
caracterizar cada consoante a ser analisada. Abaixo dos espectrogramas, há cada um dos segmentos recortados e transcritos, de acordo com o IPA.

Como foi visto em 6, para que haja queda total da sílaba, sem que permaneça nenhum traço da consoante elidida, é necessário que as consoantes do contexto segmental tenham o mesmo ponto de C e também o mesmo valor para o traço [contínuo].

Há duas maneiras de se testar se o processo é a queda de sílaba ou se é elisão: se as consoantes forem iguais (com mesmo ponto de C e traço [contínuo] e [sonoridade]), o resultado – caso fosse elisão – seria a queda da vogal e alongamento da consoante. Outra maneira seria fazer um teste com consoantes com o mesmo ponto de C e [contínuo], mas com [sonoridade] diferente, o que poderia ser visto no espectrograma, na barra de sonoridade. É este o teste aqui realizado.

Para Alkmim & Gomes (1982), a haplologia é caracterizada pela queda total de sílabas cujas consoantes sejam /t/ e /d/. Dessa forma, no primeiro espectrograma apresentado, o contexto segmental de haplologia é um caso clássico na literatura, em que as consoantes são /t+d/:

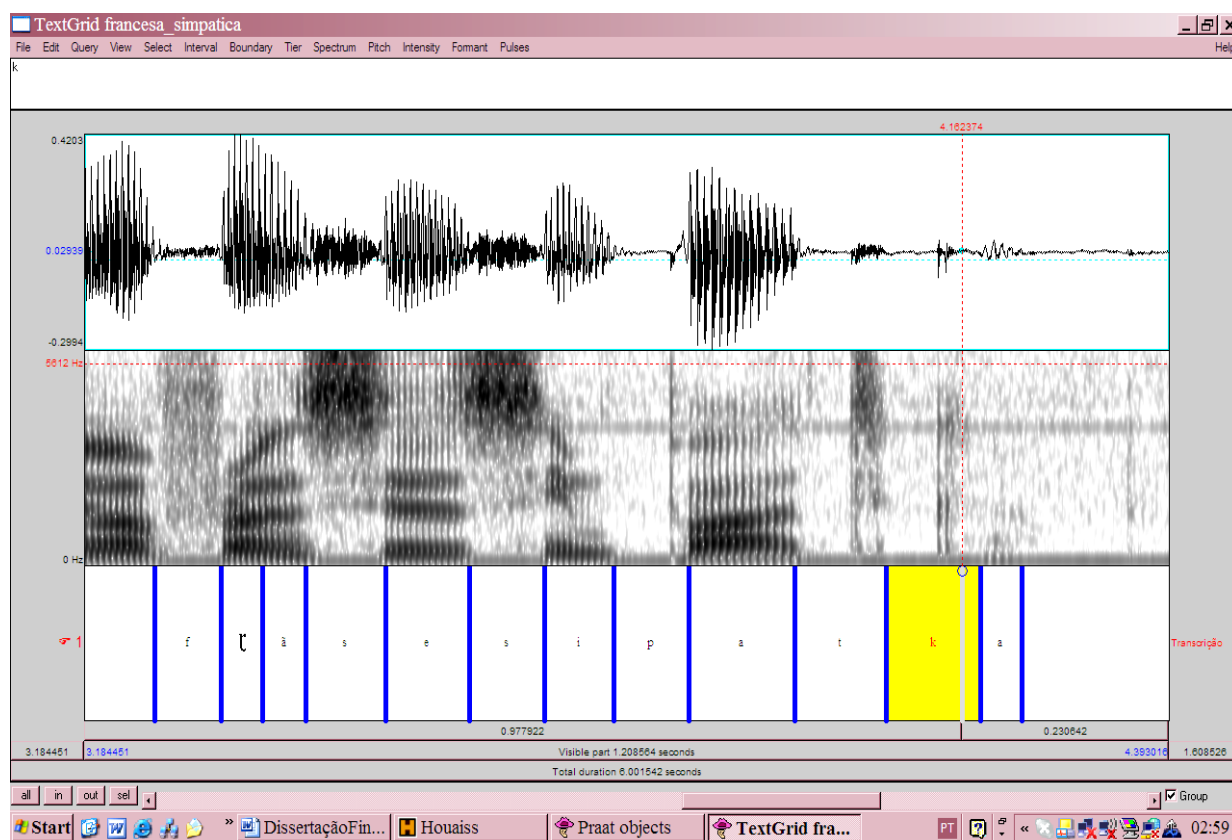
544. Moro na frenTE DAquela loja > [f}e) da]quela



Como se pode observar no espectrograma acima, a barra de sonoridade nos segmentos representados por [e] e [d] estão presentes, e não há indício de haja uma descontinuidade na barra, o que aconteceria se houvesse um /t/ entre esses dois segmentos.

Para analisar um contexto com consoantes [+contínuo], foi feito um teste com [z] seguido de [s], ou seja, dois segmentos com mesmo ponto de C, mas com [sonoridade] diferente:

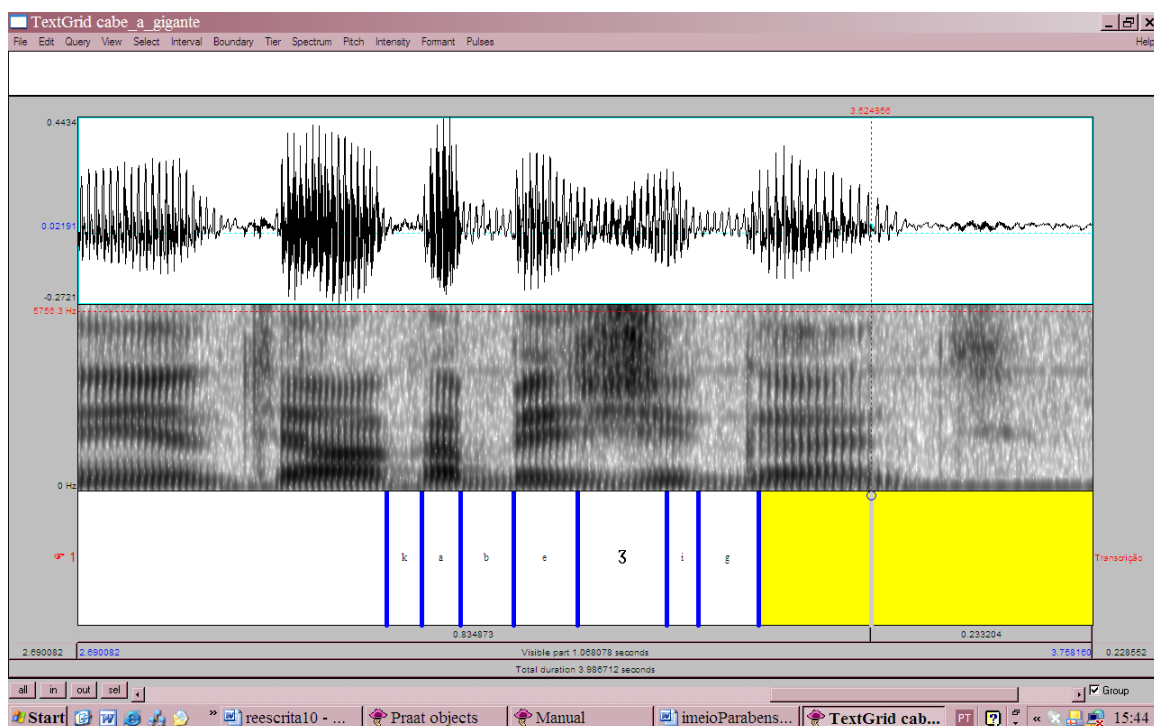
545. Conheci uma francesa SIMpática > france[si]pa]tica



Uma vez que [z] e [s] têm o traço [sonoridade] diferente, pôde ser comprovado que [z] não permanece, mas sim o [s], como no espectrograma acima, em que não há barra de sonoridade. A parte em negrito no espectrograma representa a vogal [e] de *francesa*, seguida da consoante [s] de *simpática*. Não há resquícios, como se pode notar, da consoante /z/ na produção da fala.

No caso específico das coronais, elas são sub-divididas em [anterior] e [distribuído]. A questão é se a variação nestes dois traços pode influenciar a aplicação do processo. Na sentença a seguir, as duas consoantes do contexto segmental são coronais [+contínuo], mas possuem o traço [anterior] que as distingue (o contexto [s+Z] tem uma consoante [+anterior] seguida de outra [-anterior]):

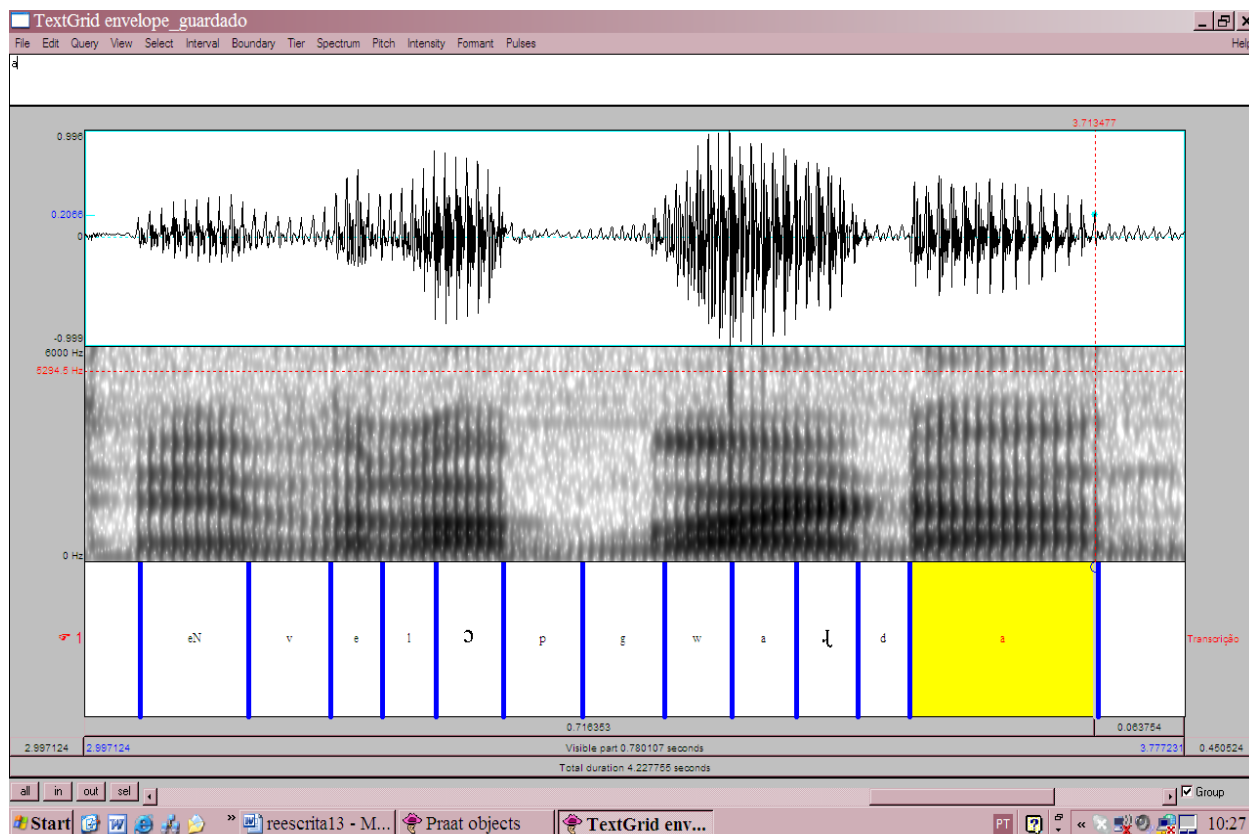
546. Essa menina tem uma cabeÇA GIgante > cabe[Zi]gante



Conforme o espectrograma acima, no contexto consonantal [coronal]+[coronal], com a diferença no traço [anterior] das consoantes, há queda de sílaba, produzindo elisão silábica (não há resquícios de [s] porque a frequência desse segmento é mais alta (por volta de 3.500 Hz) do que de [Z], como indica a parte escura que começa por volta de 1800 Hz). Em outras palavras, não há uma variação na frequência que indique a mudança de um segmento para o outro. Além disso, a barra de sonoridade está presente no segmento [Z] – não haveria barra de sonoridade se a consoante fosse [s].

Mas também cumpre observar o que ocorre quando há diferença no ponto de C. No espectrograma da sentença abaixo, há diferença de ponto de C entre as consoantes do contexto segmental e ambas são [-contínuo]:

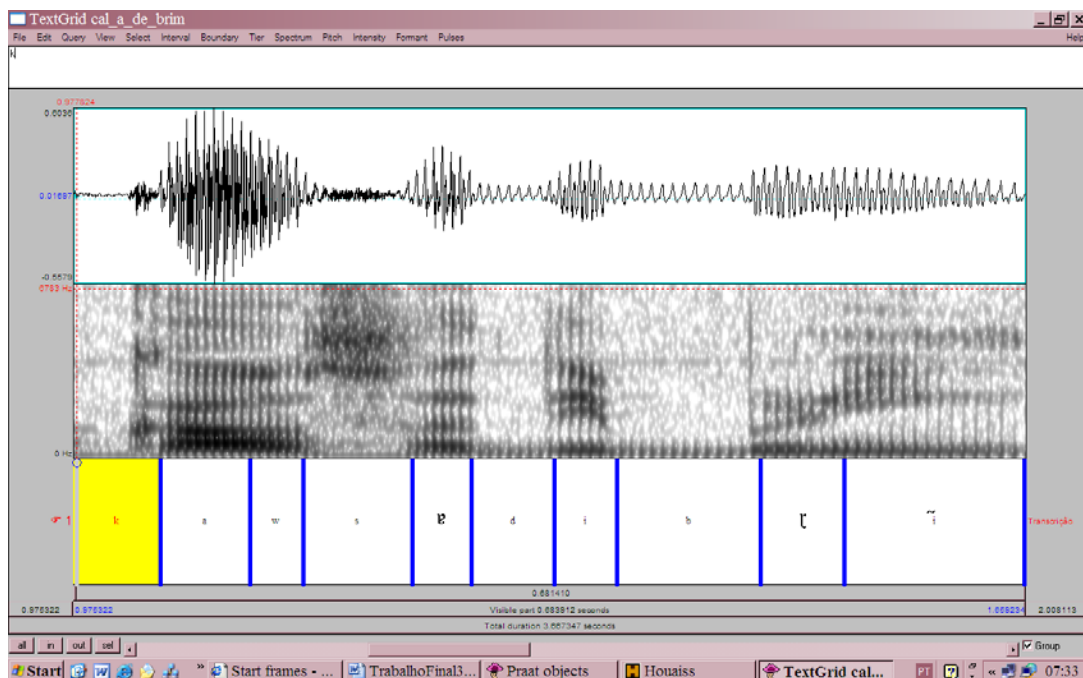
547. enveloPE GUARdado



No espectrograma acima, verifica-se que não há produção da vogal [e], mas o segmento [p] permanece: é possível ver a diferença na barra de sonoridade dos segmentos [p] e [g] (neste último, a barra de sonoridade aparece, indicando o traço [+sonoro] do segmento).

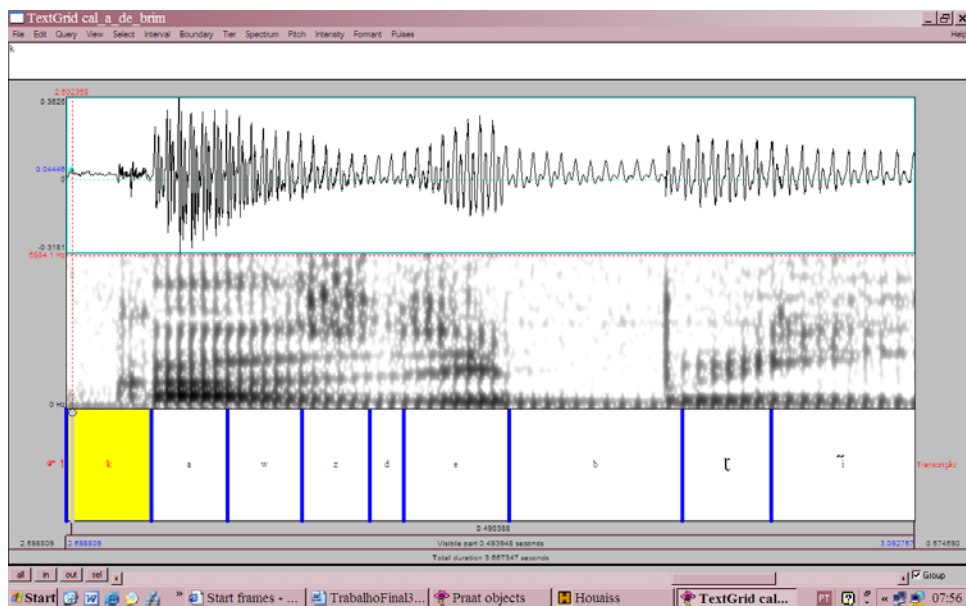
A análise de uma sentença cujo contexto segmental seja formado por duas consoantes com o mesmo ponto de C, mas que variam no valor para o traço [contínuo] é dada a seguir:

548. Comprei uma calÇA DE brim.



No espectrograma 548, pode-se notar a presença das duas consoantes [s] e [d] (cf. transcrição fonética no espectrograma). De acordo com a proposta aqui apresentada, o esperado é que ambos os segmentos devem permanecer na produção com redução, e o processo fonológico deve ser produzido como elisão vocálica. Em outras palavras, [kaws+d^bi)m] deve ser produzido [kaws(+dib}i)m]. O espectrograma a seguir apresenta a produção com redução feita por BGN:

549.



De acordo com o espectrograma em 549, o segmento permanece, mas produzido com sonoridade; em outras palavras, /s/ > [z]: [kaws+d^{eb}i)m] > [kawz(+dib)i)m].

Portanto, não há queda de sílaba em *calça de brim*, mas sim elisão vocálica: o contexto consonantal /s+d/ possui o mesmo ponto de C [coronal], mas o segmento /s/ é [+contínuo] e [d] é [-contínuo], bloqueando a queda de sílaba.

Como se pôde notar nos casos apresentados nos espectrogramas acima, é necessário que as consoantes do contexto segmental tenham o mesmo ponto de C e mesmo valor para [contínuo].

Assim, pudemos mostrar, de acordo com os espectrogramas apresentados nesta seção, que a queda de sílaba (por elisão silábica ou haplologia) se dá se as duas consoantes do contexto segmental tiverem o mesmo ponto de C e o mesmo valor para o traço [contínuo]. Se qualquer uma dessas duas características forem distintas, o processo fonológico que ocorre é a elisão vocálica.

7 O PONTO V E OS PROCESSOS FONOLÓGICOS

Como foi dito em 5.1, segundo Alkmim & Gomes (1982), a haplologia somente ocorre com vogais altas, e nada dizem sobre a posição das vogais (anterior ou posterior). Não há nenhuma análise sobre as vogais nos casos de elisão silábica. Dessa forma, apresentar-se-á, nesta seção, a análise da posição das vogais para ver se há alguma influência no processo. Como não há nenhuma previsão de contexto vocálico para a elisão silábica, os dados dos dois processos são analisados juntos e depois serão separados.

No *corpus*, houve um total de 103 sentenças, com 52 ocorrências e 51 não ocorrências de queda de sílaba.

7.1 ANTERIORIDADE/POSTERIORIDADE

Nesta subseção, os dados estão organizados de acordo com a anterioridade/posterioridade das vogais, gerando as seguintes combinações: [anterior]+[anterior], [anterior]+[posterior], [posterior]+[posterior] e [posterior]+[anterior].

7.1.1 [anterior] + [anterior]

Foram 14 contextos no *corpus* que possuem uma vogal [anterior] seguida de outra [anterior] no contexto segmental favorável à queda. Especificamente, os dois exemplos abaixo possuem o contexto /e+i/:

- 550. po(DE) Ficar
- 551. ...cê poDE VIrar um santo
- 552. poDE VIrar crente

Como se pode verificar nos exemplos acima, houve 1 (uma) ocorrência e 2 (duas) não ocorrências de elisão silábica para 3 (três) contextos vocálicos /e+i/ no *corpus*.

Para o contexto /e+e/, houve 11 (onze) contextos, com 9 (nove) quedas de sílaba e 2 (duas) não ocorrências:

- 553. um paco(TE) DE feijão
- 554. um mon(TE) DE técnica
- 555. não po(DE) TER
- 556. Sa(BE) VEado
- 557. Sa(BE) QUE o meu
- 558. no volan(TE). DEU
- 559. mon(TE) DE pano
- 560. cren(TE), DEsses
- 561. vonta(DE) DE matar
- 562. granDE DE gás
- 563. um monTE, NEM lembro.

Como se viu nesta subseção, houve 14 contextos vocálicos [anterior]+[anterior], com 10 ocorrências e 4 não ocorrências e, em todas as ocorrências, a queda é da primeira vogal do contexto. Portanto, há queda de sílaba com vogais [anterior] seguidas de [anterior].

7.1.2 [anterior] + [posterior]

Para os contextos segmentais formados por vogais [anterior] seguidas de outras [posterior], houve 10 ocorrências e 8 não ocorrências.

De 8 (oito) sentenças com o contexto /e+o/, houve 6 (seis) ocorrências e 2 (duas) não ocorrências:

- 564. Disfar(CE), SOLte o cara, solte o cara.
- 565. Eu qua(SE) MORri...
- 566. eu qua(SE) MORri
- 567. ...e um mole(QUE) COM outra mulher.
- 568. a gen(TE) TOcou
- 569. sinceramen(TE), TÔ
- 570. DepenDE DO tipo de jazz
- 571. foNE NORmal

Houve apenas 1 (um) contexto vocálico de /e+u/, em que ALES optou por não realizar a elisão silábica:

- 572. poDE CUMprimentar

Para o contexto vocálico /e+a/, houve 4 ocorrências e 5 não ocorrências no *corpus*:

- 573. Sa(BE) Aquela
- 574. fren(TE) DA casa
- 575. fren(TE) DA popular
- 576. fren(TE) DA casa dela.
- 577. granDE TAMbém
- 578. SaBE BAnanão
- 579. entenDE NAda.
- 580. poDE PAsear
- 581. semPRE PAgo

Conforme os exemplos desta subseção, não há restrições para ocorrência de queda de sílaba com o contexto vocálico [anterior]+[anterior], em que a vogal elidida é a primeira do contexto.

7.1.3 [posterior] + [posterior]

Houve 44 sentenças de vogais [posterior] seguidas de [posterior] no *corpus*, sendo que, em 23 delas a queda de sílaba ocorreu. Desse total, houve 7 não ocorrências de 13 contextos vocálicos /o+o/ no *corpus*:

- 582. Cai den(TRO) DO esgoto assim.
- 583. ...fo(TO) DO nariz, queixo,...
- 584. tomando droga na veia, tá liga(DO)? Doença...
- 585. ...pendura(DO) NO pau-de-arara...
- 586. ...três anos e pou(CO), COM a mãe das
- 587. ...morei um pou(CO) COM a minha mãe...
- 588. ...foTO DO olho, da orelha.
- 589. Era muiTO DOente.
- 590. Daí eu peguei a moTO DO cara.
- 591. QuanDO TOcava com Giovane.
- 592. É... quanDO TOcava com Giovane.
- 593. ...entao, os neGO CObra mesmo.

Nos 3 (três) contextos /o+u/ de previsão para queda de sílaba, houve haplogogia:

- 594. tratamen(TO), TUdo
- 595. res(TO), TUdo
- 596. senta(DOS) NUM canto

Como se pode verificar nos dados 597-610 a seguir, houve 6 (seis) ocorrências e 8 (oito) não ocorrências de queda de sílaba para os 14 (quatorze) contextos vocálicos /o+a/ no *corpus*:

- 597. fugin(DO) DA realidade

- 598. acei(TO), TÁ ligado?
- 599. fei(TO), TÁ marcado
- 600. den(TRO) DA delegacia
- 601. vi(DRO) DA frente.
- 602. moran(DO) NA rua.
- 603. do laDO DA minha
- 604. foTO DAS duas
- 605. chaTO TAMbém
- 606. tá ligaDO? NÃO tenho
- 607. ajuDO NA compra
- 608. negóCIO LÁ
- 609. aconteciDO NAda.
- 610. gravaDO, TÁ lá

Houve 2 ocorrências com /a+o/, de um total de 5 (cinco) contextos vocálicos favoráveis à queda de sílaba:

- 611. da ca(SA) DOS outros.
- 612. Rouba(VA) BOjão⁷²
- 613. naqueLA LOUcura
- 614. aqueLA LOMbadinha
- 615. a guarDA DO moleque.

Num total de 9 (nove) contextos vocálicos /a+a/, houve 5 (cinco) ocorrências e 4 (quatro) não ocorrências:

- 616. muita coi(SA) NA vida
- 617. por ca(USA) DA cabeça.

⁷² *Bojão* não está dicionarizado, mas existe em alguns falares: é uma palavra em que ocorre elisão silábica de /ti/ de *botijão*. Porém, o falante não tem ciência disso.

- 618. Fica(VA) VIAjando
- 619. não adian(TA), TÁ
- 620. por ca(USA) DA menina
- 621. falTA DA mãe
- 622. caSAS DA usina
- 623. caSA DA mulher
- 624. cauDA NA

Pode-se observar, no exemplo em 617, que há a queda da sílaba /za/ e a elisão do *glide* da sílaba anterior – esse tipo de apagamento foi discutido na subseção 6.2.3.

De acordo com os exemplos desta subseção, pode haver queda de sílaba com um contexto vocálico [posterior]+[posterior].

A queda de sílaba independe da anterioridade/posterioridade tanto da primeira quanto da segunda vogal e, para as ocorrências, a primeira vogal sofre a queda.

7.1.4 [posterior] + [anterior]

Para contextos de vogais [posterior] seguida de [anterior], houve 9 ocorrências e 19 não ocorrências no *corpus*.

Em todos os 3 (três) contextos vocálicos de /o+i/, houve 3 não ocorrências, conforme os exemplos 625-627 abaixo:

- 625. MuiTO Difícil.
- 626. muiTO Difícil
- 627. VarDO TInha contado

Dentre os 14 (treze) contextos vocálicos /o+e/, houve 6 ocorrências:

- 628. me(DO) DE ter
- 629. gos(TO) DE ver
- 630. negó(CIO) DE casa
- 631. ne(GO) QUERendo

- 632. casa(DO), TEM filho.
- 633. pon(TO) DE você
- 634. PedaÇO DE pau.
- 635. pedaÇO DE pau
- 636. MigueliTO; DEpois
- 637. no ouviDO DEle
- 638. TuDO DESparceirado.
- 639. eu gosTO DE abraçar
- 640. fuginDO DE uma coisa.
- 641. MuiTOS DEles

Para os 2 contextos vocálicos /a+i/, não houve ocorrência de queda:

- 642. polícia por caUSA DIso.
- 643. Por caUSA DIso.

Dos 9 contextos /a+e/ que apareceram no *corpus*, em apenas 3 (três) houve ocorrência:

- 644. na(DA) DE roubar
- 645. em ca(SA), DEI dinheiro
- 646. estra(DA) DE terra
- 647. naDA DE mexer
- 648. amiGA. CREsceram
- 649. banDA DE jazz
- 650. caSA DEle.
- 651. caSA DEle.
- 652. fiTA DE vídeo

Portanto, no contexto vocálico [posterior]+[anterior], não há restrições para que a queda de sílaba ocorra, sendo que houve queda da sílaba que possui a vogal [posterior] (primeira vogal do contexto).

7.2 ABERTURA

Nesta subseção, as vogais dos 103 contextos de queda de sílaba do *corpus* foram analisadas com relação à abertura, com 6 (seis) tipos de combinações: média+alta, média+média, média+baixa, baixa+alta, baixa+média e baixa+baixa.

7.2.1 Média + Alta

De 10 sentenças com contextos favoráveis à queda de sílaba, houve 4 ocorrências. A seguir, está apresentado o contexto /e+i/:

- 653. po(DE) Ficar.
- 654. ...cê poDE VIrar um santo
- 655. poDE VIrar crente

Houve apenas 1 ocorrência dentre os 3 contextos vocálicos /e+i/ de queda de sílaba. Além do mais, pode-se observar, nesse contexto, a opcionalidade da queda de sílaba: os contextos segmentais das sílabas sujeitas à elisão silábica de 653 e 654 são /de+fi/ e /de+vi/, respectivamente. A única diferença segmental é o traço [sonoridade] que não interfere na ocorrência/não ocorrência/bloqueio dos processos, como será visto na subseção 6. Ambas as sílabas /fi/ e /vi/ são semelhantes e as sentenças foram produzidas pelo informante ALES, com ocorrência (cf. 653) e não ocorrência (cf. 654) de elisão silábica.

Para o contexto /e+u/, houve apenas uma sentença, com não ocorrência de elisão silábica:

- 656. poDE CUMprimentar

Para ao contexto vocálico /o+i/ sujeito à queda de sílaba, houve 3 (três) não ocorrências:

- 657. MuiTO Difícil.
- 658. muiTO Difícil
- 659. VarDO TIInha contado

Também houve 3 (três) contextos vocálicos /o+u/ em que, contrariamente ao contexto /o+i/, houve 3 (três) ocorrências:

- 660. tratamen(TO), TUdo
- 661. res(TO), TUdo
- 662. senta(DOS) NUM canto

Para contextos com vogais médias seguidas de vogais altas, há ocorrência de queda de sílaba, conforme os exemplos desta subseção – a queda é sempre da sílaba com a vogal média (da primeira sílaba).

7.2.2 Média + Média

Houve 26 (vinte e seis) ocorrências e 20 (vinte) não ocorrências para contextos vocálicos de uma vogal média seguida de outra média. Nos exemplos a seguir, estão os contextos /e+e/, com 9 (nove) ocorrências de queda de sílaba e apenas 2 (duas) não ocorrências:

- 663. paco(TE) DE feijão
- 664. não po(DE) TER vergonha
- 665. vontade(DE) DE matar
- 666. cren(TE), DEsses
- 667. mon(TE) DE pano
- 668. Sa(BE) QUE meu
- 669. Sa(BE) VEado
- 670. no volan(TE). DEU
- 671. mon(TE) DE técnica
- 672. granDE DE gás
- 673. um monTE, NEM lembro

Houve apenas 2 (duas) não ocorrências para o contexto vocálico /e+o/, e 6 (seis) ocorrências:

- 674. Disfar(CE), SOLte
- 675. Eu qua(SE) MORri
- 676. eu qua(SE) MORri
- 677. mole(QUE) COM outra mulher
- 678. a gen(TE) TOcou
- 679. sinceramen(TE), TÔ
- 680. DepenDE DO tipo
- 681. foNE NORmal

O maior número de contextos de combinações vocálicas encontradas no *corpus* foi /o+e/, com 6 ocorrências e 8 não ocorrências:

- 682. me(DO) DE ter
- 683. gos(TO) DE ver
- 684. nego(CIO) DE casa
- 685. ne(GO) QUERendo
- 686. casa(DO), TEM filho
- 687. pon(TO) DE você
- 688. PedaÇO DE pau
- 689. MigueliTO; DEpois
- 690. no ouviDO DEle
- 691. TuDO DESparceirado
- 692. pedaÇO DE pau
- 693. gosTO DE abraçar
- 694. fuginDO DE uma coisa
- 695. MuiTOS DEles

Houve 12 (doze) sentenças no *corpus* cujo contexto vocálico de queda de sílaba é /o+o/, com 6 (seis) ocorrências e 6 (seis) não ocorrências, conforme os exemplos abaixo:

- 696. den(TRO) DO esgoto
- 697. tá liga(DO)? Doença

- 698. pendura(DO) NO pau-de-arara
- 699. e po(UCO), COM a mãe das
- 700. um po(UCO) COM a minha
- 701. fo(TO) DO nariz
- 702. foTO DO olho
- 703. muiTO DOente
- 704. moTO DO cara
- 705. QuanDO TOcava
- 706. quanDO TOcava
- 707. neGO CObra

Assim como o par *pode ficar* e *pode virar*, as realizações em 701 e 702 são exemplos de opcionalidade da queda de sílaba. O trecho produzido pelo falante ALES em que aparecem os contextos segmentais idênticos /to+do/ com ocorrência e não ocorrência de haplogogia é o seguinte: *Aí pega os exame de saliva, de cabelo, é... fo(to) do nariz, queixo, foto do olho, da orelha.*

De acordo com os exemplos desta subseção, há ocorrência de queda de sílaba para contextos formados por vogais médias.

7.2.3 Média + Baixa

Houve 10 (dez) ocorrências e 13 (treze) não ocorrências da combinação média+baixa. Os exemplos da primeira combinação /e+a/, com 4 (quatro) ocorrências de 9 (nove) contextos estão apresentados a seguir:

- 708. na fren(TE) DA casa dela
- 709. na fren(TE) DA popular
- 710. na fren(TE) DA
- 711. Sa(BE) Aquela música
- 712. poDE PAssear
- 713. semPRE PAgo
- 714. não entenDE NAda
- 715. SaBE BAnanão

716. granDE TAMbém

Para o contexto vocálico /o+a/, houve 6 (seis) ocorrências dos 14 (quatorze) contextos:

- 717. fugin(DO) DA realidade
- 718. acei(TO), TÁ ligado
- 719. fei(TO), TÁ marcado
- 720. den(TRO) DA delegacia
- 721. vi(DRO) DA frente
- 722. moran(DO) NA rua
- 723. do laDO DA minha mulher
- 724. foTO DAS duas
- 725. chaTO TAMbém
- 726. tá ligaDO? NÃO tenho
- 727. ajuDO NA compra
- 728. negóCIO LÁ no fórum
- 729. aconteciDO NAda
- 730. gravaDO, TÁ lá

Conforme os dados desta subseção 7.2.3, contextos vocálicos baixa+alta permitem a ocorrência de queda da primeira sílaba.

7.2.4 Baixa + Alta

Para contextos de vogais baixa+alta, houve apenas a combinação /a+i/, de 2 (duas) sentenças com não ocorrência de elisão silábica:

- 731. Por caUSA DIssó
- 732. ...por caUSA DIssó

De acordo com os dois exemplos acima, parece que há não ocorrência queda de sílaba, já que não se constatou realização do processo nos dois exemplos.

7.2.5 Baixa + Média

Com relação ao contexto baixa+média, houve 15 (quinze) contextos, sendo que, de 10 (dez) contextos vocálicos /a+e/, houve apenas 3 (três) ocorrências:

- 733. na(DA) DE roubar
- 734. ca(SA), DEI dinheiro
- 735. estra(DA) DE terra
- 736. amiGA. CREsceram
- 737. naDA DE mexer
- 738. calçaDA, DEI
- 739. fiTA DE vídeo
- 740. caSA DEle.
- 741. caSA DEle.
- 742. banDA DE jazz

Houve 2 (duas) ocorrências das 5 (cinco) sentenças com o contexto /a+o/, conforme os exemplos abaixo:

- 743. ...da ca(SA) DOS outros
- 744. Rouba(VA) BOjão
- 745. naqueLA LOUcura
- 746. aqueLA LOMbadinha
- 747. a guarDA DO moleque

Conforme os dados desta subseção, pode haver queda de sílaba com um contexto vocálico baixa+média, já que houve 5 (cinco) ocorrências do processo, em que a primeira sílaba com a vogal baixa é a elidida.

7.2.6 Baixa + Baixa

A combinação de vogais baixa + baixa, representado pelo contexto vocálico /a+a/, está apresentada a seguir:

- 748. coi(SA) NA vida
- 749. por ca(USA) DA cabeça
- 750. Fica(VA) VIAjando nos
- 751. não adian(TA), TÁ
- 752. por ca(USA) DA menina
- 753. falTA DA mãe
- 754. caSAS DA usina
- 755. caSA DA mulher
- 756. cauDA NA

Como se pôde observar acima, houve 5 (cinco) ocorrências e 4 (quatro) não ocorrências do contexto vocálico /a+a/ encontrado no *corpus*, constituindo uma seqüência de vogais baixa+baixa, em que a primeira delas é elidida.

7.3 SUMÁRIO

Para uma melhor visualização da relação entre a queda de sílaba e o ponto V, os tipos de combinações vocálicas estão apresentados nas tabelas a seguir, de acordo com a posterioridade/anterioridade e com a altura das vogais. Também estão separadas por processos (elisão silábica e haplogia):

757. Tabelas de posterioridade/anterioridade das vogais:

[anterior]+[anterior]	Ocorrência		Não Ocorrência		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/e+i/	1	0	2	0	3
/e+e/	2	7	1	1	11
Total	3	7	3	1	14

[anterior]+[posterior]	Ocorrência		Não Ocorrência		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/e+o/	2	4	0	2	8
/e+u/	0	0	1	0	1
/e+a/	1	3	3	2	9
Total	3	7	4	4	18

[posterior]+[posterior]	Ocorrência		Não Ocorrência		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/o+o/	1	5	0	6	12
/o+u/	1	2	0	0	3
/o+a/	1	5	3	5	14
/a+a/	3	2	3	1	9
/a+o/	2	0	0	3	5
Total	8	14	6	15	43

[posterior]+[anterior]	Ocorrência		Não Ocorrência		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/o+i/	0	0	0	3	3
/o+e/	1	5	2	6	14
/a+i/	0	0	2	0	2
/a+e/	1	2	2	4	9
Total	2	7	6	13	28

De acordo com as tabelas em 757, a posterioridade/anterioridade não interferem na queda de sílaba.

Na maior parte dos casos, houve ocorrência e não ocorrência de queda de sílaba, com exceção dos contextos /a+i/, /o+i/ e /e+u/.

Para a seqüência vocálica /a+i/ e /o+i/, não houve nenhuma ocorrência, que corresponde ao contexto [posterior]+[anterior]. Porém, nos outros contextos vocálicos houve ocorrência para [posterior]+[anterior]. As sentenças do *corpus* com o contexto segmental /a+i/, em que houve não ocorrência, podem ser produzidas com queda de sílaba, em Capivari, com gramaticalidade: ...*de polícia por ca(USA) DISSO* e *Por ca(USA) DISSO*. Da mesma forma, pode haver ocorrência (com gramaticalidade) em *Mui(TO) DIFÍCIL* e *Var(DO) TINHA CONTADO*.

Para o contexto segmental /e+u/, não houve nenhuma ocorrência, representando o contexto vocálico [anterior]+[posterior]; mas houve 8 (oito) ocorrências de queda de sílaba com esse contexto.

Com a seqüência vocálica /o+i/, houve 3 (três) não ocorrências, que representa o contexto [posterior]+[anterior]; mas houve ocorrência para esse contexto no *corpus* (11 (onze) ocorrências).

A tabela a seguir apresenta as ocorrências/não ocorrências de queda de sílaba com relação à altura das vogais.

758. Tabela de altura das vogais:

Média-alta	<i>Ocorrência</i>		<i>Não ocorrência</i>		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/e+i/	1	0	2	0	3
/e+u/	0	0	1	0	1
/o+i/	0	0	0	3	3
/o+u/	1	2	0	0	3
Total	2	2	3	3	10

Média-média	<i>Ocorrência</i>		<i>Não Ocorrência</i>		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/e+e/	2	7	1	1	11
/e+o/	2	4	0	2	8
/o+e/	1	5	2	6	14
/o+o/	3	3	0	6	12
Total	8	19	3	15	45

Média-baixa	<i>Ocorrência</i>		<i>Não ocorrência</i>		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/e+a/	1	3	3	2	9
/o+a/	1	5	3	5	14
Total	2	8	6	7	23

Baixa-alta	<i>Ocorrência</i>		<i>Não ocorrência</i>		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/a+i/	0	0	2	0	2
Total	0	0	2	0	2

Média-baixa	<i>Ocorrência</i>		<i>Não ocorrência</i>		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/a+e/	1	2	2	4	9
/a+o/	2	0	0	3	5
Total	3	2	2	7	14

Baixa-baixa	<i>Ocorrência</i>		<i>Não ocorrência</i>		Total
	Elisão silábica	Haplologia	Elisão silábica	Haplologia	
/a+a/	3	2	3	1	9
Total	3	2	3	1	9

Como se observa nas tabelas em 758, a altura das vogais também não influencia na elisão silábica/haplologia. Há ocorrências/não ocorrências em todas as possíveis combinações de altura vocálica no falar de Capivari.⁷³

Houve um total de 103 sentenças, com 35 contextos para elisão silábica (16 ocorrências e 19 não ocorrências) e 68 contextos para haplologia (com 35 ocorrências e 33 não ocorrências). Em outras palavras, a maioria dos contextos é de haplologia, mas também houve ocorrências com elisão silábica.

De acordo com os dados na análise do ponto V apresentada nesta seção 7, a vogal apagada é sempre a primeira, conforme todas as sentenças com ocorrência de queda de sílaba.

A qualidade das vogais não influencia na ocorrência, já que não importa se o contexto é [anterior]+[posterior] ou média seguida de alta, por exemplo, nem tão pouco importam os traços da primeira vogal para que haja queda de sílaba. Pode-se afirmar, então, que a combinação de traços da primeira e da segunda vogais não importa também.

Dessa forma, pode-se concluir que o ponto de V não interfere na aplicação de queda de sílaba.

⁷³ Vale lembrar que as combinações com vogais altas na primeira sílaba não são possíveis no falar de Capivari, já que não há regra de alçamento.

CAPÍTULO V: ANÁLISE PROSÓDICA

No capítulo anterior, foi mostrado que os dois processos de queda de sílaba são iguais no nível segmental. Neste capítulo, a elisão silábica e a haplologia ainda serão tratadas separadamente porque esses processos talvez variem quanto aos aspectos prosódicos.

A análise das entrevistas do *corpus* foi feita utilizando-se a teoria prosódica de Nespor & Vogel (1986) – cf. seção 2. As grades métricas foram construídas com as seguintes representações:

- i) sílabas proeminentes e fracas (indicadas pelo símbolo x e •, respectivamente);
- níveis prosódicos (representados por ω , C, ϕ e I); e
- fronteiras de constituintes (indicadas por colchetes).

Foram consideradas as possíveis reestruturações de ϕ , apresentadas em 2. A representação dos constituintes prosódicos ω , C, ϕ e I foi necessária por se tratar de uma análise de sândi externo, ou seja, do nível maior que a palavra.

Neste capítulo, está apresentado apenas um dentre os vários exemplos de elisão silábica e haplologia em que houve ocorrência/não ocorrência em cada constituinte prosódico. Uma vez que a ênfase da análise é nos níveis prosódicos, foram analisados os dados naturalísticos do *corpus*, privilegiando-se as sentenças completas, e não apenas o contexto de regra.

Em 8, há os dados de ocorrência e de não ocorrência de elisão silábica; os dados de ocorrência/não ocorrência de haplologia estão em 9.

8 ELISÃO SILÁBICA

Não há na literatura estudos sobre os contextos prosódicos para elisão silábica; porém, já que a elisão silábica e a haplologia são o mesmo processo fonológico do ponto de vista segmental, foi levantada a hipótese (sendo verificada) de que a elisão silábica obedece os mesmos princípios prosódicos que a haplologia, ou seja, se a elisão silábica pode também ocorrer em todos os níveis prosódicos. Conforme Tenani (2002), a ocorrência de haplologia diminui quanto mais alto for o nível prosódico, como foi visto em 5.1.

Não houve contextos para elisão silábica dentro de ϕ . As relações prosódicas encontradas no *corpus*, totalizando 35 sentenças, foram dentro de ϕ s reestruturados (cf. seção 8.1), entre ϕ s (ou seja, dentro de I, cf. seção 8.2), e entre Is (cf. seção 8.3).

8.1 DENTRO DE ϕ S REESTRUTURADOS

Como visto na seção 2, para que seja feita a reestruturação de ϕ s, o segundo deve ser complemento do primeiro; ainda, o núcleo lexical do segundo ϕ deve estar do lado recursivo do primeiro; e o segundo ϕ não pode ser ramificado.

A seguir, há a grade métrica de uma sentença com ϕ reestruturado:

759. ...os caras senta(DOS) NUM canto, falando um montão.

[• • • • * •] ϕ reestruturado

[• * •] [• * •] ϕ

[• * •] [• * •] C

[• * •] [*] [* •] ω

[*][* •] [*] [* •] Σ

senta(dos) num canto

Na sentença acima, *num canto* pode ser considerado complemento de *sentados*, já que, para Nespor & Vogel, não há diferença entre complemento e adjunto na formação da frase fonológica, sendo ambos considerados complementos (cf. seção 2).

Foram encontradas 23 sentenças no *corpus* com elisão silábica dentro de ϕ reestruturado, listadas a seguir:

760. ...fiquei moran(DO) NA rua.

761. ...perde muita coi(SA) NA vida e num vai procurar droga, entendeu?

762. ...po(DE) FIcar.

763. ...eu escolhi Isabela por ca(USA) DA cabeça.

764. Daí, eu, por ca(USA) DA menina...

765. É, negó(CIO) DE casa, entendeu?

766. Roubava boião de gás da ca(SA) DOS outros.
 767. ...ajuDO NA compra, né?
 768. A princípio, cê não entenDE NAda.
 769. Eu quase morri na frente da caSA DA mulher que tive filho.
 770. ... olhou pro lado como se não tivesse aconteciDO NAda.
 771. Cê poDE VIrar crente...
 772. ...cê poDE VIrar um santo...
 773. Somos amigos, poDE CUMprimentar eu na rua...
 774. ...poDE PAsear...
 775. Por caUSA DIso. Só tem fone.
 776. Vamos dar uma corridinha na caSA DEle.
 777. Ele tem três pianos de cauda na caSA DEle.
 778. Eu pintava as caSAS DA usina e os empregado meu...
 779. Apanhei de pedaÇO DE pau, entendeu?
 780. No braço, entendeu? PedaÇO DE pau.
 781. Eu tomei tiro de polícia por caUSA DIso.

Nos 8 (oito) exemplos em 760-766, há ocorrência de elisão silábica dentro de um ϕ reestruturado e, em 767-781, há 16 (dezesseis) contextos para elisão silábica nesse nível prosódico, mas os falantes optaram por não realizar o processo fonológico.

8.2 ENTRE ϕ S (DENTRO DE I)

Nesta subseção, estão as sentenças em que há ocorrências de reduções silábicas entre ϕ s, que ocorre também dentro de I. A grade métrica foi feita para a sentença *Daí, deu cacete, pendura(DO) NO pau-de-arara*, em 782 a seguir:

782. Daí, deu cacete, pendura(DO) NO pau-de-arara⁷⁴...

[• • * •] [• • • • * •] ϕ

[• • * •] [• *] [• • * •] C

[• • * •] [*] [*] [*] [• * •] ω

[*] [• * •] [*] [*] [*] [*] [* •] Σ

pendura(do) no pau - de - arara

Em 782, apesar de *no pau-de-arara* ser complemento de *pendurado*, há dois constituintes no nível de C, configurando um ϕ ramificado, o que impossibilita a reestruturação.

A seguir, estão as sentenças com contextos para elisão silábica:

783. Sa(BE) QUE meu nome é André?

784. ...aí, tive que pagar negócio LÁ no fórum.

785. ...foi o acidente que eu qua(SE) MORri...

786. Eu qua(SE) MORri...

787. Rouba(VA) BOjão de gás da casa dos outros.

788. Sa(BE) VIado Xuxa...

789. Sa(BE) Aquela música Changes do Black Sabbath?

790. Ele tem três pianos de cauDA NA casa dele...

Como pode ser observado nos exemplos acima, houve 7 ocorrências de elisão silábica entre ϕ s (ver exemplos 783-789) e 1 não ocorrência (cf. exemplo em 790).

8.3 ENTRE IS

Conforme a seção 2, o domínio de formação de I consiste em ϕ s que não são anexados à sentença, ou qualquer seqüência de ϕ s adjacentes em uma sentença. Houve, no *corpus*, 3 contextos para elisão silábica entre Is, cujo exemplo com ocorrência está apresentado a seguir:

⁷⁴ Morfologicamente, *pau-de-arara* é uma palavra só, enquanto que, prosodicamente, há acentos primários de palavra em

791. Aí, cheguei em ca(SA), DEI dinheiro para minha mãe.

[• • • * •] [• • • • • • • • *] I
 [• • • * •] [• • * •] [•• • • *] φ reestruturado
 [• *] [• * •] [*] [• * •] [•• • • *] φ
 [• *] [• * •] [*] [• * •] [* •] [* •] [*] C
 [• *] [*] [* •] [*] [• * •] [* •] [* •] [*] ω
 [*] [*] [*] [* •] [*] [*] [* •] [* •] [* •] [*] Σ
 cheguei em ca(sa), dei di nheiro para minha mãe

A sentença 866, cujo contexto segmental de ocorrência de elisão silábica é /za+dei/, pode ser produzida com uma pausa entre *casa* e *dei*, formando um limite do nível prosódico I. Essas fronteiras prosódicas de I transformam duas sentenças em um I reestruturado, devido à velocidade rápida de fala, em que não há pausa entre as sentenças.

As sentenças a seguir têm contextos segmentais favoráveis à elisão silábica:

792. Ah, um monTE, NEM lembro.

793. ... aceito, tá ligaDO? NÃO tenho vergonha.

Em ambas as sentenças acima, haveria possibilidade de ocorrência de elisão silábica entre Is, mas os falantes optaram por não realizar o processo.

9 HAPLOLOGIA

Assim como para a elisão silábica, não houve contextos de haplologia dentro de φ. Nesta subseção, está a análise de haplologia que ocorreu com as seguintes relações prosódicas: entre φs (dentro de I, cf. seção 9.1), dentro de φ reestruturado (cf. 9.2) e entre Is (cf. 9.3), com um total de 68 sentenças com possibilidade de ocorrência de haplologia.

pau, em *de* e em *arara*, constituindo-se três palavras independentes, no nível de ω.

9.1 DENTRO DE ϕ S REESTRUTURADOS

Houve um total de 36 sentenças com contexto de haplologia entre ϕ s reestruturados, como na sentença a seguir:

794. ...tá fugin(DO) DA realidade...

[• • • • • • • • * •] ϕ reestruturado

[• • * •] [• • • • * •] ϕ

[*] [• * •] [• • • • * •] C

[*] [• * •] [*] [• • • * •] ω

[*] [*] [* •] [*] [*] [*•] [* •] Σ

tá fugin(*do*) *da* re a li dade

Em 794, as sílabas do contexto de haplologia /do+da/ fazem parte de dois ϕ s diferentes. Uma vez que *da realidade* é um ϕ não ramificado e é complemento de *tá fugindo*, há reestruturação dos dois ϕ s.

Os outros casos de haplologia dentro de ϕ reestruturado estão listados a seguir:

795. Tem um mon(TE) DE técnica pra cantar.

796. Aí soltaram eu, que amarraram um mon(TE) DE pano...

797. ...eu saí pelo vi(DRO) DA frente.

798. Aquela estra(DA) DE terra.

799. ...na fren(TE) DA casa dela.

800. Eu quase morri na fren(TE) DA casa da mulher que eu tenho filho.

801. ...não custa um dia um trazer um paco(TE) DE feijão, tá ligado?

802. ...é... fo(TO) DO nariz, queixo...

803. ...tenho vonta(DE) DE matar, matar.

804. Não tem na(DA) DE roubar, tenho nada de mexer com droga.

805. Já chega o pon(TO) DE você beber pra se divertir.

806. Caí den(TRO) DO esgoto, assim.

807. ...gos(TO) DE ver todo mundo comer...
808. ...não po(DE) TER vergonha.
809. Fica(VA) VIAjando nos olhos dela.
810. No posto, na fren(TE) DA popular de Rafard.
811. Aí, era uma salinha que tem den(TRO) DA delegacia...
812. MuiTO Difícil.
813. É muiTO Difícil, assim, pra quem nunca sentou num instrumento.
814. ...não: eu gosTO DE abraçar, entendeu?
815. ...sair do laDO DA minha mulher...
816. ...perdi a guarDA DO moleque.
817. ...sente falTA DA mãe, fala comigo.
818. E banDA DE jazz é só músico bom...
819. É um foNE NORmal...
820. Ele só quer ficar naqueLA LOUcura, entendeu?
821. ...tinha aqueLA LOMbadinha do Dal Fabbro
822. SaBE BANanão, filho de Ponce?
823. Cê tá fuginDO DE uma coisa.
824. MuiTOS DEles que fizeram isso, se arreponderam.
825. Daí, eu peguei a moTO DO cara.
826. ...eu vi foTO DAS duas, quero dizer.
827. ...foTO DO olho, da orelha.
828. Era muiTO DOente.
829. Aquilo ali, no ouviDO DEle, acho que é um murro na cara.

Em 795-811, há 17 ocorrências de haplologia dentro de ϕ reestruturado e, nos exemplos 812-829, estão as não ocorrências do processo fonológico nesse nível prosódico.

9.2 ENTRE ϕ S (DENTRO DE I)

Nas 16 sentenças abaixo, aparecem os contextos segmentais em que aplicação de haplologia fazem parte de ϕ s distintos, como nos exemplos a seguir:

830. ...a gen(TE) TOcou e Roni gravou.

[• * •] [• *] φ

[• * •] [• *] C

[*] [* •] [• *] ω

[*] [* •] [*] [*] Σ

a gen(te) tocou

O contexto de haplologia na sentença 830 é formado por um sintagma nominal *a gente* e outro verbal *tocou*, gerando dois φs, em que não pode haver reestruturação, já que *tocou* não é complemento da núcleo lexical *gente*.

Além de 830, foram encontradas no *corpus* outras 16 sentenças com contextos segmentais de haplologia:

831. ...morei um po(UCO) COM a minha mãe...

832. ...e um mole(QUE) COM outra mulher.

833. ...a gen(TE) TOcou e Roni gravou.

834. Salvar a vida de ne(GO) QUERendo se matar...

835. É... quanDO TOcava com Giovane.

836. QuanDO TOcava com Giovane.

837. TuDO DESparcerado.

838. Pensei que Murilão, Netão, VarDO TInha contado para você...

839. ...entao, os neGO CObra mesmo.

840. ...semPRE PAgo para ele.

841. Falei, ah, tô desempregado, é chaTO TAMbém...

842. ...Campinas é cidade granDE TAMbém.

843. Vendia para uma empresa granDE DE gás, entendeu?

844. ...não tenho naDA DE mexer com droga.

845. DepenDE DO tipo de *jazz* também, né, meu?

846. Tem numa fiTA DE vídeo gravada.

Houve 4 sentenças com ocorrência de haplologia entre ϕ s, como se pode observar nos exemplos 831-834 acima. Em 835-846, os falantes optaram por não realizar o processo fonológico, produzindo 12 sentenças com não ocorrência de haplologia entre ϕ s.

9.3 ENTRE IS

Houve 16 sentenças no *corpus* com ocorrência de haplologia entre Is, apresentadas nesta subseção, como no exemplo abaixo:

847. O res(TO), TUdo morreu, entendeu?

[• * •] [•• • *] I

[• * •] [* •] [• *] ϕ

[• * •] [* •] [• *] C

[*] [* •] [* •] [• *] ω

[*] [* •] [* •] [*] [*] Σ

o res(to) tudo morreu

Tudo pode ser determinante de *resto*, mas também pode não ser (ser uma retomada de *resto* em outra sentença). O exemplo 847 acima foi dito de forma que *tudo* retoma a primeira sentença, *o resto*.⁷⁵

848. ...com Vanessa, fiquei três anos e po(UCO), COM a mãe das duas meninas, eu morei dois anos.

849. Mas ela fez tratamen(TO), TUdo, no NA.

850. ...o cara se perdeu no volan(TE). DEU, assim, com aquele montinho de cana...

851. Tem nego que virou cren(TE), DEsses que queriam levar eu pra igreja, começamos a discutir...

852. ...meu, agora não adian(TA), TÁ feito, tá marcado em mim, entendeu?

853. ...meu, agora num adianta, tá fei(TO), TÁ marcado em mim, entendeu?

854. ...alguém vai me dar uma ajuda, vou, acei(TO), TÁ ligado?

⁷⁵ Da maneira que foi dito, o exemplo 847 possui 2 contornos entonacionais, e não 1, mostrando que *tudo* não pode ser considerado determinante de *resto*.

855. ...tomando droga na veia, tá liga(DO)? DOença, tiveram Aids...
856. ...sinceramen(TE), TÔ de saco cheio de... curtir rock assim... manja?
857. Disfar(CE), SOLte o cara, solte o cara.
858. Hoje ele é casa(DO), TEM filho.
859. Faz uma aula, sai MigueliTO; DEpois, duas aulas, Mozart.
860. Meu irmão tem gravaDO, TÁ lá em casa.
861. Subi na calçaDA, DEI num veado.
862. Ela é a melhor amiGA. CREsceram junto.

Nas sentenças acima, pode haver pausa entre as palavras em que há ocorrência de haplologia, configurando limites de I. Em 847-858, há ocorrência de haplologia e, nos exemplos 859-862, há não ocorrências desse processo fonológico entre Is.

10 SUMÁRIO

Na tabela a seguir, os dados do *corpus* com contexto para elisão silábica estão dispostos de forma a relacionar os constituintes prosódicos e ocorrências/não ocorrências desse processo fonológico.

Tabela de ocorrência de elisão silábica, levando-se em consideração os constituintes prosódicos.

Elisão silábica	Ocorrência	Não Ocorrência	Total
1. Dentro de ϕ reestruturado	8	16	24
2. Entre ϕ s	7	1	8
3. Entre Is	1	2	3
Total	16	19	35

De acordo com os dados do *corpus* das entrevistas apresentados na tabela acima, o constituinte prosódico em que mais ocorreu a elisão silábica é aquele que aparece dentro de ϕ reestruturado, com 8 ocorrências (ver contexto prosódico 1). Além disso, a elisão silábica não é bloqueada em nenhum nível.

A tabela a seguir relaciona as ocorrências/não ocorrências de haplologia encontradas no *corpus*:

Tabela de ocorrência e não ocorrência de haplologia, levando-se em consideração os constituintes prosódicos

Haplologia	Ocorrência	Não Ocorrência	Total
Dentro de ϕ reestruturado	18	18	36
Entre ϕ s	4	12	16
Entre Is	12	4	16
Total	34	34	68

Conforme a tabela acima, há uma maior ocorrência de haplogogia dentro de ϕ reestruturado, (18, cf. contexto prosódico 1).

Assim, para ambos os processos de elisão silábica e haplogogia, o nível em que mais ocorreu foi dentro de ϕ reestruturado. Pode-se afirmar, então, que a elisão silábica e a haplogogia são o mesmo processo fonológico, regidos pelas mesmas características segmentais e prosódicas.

Um outro fator a se chamar atenção é que, de acordo com Alkmim & Gomes (1982), a elisão silábica ocorre somente com itens lexicais verbais. Os exemplos abaixo corroboram a afirmação das autoras, já que o item lexical que sofre a elisão silábica é o verbo *saber*:

863. [VPSA(BE) [NP Aquela música Changes...]]

864. [VPSA(BE) [NP VIADO Xuxa, viado preto?]]

865. [VPSA(BE) [CP QUE meu nome é André]]

Em 863 e 864, a elisão silábica ocorre entre um VP e um NP; em 865, aplica-se o processo entre um VP e um CP – em que esses NPs e o CP são complementos dos verbos. Nos três exemplos, a ocorrência de elisão silábica ocorre no verbo *saber*.

No entanto, a elisão silábica não precisa necessariamente acontecer com um item lexical verbal, ao contrário do que afirmam Alkmim & Gomes (1982), conforme o exemplo do *corpus* a seguir:

866. Aí, cheguei em ca(SA), DEI dinheiro para minha mãe.

Em 866, o item lexical que sofre a elisão silábica é um substantivo, e o processo não ocorre dentro de um sintagma verbal, mas sim entre duas sentenças.

Assim, os dados apresentados neste capítulo corroboram Tenani (2002), já que a haplogogia ocorre em qualquer nível prosódico. Para a elisão silábica, a afirmação é a mesma, já que nenhum nível prosódico bloqueia esse processo fonológico.

CAPÍTULO VI: ANÁLISE MÉTRICA

Como foi visto nos Capítulos IV e V, a elisão silábica e a haplologia são o mesmo processo fonológico, que possuem as mesmas propriedades segmentais e prosódicas. Neste capítulo, ainda serão tratados separadamente para analisar se os dois processos são usados de maneira distinta para otimizar o ritmo, ou seja, se um deles é utilizado para otimizar o ritmo, enquanto o outro não é. Assim, a elisão silábica e a haplologia estão separadas para observar como os dois processos se comportam quanto ao uso.

Apresentar-se-á nesta seção uma análise do ritmo das sentenças que apareceram nas entrevistas, em que efetivamente ocorreram os processos fonológicos, observando-se a obediência ou não ao PAR (cf. seção 3).

Assim como no Capítulo V, neste também estão apenas algumas das sentenças do *corpus* com grade métrica, sendo que as outras estão listadas a seguir.

Foram construídas as grades métricas somente das palavras relevantes à estrutura rítmica, com ocorrência de elisão silábica (cf. seção 11) e haplologia (ver seção 12). Nas grades, a proeminência das sílabas está representada pelo símbolo x, e as fracas, por •, organizadas de acordo com o resultado da regra (ou seja, depois da aplicação de elisão silábica e haplologia).

11 OCORRÊNCIA DE ELISÃO SILÁBICA

Nesta subseção, os 16 dados de ocorrência de elisão silábica estão apresentados conforme uma escala de otimização⁷⁶ do ritmo depois da aplicação do processo, de acordo com o PAR – como foi visto na seção 3, esse princípio estabelece que o ritmo possui uma organização que tende a uma alternância de sílabas fortes e fracas: entre duas sílabas fortes, pode haver, no mínimo, uma sílaba fraca, e duas sílabas fracas, no máximo; ou seja, as sentenças tornaram-se mais eurrítmicas⁷⁷.

⁷⁶ A otimização se dá de acordo com uma melhora do ritmo, conforme o PAR. Por exemplo, uma seqüência de sílabas forte fraca fraca forte pode ser otimizada para forte fraca forte, já que o resultado da queda de uma sílaba torna o ritmo ótimo.

⁷⁷ A eurrítmia pode ser definida como o ritmo ótimo na fala.

Em 11.1, as sentenças resultantes da elisão silábica têm uma seqüência $x \bullet x$; a seguir, estão sentenças com um resultado de sílabas $x \bullet \bullet x$ (cf. subseção 11.2); por fim, as sentenças possuem pouca eurritmia, decorrente de choque acentual que ficou: $x x$ (ver seção 11.3).

11.1 SEQÜÊNCIA RÍTMICA: $X \bullet X$

Nesta subseção, há sentenças cujo ritmo passou a ser $x \bullet x$ (uma seqüência ótima ritmicamente, de acordo com o PAR, cuja seqüência de sílabas era $x \bullet \bullet x$).

A estrutura rítmica original das sentenças 867-879 a seguir é formada por um lapso de duas sílabas (uma sílaba forte seguida de duas fracas e outra forte), antes da ocorrência do processo. Depois da aplicação de elisão silábica, o ritmo torna-se ótimo, de acordo com o PAR, já que resta apenas uma sílaba fraca entre duas fortes, representados na grade métrica em 867:

867. É, negó(CIO) DE casa, entendeu?

[• x • x •]

negó(cio) de casa

868. Sa(BE) Aquela música *Changes* do *Black Sabbath*?

869. Sa(BE) QUE meu nome é André?

870. Roubava boião de gás da ca(SA) DOS outros.

871. ...perde muita coi(SA) NA vida e não vai procurar droga, entendeu?

872. ...fiquei moran(DO) NA rua.

873. Daí, deu cacete, pendura(DO) NO pau-de-arara...

874. ...os caras senta(DOS) NUM canto, falando um montão.

875. Rouba(VA) BOião de gás...

876. Sa(BE) VIAdo Xuxa, viado, preto?

877. ...foi o acidente que eu qua(SE) MORri...

878. Eu qua(SE) MORri...

879. ...pode passear, po(DE) Ficar.

Nas realizações de 867-879, houve a ocorrência de elisão silábica, resultando em um ritmo mais alternante: uma sílaba forte seguida de uma fraca e uma forte.

11.2 SEQÜÊNCIA RÍTMICA: $X \bullet \bullet X$

Os exemplos 880-881 a seguir têm o seguinte ritmo não alternante original: uma sílaba forte seguida de três fracas e outra forte (ou seja, um lapso acentual de três sílabas) e, com a aplicação de elisão silábica, se tornam mais eurrítmicos (embora não seja uma alternância perfeita):

880. ...eu escolhi Isabela por ca(USA) DA cabeça.

[x • • x •]

ca(usa) da cabeça

881. Daí, eu, por ca(USA) DA menina...

Nos exemplos acima, o item lexical *causa* sofre elisão silábica, diminuindo o número de sílabas átonas entre as duas tônicas. Pode-se considerar que esse lapso acentual de duas sílabas adjacentes deixa o ritmo mais alternante: segundo o PAR, deve haver no mínimo uma sílaba fraca e no máximo duas, conforme o que acontece depois da aplicação do processo.

11.3 SEQÜÊNCIA RÍTMICA: XX

Houve produção de uma sentença cujo resultado da aplicação de elisão silábica é o choque acentual entre duas palavras, diferente do PAR:

882. Aí, cheguei em ca(SA), DEI dinheiro para minha mãe.

[x x]

ca(sa), dei

No exemplo em 882, o contexto analisado original é formado por uma seqüência alternante, isto é, uma sílaba forte seguida de uma fraca e outra forte, e a expectativa era de que não ocorresse o

processo fonológico. Porém, na produção de ALES, essa alternância não é observada, já que o falante aplicou o processo. Apesar do resultado de choque acentual, a elisão silábica ocorreu, sem pausa, já que a inserção de pausa desfaz o choque de acento, como em *café//quente*, por exemplo, em que // indicam pausa.

12 OCORRÊNCIA DE HAPLOLOGIA

Assim como para a elisão silábica, houve três tipos de seqüências de sílabas: $X \bullet X$, $X \bullet \bullet X$ e $X X$ (choque acentual), totalizando 34 sentenças com ocorrência de haplologia.

12.1 SEQÜÊNCIA RÍTMICA: $X \bullet X$

As sentenças 883-895 a seguir têm um ritmo original $X \bullet \bullet X$ e, depois da aplicação da haplologia, passaram a ter um ritmo ótimo, com uma sílaba fraca entre duas fortes, como representado na grade métrica a seguir:

883. Tem um mon(TE) DE técnica pra cantar.

[x • x • •]

mon(te) de técnica

884. É... quan(DO) TOcava com Giovane.

885. ...a gen(TE) TOcou e Roni gravou.

886. ...tomando droga na veia, tá liga(DO)? DOença, tiveram Aids...

887. Na fren(TE) DA casa dela.

888. Eu quase morri na fren(TE) DA casa da mulher que eu tenho filho.

889. Aquela estra(DA) DE terra.

890. ...eu saí pelo vi(DRO) DA frente.

891. Aí soltaram eu, que marraram um mon(TE) DE pano...

892. ...e um mole(que) com outra mulher.

893. ...tavam com me(do) de ter alguém armado...

894. ...gos(TO) DE ver todo mundo comer...

895. Salvar a vida de ne(GO) QUERendo se matar...

896. No posto, na fren(TE) DA popular de Rafard.

Nas sentenças 883-896, a ocorrência de haplologia faz com que a seqüência rítmica seja otimizada, em que o ritmo passa a $x \bullet x$.

12.2 SEQÜÊNCIA RÍTMICA: $X \bullet \bullet X$

Nas sentenças a seguir, há duas sílabas fracas entre duas fortes (lapso acentual de duas sílabas), no resultado da ocorrência de haplologia que, apesar de ser um lapso silábico maior, também está em conformidade com o PAR:

897. ...tenho vonta(DE) DE matar, matar.

[$\bullet x \quad \bullet \bullet x$]

vonta(de) de matar

898. Não tem na(DA) DE roubar, tenho nada de mexer com droga.

899. ...num custa um dia um trazer um paco(TE) DE feijão, tá ligado?

900. Já chega o pon(TO) DE você beber pra se divertir.

901. Caí den(TRO) DO esgoto, assim.

902. ...é... fo(TO) DO nariz, queixo...

903. ...morei um po(UCO) COM a minha mãe...

904. ...com Vanessa fiquei três ano e po(UCO), COM a mãe das duas meninas...

905. Aí, era uma salinha que tem den(TRO) DA delegacia...

906. ...tá fugin(DO) DA realidade...

Como se pode observar nas sentenças acima, a seqüência rítmica era $x \bullet \bullet \bullet x$ e fica mais otimizada, depois da aplicação de haplologia, tornando-se $x \bullet \bullet x$.

12.3 SEQÜÊNCIA RÍTMICA: XX

Assim como para a elisão silábica, ambos os falantes produziram sentenças com queda de sílaba cujo resultado é de choque acentual, mas, desta vez, há 11 sentenças e não apenas 1:

907. ...sinceramen(TE), TÔ de saco cheio de... curtir rock assim... manja?

[• x • x x]

sinceramen(te), tô

908. Mas ela fez tratamen(TO), TUdo, no NA.

909. O res(TO), TUdo morreu, entendeu?

910. Tem nego que virou cren(TE), DEsses que queriam levar eu pra igreja...

911. ...meu, agora não adian(TA), TÁ feito, tá marcado em mim, entendeu?

912. ...meu, agora num adianta, tá fei(TO), TÁ marcado em mim, entendeu?

913. ...alguém vai me dar uma ajuda, vou, acei(TO), TÁ ligado?

914. ...não po(DE) TER vergonha.

915. ...o cara se perdeu no volan(TE). DEU, assim, com aquele montinho de cana...

916. Disfar(CE), SOLte o cara, solte o cara.

917. Hoje ele é casa(DO), TEM filho.

Nas sentenças 908-917, antes da aplicação de haplologia, havia uma sílaba forte seguida por outra fraca, cujo ritmo é ótimo. Porém, na produção, os informantes desfizeram a eurritmia nas sentenças, com a aplicação da haplologia: os contextos passaram a ter choque silábico.

13 SUMÁRIO

Conforme as análises apresentadas nas seções 11 e 12, todas as sílabas que foram elididas no *corpus* têm em comum o traço [-acento], e a aplicação de queda de sílaba pode acarretar choques acentuais. Por outro lado, a maioria dos dados do *corpus*, depois da ocorrência de elisão silábica e haplologia, está em conformidade com o PAR, visto que há uma tendência à alternância de sílabas fortes e fracas.

Um princípio fonológico, diferente de um princípio sintático, por exemplo, não deve ser necessariamente obedecido para que a sentença seja gramatical. O PAR não é impositivo, já que há casos de ocorrência de haplologia em que o *output* resulta em choque de acentos, como em *mocida(DE) TÍpica*, por exemplo. Nessa sentença, as sílabas que carregam o acento lexical (em negrito) ficam adjacentes depois do processo fonológico. Portanto, o resultado de choque de acentos não bloqueia a queda de sílaba, apesar da diminuição na otimização do ritmo (resultado de choque acentual).

A tabela a seguir apresenta os dados obtidos por meio da análise métrica, na qual estão representados três tipos de organização de proeminência silábica, isto é, o resultado rítmico (x • x, x • • x e x x,) da aplicação de elisão silábica e haplologia:

Tabela de ocorrência de elisão silábica e haplologia, levando-se em consideração a estrutura rítmica depois da aplicação dos processos.

<i>Seqüência Rítmica</i>	<i>Elisão silábica</i>	<i>Haplologia</i>	<i>Total</i>
1. x • x	14	14	28
2. x • • x	2	10	12
3. x x	1	11	12
Total	16	34	52

A maior concentração de ocorrência de elisão silábica (13) e haplologia (13) se dá na estrutura rítmica original x • # • x, resultando em x # • x (cf. contexto 1 da tabela). Como se pode notar na tabela acima, os processos fonológicos ocorreram sempre em palavras cuja sílaba apagada é uma fraca, antecedida por uma sílaba forte, ou seja, há uma forte tendência ao PAR. Além disso, pode haver choque de acento resultante dos processos fonológicos.

Pode-se dizer então que, no que respeita à otimização rítmica, os dois processos se comportam da mesma maneira.

CONCLUSÕES FINAIS

O objetivo desta dissertação foi verificar se a elisão silábica e a haplologia são processos fonológicos regidos pelas mesmas propriedades segmentais e prosódicas. Além disso, foi observado se ambos os processos de queda de sílaba são usados do mesmo modo pelos falantes com relação ao ritmo.

Especificamente para a haplologia, a partir dos dados apresentados, conclui-se que as regras de Alkmim & Gomes (1982) são muito específicas, ao se considerar o português brasileiro em sua totalidade: existem falares no português brasileiro nos quais pode haver queda de sílabas cujas vogais tenham o traço diferente de [+alto] e as consoantes não precisam ser necessariamente /t/ e /d/. Os segmentos devem ser semelhantes, na medida em que o traço [sonoridade] não influi no bloqueio do processo. Como foi visto para a haplologia, o contexto segmental é o mesmo ponto de C e o mesmo valor para o traço [contínuo].

Com relação à hierarquia prosódica, a queda de sílaba pode ocorrer em qualquer nível, com predominância dentro de ϕ reestruturado, corroborando a análise de Tenani (2002) para a haplologia.

Quanto ao ritmo das sentenças em que pode haver haplologia, pôde-se notar na análise do *corpus* que lapsos acentuais são otimizados (de acordo com o PAR) e pode ocorrer o processo fonológico mesmo que haja resultado de choque de acento. Ademais, todas as sílabas elididas do *corpus* são pós-tônicas.

No que respeita à elisão silábica, esta dissertação conseguiu descrever (pela primeira vez, até onde sabemos) as propriedades segmentais que a regem. Para que haja queda total da sílaba na elisão silábica, o contexto segmental deve ser formado por consoantes que tenham um mesmo ponto de C e um mesmo valor para o traço [contínuo].

De acordo com a análise segmental realizada, nota-se que a elisão silábica e a haplologia são um mesmo processo fonológico que obedece à seguinte regra:

A queda de sílaba se dá se as consoantes envolvidas no processo tiverem o mesmo ponto de C e o mesmo valor para o traço [contínuo].

Em outras palavras, a elisão silábica e a haplologia ocorrem em contextos nos quais os segmentos consonantais envolvidos no processo tenham o mesmo ponto C, conforme a Geometria de Traços de Clements & Hume (1995), e devem também ter o mesmo valor para o traço [contínuo]. Com relação à prosódia, ambos os processos podem ocorrer em qualquer nível fonológico, e são utilizados ritmicamente da mesma forma pelos falantes.

Dessa forma, o esquema apresentado na introdução desta dissertação, em que se apresenta os processos fonológicos, deve ser corrigido da seguinte maneira:



Portanto, a conclusão geral desta dissertação é que a elisão silábica e a haplologia são o mesmo processo de queda de sílaba, regidos pelas mesmas propriedades segmentais (mesmo ponto de C e mesmo valor para [contínuo]) e prosódicas (aplicam-se em qualquer nível). Finalmente, são usados da mesma forma, com relação ao ritmo: há uma tendência ao PAR (sendo que lapsos acentuais são possíveis) e choques de acento não bloqueiam os processos.

BIBLIOGRAFIA

- Histórico da Comarca. Disponível em: <<http://www.capivari.sp.gov.br/historia/index.asp>>. Acesso em: 22 de maio de 2006.
- ABAURRE-GNERRE, M.B. (1979): 'Phonostylistic aspects of a Brazilian Portuguese dialect: implications for syllable structure constraints'. Doctorament. Buffalo: University of New York.
- ABERCROMBIE, D. (1967): *Elements of general phonetics*. Edinburgh: Edinburgh University Press.
- ALKMIM, T.M. & GOMES, C. (1982): Dois fenômenos de supressão de segmentos em limite de palavra. *Ensaio de Lingüística*, nº 7, pp. 43-51.
- AMARAL, A. (1920): *Dialeto caipira: gramática, vocabulário*. São Paulo: O Livro.
- AVGUSTINOVA, T. (2000): Gaining the perspective of language-family-oriented grammar design: predicative special clitics in Slavic. *Proceedings of GLiP-1, Workshop on Generative Linguistics in Poland, Warszawa, Poland, 13-14 November 1999* (ed. by Piotr Ban'ski and Adam Przepo'rkowski). IPI PAN, Institute of Computer Science, Polish Academy of Sciences, pages 5-14.
- BARBOSA, P.A. (2000): Syllable-timing in Brazilian Portuguese: uma crítica a Roy Major. *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, nº 2, pp. 369-402.
- BATTISTI, E. (2004): Haplologia sintática e efeitos da economia. *Organon*, Porto Alegre, RS, v. 18, n. 36.
- BECHARA, E. (1974): *Moderna gramática portuguesa*. 19ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- BEHAGHEL, O (1928): *Deutsche Syntax*. Vol.III: Die Satzgebilde. Heidelberg: Winter.
- BISOL, L. (1996): O sândi e a ressilabação. *Letras de Hoje*. Porto Alegre. v.31, n.2, p.159-168.
- _____ (2000): O troqueu silábico no sistema fonológico (Um adendo ao artigo de Plínio Barbosa). *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.º 2, 2000, pp. 403-13.
- _____ (2003): Sandhi in Brazilian Portuguese. *Probus* 15, pp. 177-200.
- BREITBARTH, A. (2004) "Auxiliary drop in Early Modern German". *Linguistics in the Netherlands*. Cornips, Leonie and Jenny Doetjes (eds.), 36-46.
- CARTER, A. K., & CLOPPER, C. G. (2002). Prosodic effects on word reduction. *Language and Speech*, 45, 321-353
- CHOMSKY, N. & HALLE, M. (1968): *The sound patters of English*. New York: Harper and Row.
- CLEMENTS, G.N. (1991): Vowel Height Assimilation in Bantu Languages. *Working Papers of Cornell Phonetics Laboratory* 5:37-74.
- _____ (2004): Feature Organization. *The Encyclopedia of Language and Linguistics*, 2nd ed. (Keith Brown ed.). Oxford: Elsevier Limited (to appear).
- CLEMENTS, G.N. & HUME, E.V. (1995): The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J.A. (org.): *The handbook of Phonological theory*. Cambridge, Oxford: Blackwell.
- CRYSTAL, D. (1985): *Dicionário de lingüística e fonética*. Trad. [da 2ª ed. inglesa de 1985]: Maria Carmelita Pádua Dias (2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- CRISTÓFARO-SILVA, T. (2002): *Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. 6ª ed. São Paulo: Contexto.
- De LACY, P. (1999): Morphological haplology and correspondence. In: De LACY, Paul & NOWAK, Anita (eds.) University of Massachusetts Occasional Papers: *Papers from the 25th Reunion*. Amherst, MA: GLSA, 1999. (ROA 289).

- ENGSTRAND, O. & KRULL, D. (2001): Segment and syllable reduction: preliminary observations. *Working Papers* 49, 26–9.
- FROTA, S. (1998): ‘Prosody and Focus in European Portuguese’. Tese de Doutorado. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- GOLDSMITH, J. (1976): ‘Autosegmental Phonology’. Ph.D. Dissertation. Cambridge MA: MIT.
- _____ (1990): *Autosegmental and Metrical Phonology*. Oxford: Blackwell.
- GONÇALVES, C.A.V. & VAZQUEZ, R. P. (2005). Fla X Flu no Maraca: uma análise otimalista do truncamento no português do Brasil. *In*: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno14-08.html>.
- GOUSKOVA, M. (2003): ‘Deriving economy: syncope in Optimality Theory’. University of Massachusetts, Amherst: Ph.D. Dissertation.
- GUIMARÃES, M. (1998): ‘Repensando a interface sintaxe-fonologia a partir do axioma de correspondência linear’. Dissertação de Mestrado. Unicamp, Campinas.
- HARRIS, J.W. (1969): *Spanish Phonology*. Cambridge, MIT Press.
- HOUAISS, A. (2001): *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.0. Editora Objetiva.
- JANDE, P.A. (2003) Evaluating rules for phonological reduction in Swedish. *Proc Fonetik*, 149–152.
- KURISU, K. (2001): ‘The Phonology of Morpheme Realization’. University of Santa Cruz: Ph. D. Dissertation.
- LAWRENCE, W.P. (1998): Haplology and vowel underspecification. *Report of the special research project for the typological investigation of the languages and cultures of the east and west*, 381-388.
- LEBEN, W. (1973): ‘Suprasegmental Phonology’. MIT: Ph.D. Dissertation.
- LEE, S-H. (1994): A Regra do Acento do Português: Outra Alternativa. *Letras de Hoje* 98, PUC-RS, v. 98, p. 43-53.
- MALAMUD, S.A. (2004): The puzzle of language change. *In*: http://www.ling.upenn.edu/courses/Summer_2004/ling001/lecture7.html.
- MASILON, T. & ROSS, K. (1996): ‘Weak Syllable Deletion: an Articulatory Phonological Account’. UCLA ms.
- MASSINI-CAGLIARI, G. (1992): *Acento e Ritmo*. São Paulo: Contexto.
- _____ (1995): ‘Cantigas de Amigo: do Ritmo Poético ao Lingüístico – um estudo do percurso histórico da acentuação em português’. Tese de Doutorado. Campinas, UNICAMP.
- McBRIDE, A.I. (2004): ‘A Constraint-Based Approach to Morphology’. Dissertation PhD. University of California.
- McCARTHY, J. (1986): OCP effects: gemination and antigemination. *Linguistic Inquiry* 17, pp.207-63.
- MENN, L. & McWhinney, B. (1984): The Repeated Morph Constraint: toward an Explanation. *Language* 60, 519-541.
- MERCADO, A. (2001): Phonology and poetics: The Problem of Greek amphiphoreús and amphoreús. Presented at the American Philological Association Annual Meeting, San Diego, Ca., Jan. 4, 2001.
- MILLER, P. (1992): *Clitics and Constituents in Phrase Structure Grammar*. New York, London: Garland Publishing, Inc.
- NESPOR, M. & VOGEL, M. (1986): *Prosodic phonology*. Dordrecht: Foris Publications.
- NEELEMAN, A. & KOOT, Hans (2004). Syntactic OCP effects. UCL: ms.

- NOGUEIRA, M.V. (em prep.). ‘Aspectos segmentais dos processos de sândi vocálico externo em PB’. Dissertação de Mestrado. FFLCH-USP.
- ORTMANN, A. & POPESCU, A. (2000): “Haplology involving morphologically bound and free elements: evidence from Romanian”. AP No. 118. In: <http://www.phil-fak.uni-duesseldorf.de/sfb282/C9/SFBPapierRum.PDF>.
- PLAG, I. (1998): Morphological haplology in a constraint-based morpho-phonology. In: Wolfgang Kehrein and Richard Wiese (eds.) *Phonology and Morphology of the Germanic Languages*, 199-215. Tübingen: Niemeyer.
- PIÑEROS, C.E. (2000): Foot-sensitive Word Minimization in Spanish. *Probus* 12(2), 291-324.
- RIVERO, M.L. (2005). Topics in Bulgarian Morphology and Syntax: A Minimalist Perspective. *Lingua* 115:1083-1128.
- ROCHA LIMA, C.H. (1972): *Gramática normativa da língua portuguesa*. 15ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio.
- RUSSEL, K. (1999): ‘MOT: sketch of an OT approach to morphology’. MS, University of Manitoba.
- SÁ NOGUEIRA, R. (1958): *Tentativa de Explicação dos Fenômenos Fonéticos em Português*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- SELKIRK, E.O. (1984): *Phonology and Syntax: the relation between sound and structure*. Cambridge, Mass: MIT Press.
- STEMBERGER, J.P. (1981): Morphological haplology. *Language* 57, nº4, pp. 791-817.
- TENANI, L. E. (2002): ‘Domínios prosódicos no português do Brasil.’ Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp.
- TRASK, R. L. (2004): *Dicionário de linguagem e lingüística*. Tradução e adaptação: Rodolfo Ilari. São Paulo: Editora Contexto.
- WETZELS, L. (1992): Mid Vowel Neutralization in Brazilian Portuguese. *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, 23: 19-55.
- WEIJER, J. (2003): Consonant variation within words. In: Archer, D. , P. Rayson, A. Wilson and T. McEnery (eds) *Proceedings of the Corpus Linguistics 2003 conference*.
- YOON, J.H-S (2002). Non-morphological determination of nominal affix ordering in Korean. In: Lorie Heggie and Francisco Ordonez (eds.), *Theoretical Perspectives on Clitic and Affix Combinations*. Amsterdam/Philadelphia, John Benjamins, to appear.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)